

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
ANTONIO CARLOS OLIVEIRA

**ACONSELHAMENTO PASTORAL COM ADOLESCENTES EM LUTO NA  
CONTEMPORANEIDADE**

São Leopoldo

2023



ANTONIO CARLOS OLIVEIRA

**ACONSELHAMENTO PASTORAL COM ADOLESCENTES EM LUTO NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia

Professora Orientadora: Dra. Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48a Oliveira, Antonio Carlos

Aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade / Antonio Carlos Oliveira ; orientadora Gisela Isolde Waechter Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.

135 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Aconselhamento pastoral. 2. Adolescentes. 3. Luto. I. Streck, Gisela Isolde Waechter, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANTONIO CARLOS OLIVEIRA

**ACONSELHAMENTO PASTORAL COM ADOLESCENTES EM LUTO NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 31 de março de 2023

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> GISELA ISOLDE WAECHTER STRECK (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. NILTON ELISEU HERBES (EST)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> VANESSA RAQUEL DE ALMEIDA MEIRA (UNASP)  
Participação por webconferência

Assinado digitalmente  
por  
Gisela Isolda Waechter  
Streck.  
Data: 20/04/2023  
10:11:48 -03:00



Assinado  
digitalmente por  
Nilton Eliseu Herbes  
Data: 20/04/2023  
11:26:17 -03:00





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço principalmente a Deus, que me concedeu a oportunidade de realizar o mestrado em teologia. Pela força nos momentos difíceis, por me permitir concluir este trabalho e pelas pessoas maravilhosas que ele colocou em meu caminho nesta jornada acadêmica.

À professora Dra. Gisela Isolde Waechter Streck, minha orientadora, que me ajudou na organização da pesquisa, por sua disponibilidade e profissionalismo acadêmico. Por sua paciência comigo e por suas palavras de compreensão nos momentos difíceis. Por seu aconselhamento pastoral em meio às dificuldades pessoais que vivenciei durante esses anos.

Ao pastor emérito Me. Edson Edilio Streck, por seu incentivo e encorajamento para que eu iniciasse esse estudo de pós-graduação. Ao professor Dr. Nilton Eliseu Herbes, que me acompanhou nos estudos anteriores da especialização em aconselhamento pastoral, onde encontrei as temáticas do luto e da adolescência pela primeira vez. Ao professor Dr. Rodolfo Gaede Neto, que me ajudou a formular as primeiras ideias e delimitações a respeito do projeto de pesquisa para a obtenção de bolsa de estudos.

À Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), especialmente ao setor de projetos da IECLB, pela ajuda financeira com a concessão de bolsa parcial para o pagamento do mestrado acadêmico, que possibilitou a realização desta formação. Às Faculdades EST, pela concessão de desconto parcial para o pagamento do mestrado acadêmico, que viabilizou a quitação dos valores desta formação. Minha gratidão às pessoas funcionárias e colaboradoras dessas duas instituições pelo trabalho e dedicação.

Ao estudante de teologia Gabriel Henrique Pinto de Oliveira, pela ajuda com as leituras e seleção de bibliografias, por ter sido um parceiro de pesquisa e um amigo atencioso. A Priscila Ruppenthal Saldanha, pela revisão ortográfica e formatação do texto, por suas preciosas dicas e por sua amizade.

À minha filha adolescente Maria Eduarda Böning Oliveira, por seu apoio, seus abraços carinhosos e por me incentivar a concluir a dissertação. Ao meu filho Gustavo Böning Oliveira, por ser uma criança compreensiva às minhas ausências. Por serem minhas maiores motivações no estudado e no trabalho para que eu siga me aperfeiçoando como pessoa e profissionalmente.

À minha amada esposa Edneia Böning Oliveira, o meu especial agradecimento, pela sua presença, paciência e constante incentivo, me fazendo acreditar que era possível finalizar essa dissertação de mestrado. Por ter sido, nesses anos, minha parceira de leitura e pesquisa, por ter feito sempre a primeira revisão desses escritos. Por ter me apoiado emocionalmente nos momentos mais difíceis e por me ajudar a superar mais este desafio.



## RESUMO

A presente dissertação aborda o aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade. A pesquisa realiza uma investigação bibliográfica sobre conceitos e definições de adolescência, luto e aconselhamento pastoral nos dias atuais. Constata que mudanças físicas e mentais advindas da puberdade apresentam à pessoa adolescente uma nova condição de vida e de participação na sociedade. É possível encontrar na adolescência definições que envolvem aspectos biológicos, culturais e sociais para caracterizar essa fase da vida. Esclarece que, mesmo sendo possível definir a adolescência em traços gerais, válidos para qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, a adolescência é também algo único e próprio de cada indivíduo. Sendo, portanto, particular para cada adolescente os desdobramentos desta transição para a fase adulta. Três questões são apresentadas como relevantes na contemporaneidade, são elas identidade, redes sociais e ritos de passagem. Observa-se que as identidades na sociedade pós-moderna estão sempre em construção, reconstrução e reajustes, exigindo das pessoas adolescentes constante flexibilidade. As redes sociais apresentam novos instrumentos de conexão virtual e novas formas de relacionamentos, exigindo novas competências e habilidades. Os ritos de passagem, vividos na forma de ritos de iniciação para a vida adulta, ultrapassam os espaços denominacionais das igrejas e se mostram em esferas seculares da vida de adolescentes. Diante desses aspectos, a adolescência pede por cuidado e atenção por parte de familiares e de profissionais que interagem com pessoas nessa idade. Na sequência, a pesquisa explora a temática do luto. A vivência do luto pela morte de uma pessoa próxima significa uma experiência dolorosa. Para as pessoas adolescentes, esse sofrimento pode também estar atrelado à dificuldade de expressar a sua dor. Coube, nesse sentido, investigar definições gerais sobre luto, fases e tarefas do luto e luto na pandemia de coronavírus para então aprofundar a questão do luto vivido pelas pessoas adolescentes. Percebe-se que fatores da vida infantil como as perdas clássicas, o temperamento e a autonomia interferem na vivência do luto. Outro fator que chama a atenção se refere ao uso da internet e de aplicativos de relacionamento para se expressar o luto e interagir com as pessoas enlutadas. Após se ocupar com aspectos relevantes e contextuais da adolescência e do luto, a pesquisa tratou sobre o aconselhamento pastoral na contemporaneidade e sobre a escuta empática apresentando alguns conceitos e definições, investigou sobre atendimentos em nível individual, em grupos de apoio e diante das novas tecnologias de comunicação. As informações colhidas permitiram, na parte final da dissertação, explorar o aconselhamento pastoral com pessoas adolescentes enlutadas a partir de espaços de confiança e acolhimento, citando três exemplos: cultos comunitários, ensino confirmatório e grupos de jovens. No trabalho com adolescentes em luto, se verifica a relevância e a aplicabilidade de uma escuta dinâmica e empática por parte das pessoas agentes da pastoral. Também se constata a importância de redes de apoio para adolescentes em luto, que podem atuar na visitação e na realização de encontros de grupos de convivência que reflitam sobre a temática do luto.

**Palavras chaves:** Adolescência, luto, aconselhamento pastoral.



## ABSTRACT

The present thesis deals with pastoral counseling with mourning adolescents in contemporary times. The research carries out a bibliographical investigation on concepts and definitions of adolescence, mourning and pastoral counseling in the present day. It notes that physical and mental changes resulting from puberty present the adolescent person with a new condition of life and participation in society. It is possible to find in adolescence definitions that involve biological, cultural and social aspects to characterize this phase of life. It clarifies that, even though it is possible to define adolescence in general terms, valid for anyone in any part of the world, adolescence is also something unique and specific to each individual. Therefore, the consequences of this transition to adulthood are particular for each adolescent. Three issues are presented as relevant in contemporary times, they are identity, social networks and rites of passage. It is observed that identities in postmodern society are always under construction, reconstruction and readjustments, demanding constant flexibility from adolescents. Social networks present new tools for virtual connection and new forms of relationships, requiring new skills and abilities. The rites of passage, experienced in the form of initiation rites for adult life, go beyond the denominational spaces of the churches and are shown in secular spheres of the lives of adolescents. Given these aspects, adolescence requires care and attention from family members and professionals who interact with people at this age. Next, the research explores the theme of mourning. The experience of mourning the death of a close person implies a painful experience. For adolescents, this suffering may also be linked to the difficulty of expressing their pain. In this sense, it was necessary to investigate general definitions about mourning, stages and tasks of mourning and mourning in the coronavirus pandemic to then deepen the issue of mourning experienced by adolescents. It is noticed that factors of childhood life such as classic losses, temperament and autonomy interfere with the experience of mourning. Another factor that draws attention refers to the use of the internet and relationship apps to express grief and interact with bereaved people. After dealing with relevant and contextual aspects of adolescence and mourning, the research dealt with contemporary pastoral counseling and empathic listening, presenting some concepts and definitions, investigating individual care, support groups and new technologies of communication. The information collected allowed, in the final part of the thesis, to explore pastoral counseling with bereaved adolescent people from spaces of trust and acceptance, citing three examples: community services, confirmation classes and youth groups. When working with grieving adolescents, the relevance and applicability of a dynamic and empathetic listening on the part of the pastoral agents is verified. It is also noted the importance of support networks for adolescents in mourning, which can act in visitation and in holding meetings of communal interaction groups that reflect on the theme of mourning.

**Keywords:** Adolescence, mourning, pastoral counseling.



# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 ADOLESCÊNCIA: ALGUMAS CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS .....</b>	<b>21</b>
2.1.1 Puberdade, um conceito biológico.....	23
2.1.2 Adolescência, um conceito cultural .....	26
2.1.3 Juventude, um conceito social .....	32
<b>2.2 ADOLESCÊNCIA: ALGUMAS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS.....</b>	<b>34</b>
2.2.1 Adolescência e identidade .....	34
2.2.2 Adolescência e redes sociais.....	40
2.2.3 Adolescência e dependência da internet.....	45
2.2.4 Adolescência e ritos de passagem.....	48
<b>3 A VIVÊNCIA DO LUTO POR PARTE DE ADOLESCENTES.....</b>	<b>53</b>
<b>3.1 LUTO: ALGUMAS DEFINIÇÕES .....</b>	<b>53</b>
3.1.1 Luto, fases e tarefas .....	54
3.1.2 Luto virtual .....	62
3.1.3 Luto na pandemia de coronavírus .....	65
<b>3.2 O LUTO POR PARTE DE ADOLESCENTES.....</b>	<b>71</b>
3.2.1 Fatores da vida infantil que interferem no luto de adolescentes .....	72
3.2.2 Adolescentes e a vivência do luto .....	76
3.2.3 Adolescência, luto e internet.....	81
<b>4 ACONSELHAMENTO PASTORAL COM ADOLESCENTES EM LUTO .....</b>	<b>87</b>
<b>4.1 POIMÊNICA E ACONSELHAMENTO PASTORAL NA CONTEMPORANEIDADE:     ALGUNS CONCEITOS E ALGUMAS DEFINIÇÕES.....</b>	<b>88</b>
<b>4.2 EXERCÍCIO DA ESCUTA EMPÁTICA .....</b>	<b>93</b>
<b>4.3 ACONSELHAMENTO PASTORAL COM PESSOAS ENLUTADAS .....</b>	<b>98</b>
4.3.1 Aconselhamento pastoral individual.....	99
4.3.2 Aconselhamento pastoral em grupos de apoio .....	101
4.3.3 Aconselhamento pastoral em novas tecnologias de comunicação .....	105
<b>4.4 ACONSELHAMENTO PASTORAL COM PESSOAS ADOLESCENTES ENLUTADAS     .....</b>	<b>107</b>
<b>4.4.1 Espaços de confiança e de acolhimento .....</b>	<b>108</b>
4.4.1.1 Cultos comunitários .....	108
4.4.1.2 Ensino Confirmatório .....	109
4.4.1.3 Grupos de Jovens.....	111
<b>4.4.2 Aplicabilidade da escuta dinâmica e empática .....</b>	<b>113</b>
<b>4.4.3 Importância de redes de apoio para adolescentes em luto .....</b>	<b>117</b>
4.4.3.1 Visitação para adolescentes em luto .....	118
4.4.3.2 Grupos de convivência para adolescentes em luto .....	121
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>



# 1 INTRODUÇÃO

“Consolai-vos, pois, uns aos outros e edificai-vos reciprocamente, como também estais fazendo.”<sup>1</sup>(1 Tessalonicenses 5.11).

O texto bíblico exorta que o ato de consolar é uma exigência cristã que motiva a práticas concretas de apoio às pessoas que passam por dificuldades e sofrimentos. A vivência do luto, quando da morte de um familiar ou pessoa próxima, pode significar uma experiência de sofrimento. Pessoas na fase da adolescência também podem ter diante de si a tarefa de encarar o luto pela perda de um ente querido. Esta dissertação busca conhecer e aprofundar algumas questões a respeito do aconselhamento pastoral com pessoas adolescentes na vivência do luto nos dias atuais.

Em grande parte da minha vida, tenho buscado o envolvimento no trabalho com adolescentes e jovens no contexto das comunidades de fé onde atuei. Eu sou de origem católica, mas aos 16 anos conheci a igreja luterana e comecei a participar na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Céu Azul/PR. Nesse espaço comunitário, me senti acolhido e valorizado, fiz parte do grupo da juventude evangélica, do grupo de danças folclóricas alemãs, do coral da igreja, ajudei a organizar encontros, teatros e retiros, toquei violão em cultos. Nessa época, de maneira positiva, me chamou atenção a atuação do pastor e de outras lideranças no trabalho com jovens, que motivaram para a convivência, o diálogo e o envolvimento com as atividades comunitárias. Dessa forma, eu percebi que fazia parte de uma comunidade e que a minha participação era importante. Acredito que essa participação na Igreja Luterana foi determinante para minha vida em muitos sentidos. Certamente ajudou a formar minha identidade, os meus valores e a minha vocação.

Foi nesse contexto da comunidade evangélica de confissão luterana que aos 18 anos vivi, pessoalmente, uma experiência de luto com o falecimento de uma tia, irmã do meu pai, que eu estimava muito. Essa perda despertou em mim muitos

---

<sup>1</sup> BIBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

questionamentos e dúvidas. Na época não conversei com o pastor local sobre esse assunto, não sabia da possibilidade de um aconselhamento pastoral. Hoje tenho certeza de que ter um apoio pastoral para conversar sobre o luto teria ajudado a enfrentar esse momento. Penso que, em parte, essa experiência de luto foi responsável também pela minha decisão de estudar teologia, para conhecer e entender mais sobre a salvação e a vida eterna, mas também para saber como ajudar pessoas que estão enlutadas e sentindo a dor da perda em seus corações.

Em minha experiência ministerial, sendo pastor ordenado da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB desde 2006, tive a oportunidade de acompanhar adolescentes em diversas atividades nas comunidades onde trabalhei. Entre essas atividades estão: ensino confirmatório, grupos de jovens, formação de jovens líderes, produzir materiais e coordenar eventos para jovens. Mais recentemente, na Pastoral da Faculdades EST, função ministerial que desempenho desde 2016, tenho a oportunidade de atuar junto a estudantes de teologia, música e musicoterapia e colaborar na formação teológica de futuros ministros, futuras ministras e outras lideranças da IECLB. Em vários momentos da atuação pastoral, me deparei com adolescentes que passavam, em muitos casos, pela primeira experiência de luto com a perda de um familiar ou pessoa amiga. Nessas ocasiões procurei ajudar dentro de minhas possibilidades e com o conhecimento aprendido na minha graduação em teologia. Mas, de certa forma, me sentia despreparado para auxiliar de forma mais eficaz as pessoas adolescentes enlutadas e suas famílias na vivência do luto. O reconhecimento dessa limitação despertou em mim o interesse de pesquisar mais os temas relacionados ao aconselhamento pastoral, o luto e a adolescência. Em 2019 eu concluí uma especialização em aconselhamento pastoral na Faculdades EST e apresentei um artigo orientado pelo professor doutor Nilton Eliseu Herbes com o título: A vivência do luto para adolescentes. Esse estudo de especialização foi muito importante para mim e através dele pude constatar a amplitude e necessidade de novas pesquisas sobre esses temas. O mestrado acadêmico veio a ser mais um passo no aprofundamento dessas temáticas e mais especificamente sobre o aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade.

Com base em minha experiência prática no ministério pastoral, compreendo que o aconselhamento pastoral é uma ferramenta importante no trabalho pastoral



para acompanhar pessoas em meio às intempéries da vida. Tenho feito uso desses conhecimentos e métodos para o trabalho pastoral e percebo sua eficácia. Porém, percebi que em minha prática pastoral de aconselhamento me dedicava mais ao acompanhamento de pessoas adultas que eu encontrava na visitação ou que recorriam à igreja em busca de consolo e orientação espiritual. Quase não realizava aconselhamento pastoral com adolescentes e jovens, dedicava a esses públicos, na maioria do tempo, atividades integrativas onde se sobressaiam momentos de convivência, louvor e formação cristã. Movido pelos estudos e descobertas acadêmicas, me perguntei então: Não estariam também, em algum momento, as pessoas adolescentes necessitadas de aconselhamento pastoral? Será que minha maneira de realizar o aconselhamento pastoral estaria sendo acessível e inclusiva às pessoas adolescentes? De que forma o trabalho do aconselhamento pastoral com adolescentes e jovens poderia ser mais presente com adolescentes que vivenciam o luto pela perda de pessoas da família? Esses e outros questionamentos me levaram a escolher temas do aconselhamento pastoral, do luto e da adolescência como objetos de minhas pesquisas nesses últimos anos.

Nesta dissertação de mestrado, se apresenta a observação de alguns aspectos do amplo e complexo assunto que são os temas da adolescência, do luto e do aconselhamento pastoral, fazendo uma conexão entre esses três grandes tópicos. Diante disso, apresenta-se como problematização questões a respeito do trabalho das pastorais, grupos de apoio, grupos de convivência, ensino confirmatório e grupos de jovens. No trabalho com esses públicos, as pessoas agentes da pastoral, ministros religiosos, ministras religiosas ou outras lideranças comunitárias, têm a necessidade de contato e diálogo com pessoas adolescentes e suas demandas no campo existencial, afetivo e de relacionamentos. Nesse sentido, a pessoa responsável pelo aconselhamento pastoral pode se perguntar: O que é a adolescência? O que acontece com as pessoas na fase da adolescência? Como se dão as relações com a família, amigos, a escola e a comunidade de fé? De que forma a sociedade pós-moderna trata e afeta as pessoas na adolescência? Como acompanhar pastoralmente adolescentes? De que forma o aconselhamento pastoral pode contribuir para o enfrentamento e superação das dificuldades enfrentadas pelas pessoas na adolescência? Haveria alguma forma mais específica para realizar o aconselhamento com adolescentes? Que outras formas de comunicação poderiam

ser exploradas no aconselhamento pastoral? Como se caracteriza a escuta no aconselhamento pastoral? Como realizar uma escuta eficiente? Qual o papel do aconselhamento pastoral nos grupos de apoio? Quem realiza a tarefa do aconselhamento pastoral? De que maneira a comunidade e a escola podem ser espaços de escuta para acolher adolescentes que vivem dilemas ou passam por problemas? Seria possível e benéfico formar uma equipe para realizar aconselhamento? Seria possível motivar e empoderar adolescentes para que assumissem uma postura mais ativa e protagonista em relação à tarefa do aconselhamento pastoral? Seria possível realizar aconselhamento pastoral nas escolas envolvendo a comunidade religiosa? Quais os aspectos missionários e diaconais do aconselhamento pastoral no trabalho com adolescentes? Todas as questões anteriores conduzem à reflexão para a pergunta central: Como a atividade do aconselhamento pastoral realizada individualmente ou em grupos de apoio pode ser importante para que adolescentes encontrem acolhimento e orientação diante de situações de luto para enfrentar seus dilemas e dificuldades na sociedade contemporânea?

Na busca de possíveis respostas para estas perguntas geradoras, se propõe, nesta pesquisa, três hipóteses, as quais serão explicitadas, comprovadas ou não no decorrer dos capítulos e conclusão da dissertação. Primeira hipótese, a adolescência é um tempo de mudanças físicas e psicológicas. A sociedade pós-moderna influencia os campos da identidade, da espiritualidade e dos relacionamentos. Quem está vivendo o luto nessa fase precisa de apoio da família, na escola e na comunidade de fé. Segunda hipótese, o aconselhamento pastoral é uma atividade importante para acompanhar pessoas adolescentes. Algumas técnicas de comunicação, como escuta, podem ser utilizadas e adaptadas para que melhor se possa interagir com pessoas adolescentes enlutadas. Terceira hipótese, o trabalho de agentes de pastoral em uma comunidade religiosa ou instituição de ensino é muito importante e representa uma valiosa contribuição para a formação humana, aportando especialmente na superação de dificuldades enfrentadas pelas pessoas adolescentes enlutadas nos campos relacionais, emocionais e espirituais.

Com base na análise dessas hipóteses elencadas, se define que o objetivo geral deste trabalho dissertativo é investigar a respeito do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade. Para isso, será necessário

perseguir os seguintes objetivos específicos: conceituar e definir termos como adolescência, luto, luto virtual, aconselhamento pastoral, escuta e grupos de apoio; verificar as principais mudanças físicas, mentais e psicológicas que acontecem no transcorrer do período da puberdade e adolescência; analisar como ocorre a adolescência na sociedade contemporânea e suas múltiplas implicações para as pessoas nesse período da vida; conceituar luto, fases do luto e luto virtual e verificar como a pessoa adolescente vivencia o luto na contemporaneidade; verificar como se relacionam a adolescência e redes sociais da internet na questão da vivência e manifestação do luto; abordar as contribuições do aconselhamento pastoral no acompanhamento de adolescentes em luto; refletir sobre a importância da comunicação e em especial da escuta no aconselhamento pastoral com adolescentes em luto; refletir sobre o papel da comunidade de fé como promotora de espaços de escuta para adolescentes em situação de sofrimento e com dilemas existenciais causados pela experiência do luto; analisar dinâmicas e atividades em grupo ou individuais que possibilitem ao agente da pastoral uma escuta mais eficaz na comunicação com pessoas adolescentes enlutadas.

De maneira particular, esta dissertação de mestrado se ocupa com a investigação e análise geral de conceitos a respeito da adolescência, do luto e do aconselhamento pastoral, partindo sempre de aspectos amplos para questões mais específicas. Em especial, buscando analisar como a atividade do aconselhamento pastoral pode acontecer com adolescentes em luto nos dias atuais. Como demonstrado no sumário, a pesquisa se ocupará com várias questões relacionadas à adolescência: definições sobre adolescência na contemporaneidade; principais mudanças físicas, neurológicas e psicológicas nessa fase; conceitos sobre a vida adolescente na sociedade pós-moderna, questões de identidade e ritos de passagem; a conexão da adolescência com a internet, utilização das redes sociais como ferramenta de informação, comunicação, socialização e também a dependência que a internet pode gerar nas pessoas adolescentes. Tratará questões relacionadas ao luto: definições de fases e tarefas do luto; luto virtual e as expressões de luto na internet e redes sociais; fatores da infância que interferem no luto; vivência do luto por parte de adolescentes; luto e pandemia de coronavírus, mudanças da vivência do luto nesse período. A pesquisa abordará também questões relacionadas ao aconselhamento pastoral: definições sobre poimênica e

aconselhamento pastoral; escuta empática; aconselhamento pastoral com pessoas enlutadas, no atendimento individual e em ambientes de grupos de apoio e visitação; a pesquisa buscará identificar formas de aconselhamento pastoral que sejam mais eficazes no aconselhamento com adolescentes em luto nos dias atuais.

No primeiro capítulo desta dissertação de mestrado, a pesquisa abordará algumas concepções sobre a adolescência que se tem atualmente. Esta parte apresenta três subdivisões que investigam a puberdade como conceito biológico, a adolescência como conceito cultural e a juventude como conceito social. Há um breve apanhado sobre as principais definições sobre adolescência nos últimos anos. Na sequência, a pesquisa se ocupará com algumas questões pertinentes à adolescência na contemporaneidade. Trata-se de quatro temas que abordam a identidade, as redes sociais, dependência da internet e os ritos de passagem. Com essa abordagem inicial tratando-se da adolescência e sua especificidade, pretende-se elucidar a terminologia, as definições e os principais conceitos empregados para se abordar a questão da adolescência na contemporaneidade. Pavimentando-se assim o caminho para o aprofundamento nas questões do luto vivido por pessoas adolescentes e do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto.

No segundo capítulo, trataremos sobre o luto. Sabe-se que a morte de um familiar é uma situação enfrentada por muitas pessoas em diferentes contextos e idades. Essa realidade também atinge adolescentes nas comunidades, nas escolas e outras instituições de permanência de pessoas adolescentes. Constantemente encontram-se adolescentes sofrendo com a morte de uma pessoa próxima ou estimada. É perceptível que a perda de um parente, principalmente a morte do pai ou a morte da mãe, traz sérias consequências e implica grandes mudanças na rotina de vida das pessoas adolescentes. Por outro lado, a adolescência também é um período de intensos relacionamentos e dúvidas existenciais. A pesquisa irá investigar como as pessoas adolescentes vivenciam o luto na contemporaneidade. Para isso, buscar-se-á por definições sobre o luto, fases e tarefas do luto, luto virtual e luto na pandemia de coronavírus. Em seguida far-se-á uma relação entre a adolescência e a vivência do luto com a intenção de identificar e entender como o luto acontece nesse período, visando o apoio às pessoas adolescentes.

No terceiro capítulo, será abordado o aconselhamento pastoral com adolescentes em luto. Inicialmente com a pesquisa de alguns conceitos e algumas

definições a respeito da poimênica e do aconselhamento pastoral na contemporaneidade, buscando compreender melhor sobre bases fundamentais deste assunto. Em linhas gerais, também se buscará pela contribuição da escuta empática e se refletirá a respeito do aconselhamento pastoral com pessoas enlutadas, estudando como acontece o aconselhamento pastoral individualmente, em grupo e através das novas tecnologias de comunicação. A parte final deste último capítulo tratará sobre o aconselhamento pastoral com pessoas adolescentes enlutadas. Nessa parte, a pesquisa se propõe a identificar espaços de confiança e acolhimento no contexto de comunidades e escolas, observará a aplicabilidade da escuta dinâmica e empática e a importância de redes de apoio para adolescentes em luto no viés da visitação e dos grupos de convivência.

A pesquisa tem como tarefa um apanhado exploratório a partir de material bibliográfico físico e online. A dissertação foi elaborada a partir de publicações já realizadas em livros, artigos científicos, revistas e sites da internet, disponibilizados em sua grande maioria através da biblioteca da Faculdade EST em São Leopoldo/RS. Outros materiais se encontram em monografias e dissertações de lato sensu, mestrado e doutorado realizados nos cursos de pós-graduação da Faculdade EST. A pesquisa levará em consideração a contribuição de vários autores e várias autoras de cada área, visando a melhor compreensão dos temas na atualidade. A dissertação, como um todo, pretende colaborar para uma melhor compreensão desta temática, bem como contribuir para a continuidade de estudos nessa área e para a produção de novas pesquisas e atividades com grupos de adolescentes.



## **2 ADOLESCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE**

A adolescência é um período na vida das pessoas marcado por significativas mudanças físicas, mentais e sociais. Essas transformações que acontecem em virtude do desenvolvimento biológico natural são também influenciadas e complementadas por fatores sociais e culturais. Na adolescência vivida na pós-modernidade, estão presentes sentimentos confusos a respeito da própria identidade. Com as redes sociais da internet, os relacionamentos também enfrentam modificações e os ritos de passagem vividos nas igrejas tradicionais não fornecem mais todo sentido para a vida na contemporaneidade. As experiências colhidas nessa fase vão, em grande medida, incidir sobre as escolhas das pessoas ao longo de toda a vida.

Na primeira parte deste capítulo, a pesquisa abordará algumas concepções sobre a adolescência que se tem atualmente. Esta parte apresenta três subdivisões que investigam a puberdade como conceito biológico, a adolescência como conceito cultural e a juventude como conceito social. Há um breve apanhado das principais definições sobre adolescência nos últimos anos. Na segunda parte deste capítulo, a pesquisa se ocupará com algumas questões pertinentes à adolescência na contemporaneidade. Trata-se de três temas que abordam a adolescência e a identidade, as redes sociais e os ritos de passagem. A pesquisa pretende colaborar para uma melhor compreensão desta temática, bem como contribuir para a relação entre adolescência, luto e aconselhamento pastoral.

### **2.1 ADOLESCÊNCIA: ALGUMAS CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS**

Conceituar a fase da vida definida como adolescência é uma tarefa árdua. Porém, é imprescindível para o estudo desse período da vida. Percebe-se, nesse sentido, que é necessário levar em consideração alguns fatores importantes. Dentre eles se destacam os fatores biológicos e os fatores socioculturais e históricos que se consolidam de maneiras diferentes em cada época nas sociedades ao redor do mundo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina no Art. 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”<sup>2</sup> O mesmo artigo do ECA acrescenta em parágrafo único: “Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.”<sup>3</sup>

O dicionário brasileiro de língua portuguesa Michaelis aponta para as mudanças advindas nessa idade e apresenta a seguinte definição para o termo adolescência: “Período do desenvolvimento humano, entre a puberdade e a idade adulta, durante o qual ocorrem mudanças físicas, como o crescimento acelerado e a maturidade sexual e alterações psicológicas e sociais.”<sup>4</sup>

A origem da palavra adolescência vem do latim *ad* (para) e *olescer* (crescer). Designa nos seres humanos o processo ou o estado de desenvolvimento e o crescimento da pessoa tanto do ponto de vista físico como mental,<sup>5</sup> bem como o amadurecimento para as questões emocionais e a consciência de suas responsabilidades com as outras pessoas e com a sociedade.

Outra concepção epistemológica vem do termo latino *adolescere* (adoecimento).<sup>6</sup> O que leva a caracterizar essa fase da vida como uma etapa de sofrimento e inadequação até sua superação e entrada na fase adulta. José Ottoni Outeiral comenta que:

[...] temos assim, nesta dupla origem etimológica, um elemento para pensar essa fase da vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa da vida).<sup>7</sup>

Pejorativamente, outra terminologia que se agregou recentemente às definições de adolescência é o neologismo “aborrescência”, que é usado para definir

---

<sup>2</sup> BRASIL, Governo Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei no 8.069 de 13 de junho de 1990. Brasília: 2019. p. 15. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>3</sup> BRASIL, 2019, p. 15.

<sup>4</sup> ADOLESCÊNCIA. In: **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis On-line**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adolesc%C3%Aancia/>. Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>5</sup> OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 6.

<sup>6</sup> OUTEIRAL, 1994, p. 6.

<sup>7</sup> OUTEIRAL, 1994, p. 6.



negativamente esta etapa da vida como aborrecida ou causadora de aborrecimento para outras pessoas. “O termo ‘aborrecente’ foi cunhado e é recorrentemente utilizado para aludir tanto à fisionomia contrafeita e entediada que muitos adolescentes apresentam quanto ao aborrecimento que causam aos adultos, à família, professores, etc.”<sup>8</sup> As mudanças hormonais produzidas pela chegada da criança à puberdade são usadas como justificativas para os comportamentos tidos pelas pessoas adultas como inadequados ou não convencionais.

Para Luciana Santos Bispo, puberdade, adolescência e juventude são três terminologias que se complementam na pesquisa a respeito dessa fase da vida. A medicina, a psicologia, a pedagogia, a sociologia e a antropologia, entre outras ciências, se apropriam destes termos para designar diferentes abordagens e aspectos particulares no processo de desenvolvimento humano.<sup>9</sup>

### 2.1.1 Puberdade, um conceito biológico

Luís Antonio Groppo comenta que: “As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro.”<sup>10</sup> Ou seja, a criança em seu desenvolvimento chegará à puberdade, etapa da vida que apresenta várias alterações biológicas.

As maiores mudanças se caracterizam entre corpos e mentes sob o ponto de vista biológico. Mas outras mudanças também ocorrem devido a questões ambientais e culturais de cada sociedade. Diane Papalia e Ruth Feldman citam que essas mudanças são “[...] um longo e complexo processo de amadurecimento que

<sup>8</sup> BALABAN, Alessandra. **Da trama familiar à escuta do sujeito na clínica psicanalítica da adolescência**. São Paulo, SP, 2009. Dissertação (Mestrado), PUC, São Paulo, 2009. p. 2. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15866/1/Alessandra%20Balaban.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

<sup>9</sup> BISPO, Luciana Santos. **Adolescência contemporânea e a busca pelo sentido da vida: contribuições a partir de um contexto escolar**. 2020. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020. p. 41 Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1033/1/Bispo\\_Is\\_td214.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1033/1/Bispo_Is_td214.pdf). Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>10</sup> GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 13.

se inicia mesmo antes do nascimento, e suas ramificações psicológicas continuam até a idade adulta.”<sup>11</sup>

A pessoa que vive a fase da puberdade necessita de amparo, cuidado e orientação. Segundo Maria Rita Kehl, a puberdade, desde muito tempo, marca a passagem do mundo da criança para o mundo adulto.

Da Grécia às sociedades indígenas brasileiras, o/a púbere é reconhecido enquanto tal, e a passagem da infância para a vida adulta é acompanhada por rituais cuja principal função é reinscrever simbolicamente o corpo desse/a que não é mais criança, de modo a que passe a ocupar um lugar entre os adultos.<sup>12</sup>

A puberdade começa mais cedo para as meninas, em geral a partir dos 10 ou 11 anos de idade. Um gradativo e progressivo aumento dos hormônios como o estrogênio e a progesterona levam a várias e importantes mudanças corporais: “[...] o útero aumenta de tamanho e a vagina se estende (características primárias), os seios desabroçam, a cintura se afina, a bacia se alarga, surgem pelos nas axilas e no púbis (características secundárias).”<sup>13</sup>

Para os meninos, os primeiros sinais da puberdade são observados por volta dos 12 ou 13 anos de idade. Hormônios como a testosterona e outros andrógenos “[...] promovem primeiro o crescimento dos testículos e depois do pênis (características primárias); surgem, também, os pelos no púbis, nas axilas e no lábio superior (características secundárias).”<sup>14</sup>

Na puberdade, para ambos os sexos, os hormônios são responsáveis pelo amadurecimento reprodutivo sexual. No menino ocorre a primeira emissão de esperma e na menina a primeira menstruação. A puberdade é, portanto, um aspecto biológico que em geral marca o início da adolescência e irá acompanhá-la até sua conclusão. O Ministério da Saúde brasileiro relaciona o fim da puberdade ao desenvolvimento das seguintes características:

1. Estabelecimento de uma identidade sexual e possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis; 2. Capacidade de assumir compromissos

---

<sup>11</sup> PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: McGraw Hill, 2013. p. 441.

<sup>12</sup> KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 90.

<sup>13</sup> BISPO, 2020, p. 42.

<sup>14</sup> BISPO, 2020, p. 42.

profissionais e manter-se; 3. Aquisição de um sistema de valores pessoais; 4. Relações de reciprocidade com a geração precedente, principalmente com os pais e demais membros da família e com a sociedade.<sup>15</sup>

Nesse sentido, não há como precisar com exatidão o fim da puberdade ou até que ano de idade exatamente vai a adolescência. Isso é variável de pessoa para pessoa. A transição vai depender do desenvolvimento psíquico-emocional que resulta na maturidade dos relacionamentos afetivos e interpessoais e do comprometimento com as responsabilidades sociais.

Mesmo que não exista uma delimitação amplamente aceita, a Organização das Nações Unidas (ONU) considera que a adolescência corresponde à segunda década da vida de uma pessoa, ou seja, dos 10 aos 19 anos de idade. A ONU também aponta para a existência de duas etapas distintas nesse período da adolescência.<sup>16</sup>

Devido ao evidente abismo de experiências que separa os adolescentes mais jovens dos mais velhos, é útil avaliar essa segunda década de vida em dois momentos distintos – fase inicial da adolescência (dos 10 aos 14 anos de idade) e fase final da adolescência (dos 15 aos 19 anos de idade).<sup>17</sup>

A fase inicial, dos 10 aos 14 anos, se caracteriza pelo surgimento das mudanças físicas externas e internas. Nessa fase, o cérebro se desenvolve com rapidez podendo dobrar o seu número de células cerebrais, causando uma reorganização das redes neurais. Os impactos dessas mudanças repercutem no estado físico e emocional. Essas transformações podem ser motivo de ansiedade e estresse. Mas, também, sentimentos de orgulho e entusiasmo podem estar presentes. Na fase final, dos 15 aos 19 anos, as mudanças físicas mais importantes já ocorreram, mas o corpo ainda está em desenvolvimento. O cérebro segue se desenvolvendo e surge uma maior capacidade para o pensamento analítico e reflexivo. Na medida em que a identidade própria se desenvolve, surge a oportunidade para uma participação mais ativa no mundo ao redor.<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> BRASIL, Ministério da Saúde. **Normas de atenção à Saúde Integral do adolescente**. Brasília, 1993. p. 18. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_11.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_11.pdf). Acesso em: 8 fev. 2021.

<sup>16</sup> UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. Situação Mundial da Infância 2011: Adolescência, uma fase de oportunidades. In: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório UNICEF**, 2011. p. 12. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pfdc/midiateca/publicacoes-diversas/situacao-mundial-infancia-2011-unicef/view>. Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>17</sup> UNICEF, 2011, p. 6.

<sup>18</sup> UNICEF, 2011, p. 6.

Com o desenvolvimento dessas características, a pessoa vai passando a fase da puberdade e ingressando na fase de vida adulta. No entanto, não são apenas os fatores biológicos que preparam e inserem a pessoa na idade adulta. Outros fatores sociais e culturais também são relevantes e fazem da adolescência também uma construção sociocultural.

### 2.1.2 Adolescência, um conceito cultural

Segundo Groppo, “[...] a psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto.”<sup>19</sup> A afirmação permite conceituar essa fase da vida como algo mais do que fatores biológicos presentes na puberdade. A adolescência pode ser analisada também como um conceito sociocultural.

Anteriormente à Idade Moderna, a etapa da vida que chamamos de adolescência não era categorizada como uma fase independente na vida das pessoas. Não havia, por exemplo, na Idade Média, uma noção exata de quando terminava a infância e começava a idade adulta. Conforme Philippe Ariès, assim que o crescimento lhes permitia, independentemente da idade, as pessoas já desenvolviam certas tarefas e trabalhos. “Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.”<sup>20</sup>

Ariès comenta que a mortalidade entre as crianças pequenas na Idade Média era tão alta que normalmente não se consideravam na contagem das pessoas da família. “Assim que a criança superava esse período de alto nível de mortalidade, em que sua sobrevivência era improvável, ela se confundia com os adultos”.<sup>21</sup> Após transcorridos esses anos iniciais, as crianças passavam a ser vistas como “adultos em miniatura”, inclusive sendo vestidas dessa forma. Em geral, os rudimentares estudos e as brincadeiras da infância cediam lugar às necessidades de sobrevivência. As crianças, assim que as forças lhes permitissem, já eram

---

<sup>19</sup> GROPPPO, 2000, p. 14.

<sup>20</sup> ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 99.

<sup>21</sup> ARIÈS, 2012, p. 100.

integradas como mão de obra para algum ofício manual na confecção de artesanatos ou no cultivo das lavouras, como ajudantes ou aprendizes de alguma profissão.<sup>22</sup>

Em meados do século XVI, contemporaneamente com a Reforma Luterana, aparece o conceito de juventude para designar o período entre a infância e a vida adulta. Esse período se caracterizava pela capacidade de realização de determinadas tarefas que só as pessoas adultas podiam fazer. Assim, “[...] a vida humana estava, a partir de então, organizada em três fases: infância, juventude e velhice.”<sup>23</sup>

Até então não havia a palavra ou o conceito de adolescência. Foi somente no século XVIII, com o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), considerado o precursor deste tema da adolescência, que surge pela primeira vez, ainda que não nominalmente, a concepção de adolescência. “Mas o homem, em geral, não foi feito para ficar sempre na infância. Dela sai no tempo prescrito pela natureza; e este momento de crise, embora bastante curto, tem longas influências.”<sup>24</sup> Rousseau emprega o termo “segundo nascimento” para relatar o desenvolvimento observado nas pessoas no transpasso para a maturidade e início da vida adulta, introduzindo, assim, o desenvolvimento humano baseado em fases distintas.<sup>25</sup>

Valendo-se de termos metafóricos que, em grande medida, dialogam com a concepção de adolescência que se tem nos dias atuais, o filósofo [Rousseau] faz uma sensível e realista descrição desta fase do desenvolvimento humano a qual ele denomina como “o segundo nascimento” evidenciando, sobretudo, esta fase como um momento marcado por crise, conflito, rebeldia, variação de humor e mudanças corporais.<sup>26</sup>

Ainda segundo Rousseau, é entre os 15 e 20 anos de idade que a pessoa adquire e amplia o raciocínio, “[...] amadurece emocionalmente e desenvolve sentimentos coletivos em detrimento dos sentimentos egoístas cultivados na infância”.<sup>27</sup> No entanto, isso não significa uma fase tranquila para adolescentes, mas

<sup>22</sup> BISPO, 2020, p. 44.

<sup>23</sup> BISPO, 2020, p. 44-45.

<sup>24</sup> ROUSSEAU, 1762. *apud* DOLTO, Françoise. **A Causa dos adolescentes**. Trad. Orlando dos Reis. Aparecida: Ideias & Letras, 2004. p. 45.

<sup>25</sup> BISPO, 2020, p. 45.

<sup>26</sup> BISPO, 2020, p. 45.

<sup>27</sup> BISPO, 2020, p. 45.

sim um momento de crise que Rousseau descreve como “revolução tempestuosa”, “fermentação secreta” e como um “leão que arde em febre”.<sup>28</sup>

No século XIX, o termo adolescência passa a existir para nominar esse período da vida. Adolescente como expressão da pessoa em crescimento e desenvolvimento é expressamente utilizado e começa a ser aplicado para descrever a fase da vida que se localiza entre a infância e a juventude. Françoise Dolto aponta que a primeira vez que o termo adolescência entrou na literatura foi nos versos do escritor francês Victor Hugo “[...] a adolescência, são dois crepúsculos misturados, o começo de uma mulher ao final de uma criança.”<sup>29</sup> Sobre isso Dolto considera:

Que fulgurância! Todavia, em seu arrebatamento poético, ele [Victor Hugo] cometeu uma pequena impropriedade. O começo de uma mulher é uma aurora, não um crepúsculo. Mas, afinal, isso passa. Hoje ouvimos quem diga: A aurora de um adulto no crepúsculo de uma criança.<sup>30</sup>

É no início do século XX, considerado “o século da adolescência” pela atenção dada pela psicologia e pela psicanálise, que a atual concepção de adolescência se desenvolve. O psicólogo norte-americano Granville Stanley Hall (1846-1924), considerado como “pai da psicologia da adolescência”, publica em 1904 seu primeiro título sobre a adolescência: “Adolescência: sua psicologia e suas relações com a fisiologia, antropologia, sociologia, sexo, crime, religião e educação.”<sup>31</sup> O estudo caracteriza a adolescência como uma fase da vida em que o desenvolvimento humano é caracterizado por fortes tensões que são o resultado de sentimentos e comportamentos contraditórios e pelo despertar do interesse sexual.<sup>32</sup>

Para Marcella Bueno Brandão Siniscalchi e Cristiana Carneiro, neste mesmo período, a partir de 1905, o psicanalista Sigmund Freud interpreta a adolescência como uma experiência de luto da figura paterna e da figura materna. Na compreensão freudiana, a pessoa durante a adolescência reencontra, reelabora e ressignifica o seu “objeto de desejo”, tendo assim um segundo momento para sua sexualidade, atualizando o “complexo de Édipo”. Dessa forma, a pessoa

---

<sup>28</sup> ROUSSEAU, 1762. *apud* DOLTO, 2004, p. 45.

<sup>29</sup> DOLTO, 2004, p. 43.

<sup>30</sup> DOLTO, 2004, p. 43.

<sup>31</sup> BISPO, 2020, p. 46.

<sup>32</sup> BISPO, 2020, p. 46.

adolescente depara-se com as demandas psíquicas e as transformações exigidas na puberdade para tornar-se parte da sociedade adulta.<sup>33</sup>

Esta leitura é possível mesmo Freud não tendo produzido uma teoria clara da adolescência. Ele abordou especialmente a puberdade, como momento de maturação dos órgãos genitais e de reencontro com o objeto sexual, que produziram implicações no psiquismo. As indicações iniciais de Freud (1905/2016) sobre a incidência dos processos da puberdade no psiquismo apresentam tanto as transformações no corpo (físicas e biológicas), que levam a remanejamento da vida sexual infantil, quanto evidenciam a ocorrência - paralelamente - da reedição dos conflitos da situação edípica, que diz respeito à própria grandeza que o infantil assume na psicanálise. Ele será revivido, mas também poderá ser (res)significado pelo sujeito adolescente a partir das modificações que a sexualidade infantil sofrerá com a entrada na puberdade.<sup>34</sup>

Em 1976, o psicanalista alemão Erik Erikson elaborou a “Teoria Psicossocial do Desenvolvimento Humano”, que considerava a adolescência como um período de espera pela vida adulta. Esse período, chamado por Erikson de “moratória psicossocial”, se caracteriza por oferecer à pessoa adolescente as experiências e experimentações que vão lhe ajudar a formar sua identidade e sua subjetividade.<sup>35</sup>

Uma moratória é um período de espera concedido a alguém que não está apto para satisfazer uma obrigação ou imposto a alguém que deveria fixar-se um prazo de tempo. Assim, por moratória psicossocial entendemos um compasso de espera nos compromissos adultos e, no entanto, não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem; entretanto, conduz também, frequentemente, a um empenho profundo, ainda que amiúde transitório, do jovem - terminando com uma confirmação mais ou menos cerimonial desse compromisso pela sociedade.<sup>36</sup>

Contardo Calligaris, a respeito da moratória vivida pelas pessoas adolescentes, escreve que adolescência, apesar de ser vista pelas pessoas adultas como uma fase da vida repleta de felicidade e descompromisso, trata-se de um tempo de espera pela fase adulta, quando enfim poderão de fato exercer sua liberdade e autonomia. A pessoa adolescente precisa aguardar até a maior idade para que possa participar ativamente na sociedade e ser reconhecida por ela como uma pessoa igual às demais. “Ele se torna um adolescente quando, apesar de seu

<sup>33</sup> SINISCALCHI, Marcella Bueno Brandão; CARNEIRO, Cristiana. Adolescência, Luto e História. **Cadernos de Psicanálise - CORJ**, v. 41, n. 41, p. 141-153, 2019. Disponível em: [http://www.cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/109](http://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/109). Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>34</sup> SINISCALCHI, 2019, p. 143.

<sup>35</sup> BISPO, 2020, p. 46.

<sup>36</sup> ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 157.

corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto.”<sup>37</sup>

Erikson aponta também para o fato de que cada sociedade, cultura, tempo e lugar atribuem parâmetros e diretrizes diferentes para a experiência dessa moratória na adolescência. É possível que em determinada sociedade ou cultura alguns aspectos sejam mais ou menos relevantes em relação à vivência da adolescência. “Cada sociedade e cada cultura institucionalizam uma certa moratória para a maioria de seus jovens. Na sua maior parte, essas moratórias coincidem com aprendizados e aventuras que se harmonizam com os valores da sociedade.”<sup>38</sup>

Maurício Knobel e Arminda Aberastury apresentam a adolescência como uma “síndrome normal”. Nessa concepção a pessoa adolescente passa por graves desajustes, desequilíbrios e instabilidades em seus relacionamentos interpessoais e também por crises e dilemas internos. Segundo esse autor e essa autora, adolescentes apresentam sentimentos confusos e por vezes contraditórios. A isso Knobel e Aberastury chamaram de “[...] uma entidade semipatológica ou, preferindo, uma síndrome normal da adolescência”.<sup>39</sup> No caso, não se trata de uma doença ou patologia, mas de um estado sensível, difícil e que acarreta sofrimento e angústia para as pessoas adolescentes e suas famílias. Nas pessoas adolescentes, produz os seguintes sintomas, consequências e desenvolvimento:

Sintetizando as características da adolescência, podemos descrever a seguinte sintomatologia que integra essa síndrome: 1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal onde o pensamento adquire características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta que vai desde o autoerotismo até a heterossexualidade adulta; 7) atitude sexual reivindicatória com tendências anti ou associadas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica desse período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais; e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.<sup>40</sup>

A adolescência produz transformações irreversíveis no corpo infantil que irão mudar para sempre sua forma de viver, exigindo por parte da pessoa adolescente

<sup>37</sup> CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009. p. 15.

<sup>38</sup> ERIKSON, 1976, p. 157.

<sup>39</sup> KNOBEL, Maurício. A Síndrome da adolescência normal. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal um enfoque psicanalítico**. Trad. Suzana Maria Garagoray Balive. Porto Alegre: Artmed, 1981. p. 28.

<sup>40</sup> KNOBEL, 1981, p. 29.



um grande empenho e esforço psíquico emocional. Maurício Knobel considera a adolescência como um luto em três sentidos: pela perda do corpo infantil, pela perda da identidade e pela perda da relação infantil com o pai e a mãe.<sup>41</sup>

Estudos mais recentes da área do desenvolvimento humano se contrapõem às concepções “universalizantes” e “naturalizantes” da adolescência. Autores como Norman A. Sprinthall e W. Andrews Collins defendem que “[...] a matéria básica da adolescência não é necessariamente biológica, como defendem tantos autores, mas essencialmente sociocultural”.<sup>42</sup> Ou seja, a adolescência é mais influenciada por questões culturais e sociais do que pelas questões físicas e biológicas. Nesse caso, a forma como cada sociedade articula e expressa sua cultura, seus valores e suas ideologias incide sobre a maneira como é observada e vivida a adolescência.

Ana Mercês Bock critica as perspectivas naturalizantes da psicologia sobre a adolescência. Ela argumenta que tomar uma postura naturalizante e universalizante significa deixar de desenvolver uma leitura crítica da realidade e da sociedade em que cada adolescente está presente. Perspectivas naturalizantes impedem que sejam construídas políticas públicas adequadas para adolescência e juventude, culpabilizando e responsabilizando apenas as pessoas adolescentes ou suas famílias pelas questões que as afetam, como a delinquência, a violência e a drogadição.<sup>43</sup>

Além disso, pode-se apontar como um elemento importante de crítica o fato da adolescência, conceituada no âmbito da Psicologia, estar fundamentada em um único tipo de jovem, como apontou Santos (1996): homem-branco-burguês-racional-ocidental, oriundo em geral da Europa ou dos Estados Unidos. Os estudos, em sua maioria, são feitos a partir da existência desses jovens, não se buscando em outros grupos as suas idiossincrasias; ao contrário, como se toma a adolescência como universal e natural não há qualquer necessidade de buscar outros grupos para completar os estudos. Esses são buscados apenas para a aplicação dos conceitos já construídos.<sup>44</sup>

Nesse mesmo sentido, Luís Felipe Rios *et al.* entende que na sociedade contemporânea ainda é preponderante uma visão “adultocêntrica”, a-histórica e

<sup>41</sup> BISPO, 2020, p. 47.

<sup>42</sup> SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W. Andrews. **Psicologia do Adolescente**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 202.

<sup>43</sup> BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, 2007. p. 66. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-5572007000100007&script=sci\\_abstract&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-5572007000100007&script=sci_abstract&tlng=es). Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>44</sup> BOCK, 2007, p. 66.

atemporal da adolescência. Este tipo de visão caracteriza a adolescência como rebelde, imatura, irresponsável, instável emocionalmente, em crise e em conflito com a autoridade.<sup>45</sup>

### 2.1.3 Juventude, um conceito social

Quando se aborda temas relacionados à adolescência, comumente se encontra também o termo juventude, em alguns momentos tratados como sinônimos, em outros, tratando o conceito da juventude como pertencente mais ao campo da sociologia e das ciências sociais e, em contrapartida, o termo adolescência mais ligado aos conceitos da psicologia e da pedagogia.

Na sociologia se compreende que a juventude é o período da vida que coincide, de maneira geral, com o início da puberdade, passando pelas mudanças físicas, emocionais, intelectuais e terminando com a inserção da pessoa jovem nos compromissos da vida adulta. Assim como afirma Groppo, “[...] a sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto”.<sup>46</sup>

Maria Virgínia de Freitas aponta para o uso simultâneo dos termos juventude e adolescência empregados para se referir às pessoas nessa fase da vida. Termos esses “[...] que ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por distintas abordagens.”<sup>47</sup> Para esta autora, a juventude pode ser compreendida tomando diferentes enfoques.

A definição de juventude pode ser desenvolvida por uma série de pontos de partida: como faixa etária, um período da vida, um contingente populacional, uma categoria social, uma geração [...] Mas todas essas definições se vinculam, de algum modo, à dimensão de fase do ciclo vital entre a infância e a maturidade.<sup>48</sup>

Segundo Maria Freitas, na sociedade ocidental e contemporânea, existem características que demonstram que a pessoa jovem chegou à fase adulta. São elas:

<sup>45</sup> RIOS, Luís Felipe. et al. Rumo a adulez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cadernos Cedex**, v. 22, n. 57, p. 45-61, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200004&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200004&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>46</sup> GROppo, 2000, p. 14.

<sup>47</sup> FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 6.

<sup>48</sup> FREITAS, M., 2005, p. 6.

“[...] terminar os estudos; viver do próprio trabalho; sair da casa dos pais e estabelecer-se numa moradia pela qual se torna responsável ou corresponsável; casar-se; ter filhos.”<sup>49</sup> A autora defende que devem também ser levadas em conta diferenças de classes sociais e contextos socioculturais para tratar da juventude. Devem também ser levados em conta o momento histórico vivido pela juventude em seu tempo e local de origem.

Do mesmo modo, a noção de geração remete à ideia de similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas.<sup>50</sup>

Assim se entende que a juventude é uma construção social de cada sociedade, de cada tempo e de cada oportunidade, pois cada geração enfrenta seus próprios desafios que sua época lhe reserva. Bispo argumenta que

[...] neste contexto, é possível se falar em ‘juventudes’, no plural, e não apenas uma juventude com características universais e uniformes; pois as relações sociais e culturais estabelecidas entre uma sociedade ou uma cultura e os seus sujeitos não se constroem de maneira uniforme ou universal; uma vez que delas decorrem múltiplos fatores econômicos, culturais, financeiros que podem numa mesma sociedade ampliar ou reduzir os limites etários que definem a juventude.<sup>51</sup>

Oscar Dávila León aponta que é possível empregar os termos “adolescências” e “juventudes”, no plural, já que as relações sociais acontecem em meio à diversidade e multiplicidade de fatores sócio-históricos, culturais e econômicos. León destaca que nas sociedades contemporâneas existe a “[...] necessidade de falar e conceber diferentes ‘adolescências’ e ‘juventudes’, em um sentido amplo das heterogeneidades que se possam apresentar e visualizar entre adolescentes e jovens.”<sup>52</sup>

Os diferentes autores que se ocupam com o tema da juventude se dividem em dois grupos. O primeiro tem a noção de juventude relacionada ao aspecto geracional de transitoriedade entre a fase infantil e a adulta. O segundo tem a noção de juventude relacionada às diversas estruturas socioculturais presentes nas sociedades. As duas concepções se complementam já que, como em qualquer outra

<sup>49</sup> FREITAS, M., 2005, p. 7.

<sup>50</sup> FREITAS, M., 2005, p. 6.

<sup>51</sup> BISPO, 2020, p. 39.

<sup>52</sup> LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 10.

fase da vida, a juventude como desenvolvimento humano acontece na relação da pessoa jovem com a sociedade.

Entender a juventude como mera transição para a fase adulta pode significar uma indeterminação e uma inferiorização. É limitado compreender a juventude apenas como uma etapa entre a infância e a fase adulta.

Adolescência e juventude são termos que se encontram colocados lado a lado em seus conceitos, algumas vezes sincronicamente designando as mesmas pessoas em um mesmo período da vida, outras vezes colocados sequencialmente apontando o desenvolvimento humano nas suas diferentes fases. Em virtude das mudanças e das especificidades que cada contexto apresenta, pode-se entender esses termos no plural e se referir às adolescências e às juventudes, tendo em vista suas diferenças em cada ambiente social, político, histórico e econômico. Por isso, se faz importante, ao se tratar das definições sobre esse público, também refletir sobre algumas questões contemporâneas que, de modo mais contundente, se mostram na vida de adolescentes na atualidade. Questões relacionadas à identidade, às redes sociais e aos ritos de passagem se colocam como necessárias ao estudo desta pesquisa.

## **2.2 ADOLESCÊNCIA: ALGUMAS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS**

Na adolescência vários temas contemporâneos são importantes para compreender a realidade que incide sobre a vida das pessoas nessa idade. A construção da identidade, a utilização das redes sociais, a dependência da internet e os ritos de passagem são algumas das questões chaves para esta pesquisa. Esses quatro temas em destaque se relacionam entre si atualmente e contribuem para o desenvolvimento e transição para a idade adulta.

### **2.2.1 Adolescência e identidade**

Segundo Outeiral, a questão da identidade é uma das principais demandas da adolescência: “Embora comece a ser ‘construída’ desde o início da vida do

indivíduo, é na adolescência que ela se define, se encaminha para um perfil tornando esta experiência um dos elementos principais do processo adolescente.”<sup>53</sup>

Uma forma de entendimento a respeito da identidade de uma pessoa presumia que ela era adquirida com o nascimento e permanecia imutável durante toda a vida. Ou, de outra forma, atribuía-se à adolescência o papel exclusivo de formadora de identidade permanente. Fatores sociais contribuíram para esse tipo de análise. Hoje, no entanto, a compreensão é diferente e a ideia de uma identidade integral é questionada diante das transformações sociais e tecnológicas que são vividas na pós-modernidade.

A contemporaneidade traz consigo uma flexibilização da identidade, possibilitando que uma mesma pessoa assuma e vivencie diversas identidades ao longo da vida e, em alguns casos, também as exerça simultaneamente. Ou seja, não há uma identidade permanente, mas sim identidades transitórias e situacionais. Para as pessoas adolescentes, isso significa um componente a mais neste emaranhado quebra-cabeças da construção da identidade.

Stuart Hall apresenta três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.<sup>54</sup> Na concepção “sujeito do Iluminismo”, o autor argumenta que a identidade da pessoa consistia em uma centralidade e unificação responsável pela razão, consciência e ações que se mantinha contínua, estável e idêntica durante toda a vida.

Na concepção do “sujeito sociológico”, Hall defende que a pessoa moderna formava sua identidade na interação com as outras pessoas e a sociedade que, através da cultura, lhe repassa valores e sentidos.

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção clássica da questão, a identidade é formada na ‘interação’ entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem.<sup>55</sup>

Na terceira concepção, “sujeito pós-moderno”, o autor entende que a pessoa na época contemporânea não tem uma identidade estável, unificada, fixa ou

<sup>53</sup> OUTEIRAL, 1994, p. 71.

<sup>54</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 10.

<sup>55</sup> HALL, 2006, p. 11.

permanente, mas há várias identidades fragmentadas, móveis, variáveis e provisórias. Nesse sentido, as identidades precisam ser ditas no plural e são transformadas e redesenhadas constantemente.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única identidade, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.<sup>56</sup>

Segundo Hall, na pós-modernidade, significativas mudanças estruturais e institucionais ocorrem na sociedade, alterando as identidades culturais e repercutindo nas identidades pessoais e tornando-as mais provisórias e mais temporárias. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.”<sup>57</sup>

Para Hall, a identidade de uma pessoa na pós-modernidade não é uma identidade biológica, mas sim uma identidade histórica, que vai se constituindo ao longo de toda a vida assumindo diferentes identidades em diferentes momentos. Essas identidades coexistem e, por vezes, se contrariam e entram em colapso ocasionando deslocamentos e impulsionando a pessoa em diversas direções.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.<sup>58</sup>

Para Zigmund Bauman, as pessoas encontram-se diante de uma liquidez no que se refere a suas identidades. Nesse sentido, Bauman concorda com Stuart Hall. As identidades não são sólidas, nem definitivas, são negociáveis e adaptáveis às necessidades das pessoas, ora sendo decisão e escolha do próprio sujeito, ora correspondendo aos anseios e expectativas das outras pessoas. Bauman comenta:

As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há

---

<sup>56</sup> HALL, 2006, p. 12.

<sup>57</sup> HALL, 2006, p. 12-13.

<sup>58</sup> HALL, 2006, p. 13.

uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.<sup>59</sup>

Mesmo que a identidade seja construída durante toda a vida, é na adolescência que as questões da identidade vêm à tona de maneira intensa devido à desestruturação resultante das mudanças físicas, mentais e psíquicas trazidas pela chegada da puberdade. A busca pela identidade significa um processo de observação e reflexão em que a pessoa adolescente analisa e avalia o que percebe de si própria e o que percebe em relação ao julgamento das outras pessoas.

Para Luciene Aparecida Souza Silva Moraes, nessa fase da vida as pessoas adolescentes se questionam e reelaboram as construções de identidade feitas nas etapas anteriores durante a infância. “Diante de muitas modificações fisiológicas, próprias da puberdade, o adolescente precisa, neste momento, rever suas posições infantis diante das incertezas dos papéis da vida adulta que lhe são apresentados.”<sup>60</sup>

Paula Lemos Freitas e Roberta Ferrari Marback entendem que, mesmo existindo traços comuns diante da busca pela identidade, as reações das pessoas adolescentes não seguem um mesmo padrão. Mas variam de acordo com o contexto sociocultural em que a pessoa está inserida e cada adolescente reage de forma própria diante deste tema. Nesse sentido, caracterizam-se pela “[...] intensa procura pelo *self* psicológico, pela identidade de gênero e sexual, além da busca pelo lugar de singularidade no mundo.”<sup>61</sup>

É na adolescência que o processo de socialização ganha novas dimensões e passa a ter uma relevância maior nos grupos de amigos e amigas, colegas de escola e outras pessoas adolescentes com as quais se dá o contato na igreja, nos grupos de jovens, nos clubes ou em outros espaços comunitários.

Nessa perspectiva, a adolescência é o marco do processo de socialização, sendo este um ciclo definido por bastante aproximação de pares, grupos de

<sup>59</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 19.

<sup>60</sup> MORAES, Luciene Aparecida Souza Silva. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **TransFormações em Psicologia (Online)**, v. 2, n. 1, p. 86-98, 2009. p. 91-92. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-106X2009000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000100006). Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>61</sup> FREITAS, Paula Lemos; MARBACK, Roberta Ferrari. Identidade na adolescência: Compreendendo a sua formação e repercussões. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 16, p. 235- 245, 2018. p. 235. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/4862> Acesso em: 1 mai. 2021.

amigos, busca de novas informações e experiências, tornando o vínculo um aspecto importante dessa faixa etária.<sup>62</sup>

Essa é a fase das amizades, dos interesses e das ideologias comuns, época de criação de vínculos e ampliação das relações que envolvem um grupo maior e diverso de pessoas. Movimentos estes que são de grande importância para a formação da identidade e o desenvolvimento da pessoa:

A busca por esses grupos fornece informações aos jovens que, através do contato com o outro, da diversificação de papéis desempenhados, como amigo, estudante, filho, colega de sala, o adolescente vai se descobrindo como ser único, diferenciando-se dos demais, formando e começando a compreender a sua identidade social que, de uma forma geral, é marcada pelo conjunto de papéis que o sujeito executa e que mantém as relações sociais.<sup>63</sup>

Na adolescência, junto com a formação da identidade, acontece também a aquisição e construção de novas habilidades sociais que “[...] podem ser compreendidas como um conjunto de comportamentos sociais emitidos por um indivíduo em contextos interpessoais”.<sup>64</sup> As pessoas adolescentes na sua interação com os espaços e grupos sociais expressam seus sentimentos e desejos, testam e elegem comportamentos que sejam adequados às situações. Desse modo, reforçam pontos de sua identidade em uma ou outra direção sendo aceitos e valorizados socialmente.

Atitudes e comportamentos expressados pelas pessoas adolescentes podem se tornar fatores de risco para o desenvolvimento e inclusive prejudicial para a saúde e a vida de adolescentes. “Entre os principais fatores de risco, encontram-se o uso de substâncias psicoativas, violência familiar, *bullying*, além do uso excessivo da tecnologia”.<sup>65</sup> As questões da adolescência podem acarretar tomadas de decisões que trarão consequências para a vida de adolescentes.

Neste sentido, pode-se constatar que o processo que envolve a formação da identidade na adolescência é uma fase de crises e grandes desafios para as pessoas adolescentes. Na contemporaneidade, com a fragmentação da identidade, os desafios para as pessoas adolescentes são ainda mais complexos, visto que não encontram identidades concretas com as quais possam se identificar. Desta forma,

---

<sup>62</sup> FREITAS, 2018, p. 237.

<sup>63</sup> FREITAS, 2018, p. 237.

<sup>64</sup> FREITAS, 2018, p. 240.

<sup>65</sup> FREITAS, 2018, p. 241.



assim como o todo da sociedade, buscam uma identidade imediatista e líquida que é multifacetada e extremamente adaptável de acordo com o ambiente ou as situações, ou seja, são pessoas influenciadas em seus comportamentos mais variados de acordo com o momento presente e a aceitação da sociedade ou do grupo.

Conforme Roberto Daunis, cabe à pessoa adolescente trazer à tona sua própria identidade. “A tarefa específica da adolescência é a elaboração da identidade pessoal, a construção do próprio *self* a partir da individuação da personalidade”.<sup>66</sup> Ou seja, é incumbência da pessoa adolescente começar a elaborar para si mesma, de forma consciente, uma identidade própria e individual.

Mas achar a identidade pessoal, como tarefa da adolescência, não consiste apenas em adotar uma identificação adulta qualquer, e sim em começar de maneira autônoma a perceber e expressar que é que percebe, age, pensa, decide, como e por quê. A tarefa não consiste em ser apenas ‘alguém’, mas em tornar-se, conscientemente, um ‘eu’ auto-idêntico. Antes de tornar-se um adulto, o adolescente deve tornar-se ele mesmo!<sup>67</sup>

Para Daunis, a pessoa adolescente no desenvolvimento de sua identidade, na construção do que sente ser ela mesma, ao mesmo tempo igual e diferente das demais pessoas, faz uso dos recursos da auto-observação e da autorreflexão. Ao pensar sobre sua forma de se apresentar para as outras pessoas, ao declarar suas preferências e justificativas para determinadas escolhas, a pessoa adolescente organiza e encontra um equilíbrio entre sua autoimagem e sua autoexpressão. A eleição de valores éticos e morais por parte da pessoa adolescente, do que considera certo e errado, apresenta os limites, as possibilidades e as responsabilidades que ela precisa levar em conta dentro de sua autonomia pessoal para tomar suas decisões frente aos desafios que se apresentam nesta fase da vida em diante.<sup>68</sup>

Por outro lado, para quem está na adolescência, a autocrítica e a autocobrança em excesso podem significar confusão, desajuste e desorganização. As incertezas a respeito de seu valor e suas qualidades pessoais, dúvidas a respeito de sua aceitação e sua estima por parte da família ou do grupo em que participa podem trazer para a pessoa adolescente sentimentos de isolamento, de autodepreciação e baixa autoestima. Diante de situações como esta, os aportes de

<sup>66</sup> DAUNIS, Roberto. **Jovens: Desenvolvimento e identidade** - Troca de perspectivas na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 56.

<sup>67</sup> DAUNIS, 2000, p. 57.

<sup>68</sup> DAUNIS, 2000, p. 57.

aconselhamento pastoral podem ser de grande ajuda e vir em auxílio da pessoa adolescente para que ela direcione mais apropriadamente suas autoavaliações na direção de uma identidade mais harmoniosa entre o que ela observa em si mesma interiormente e o que as outras pessoas exteriormente esperam dela. Em se tratando de identidade, Daunis acredita que o aconselhamento pode ajudar no seguinte sentido:

Aceitar-se, aceitar a própria imagem corporal e a personalidade, aceitar o próprio gênero, as próprias forças e limites; incentivar vigor sem violência; esclarecer o lugar no grupo de iguais; acostumar-se a dizer o que se pensa; usar habilidades como dom da natureza (de Deus); agradecer; 'agora sou eu o responsável' (antes eram os pais); a necessidade de decidir e decidir-se; regras na família, no grupo de iguais; o que os pais deram e ainda dão; o que eu quero fazer, recusar, porque.<sup>69</sup>

Oportunizar espaços para que o diálogo com adolescentes aconteça de maneira dinâmica e eficaz parece ser o compromisso que se impõe ao trabalho do aconselhamento pastoral em ambientes comunitários e escolares. Colaborar com pessoas adolescentes na construção e reconstrução de suas identidades é, primeiramente, oferecer uma escuta acolhedora, empática e geradora de autonomia.

### 2.2.2 Adolescência e redes sociais

Diante do quadro multifacetado e plural da pós-modernidade, a internet, e as redes sociais nela existentes na forma de aplicativos e sites de relacionamento, exercem influência sobre as pessoas de qualquer idade conectadas à rede. As pessoas adolescentes não estão isentas dessa influência. Vanina Costa Dias *et al.*, em relação a isso, comenta:

A mídia e a internet, via de regra, não exercem, em nossa sociedade, as funções sociais que lhe estariam reservadas. Ao contrário, priorizam o incentivo ao consumo e exercem, sobre os jovens, influências que não só os tornam consumidores, como também os alienam da realidade em que vivem, por vezes transmitindo-lhes normas e ideologias do sistema socioeconômico e cultural que pretendem preconizar, tornando-se, portanto, instrumentos do mundo dos adultos.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> DAUNIS, 2000, p. 59.

<sup>70</sup> DIAS, Vanina Costa. *et al.* Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. p. 4. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100109&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100109&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 1 mai. 2021.

Na contemporaneidade, as experiências vividas na fase da adolescência são, em vários sentidos, determinantes para a história de vida de cada pessoa. Com o advento das novas tecnologias de comunicação, das novas mídias e das redes sociais da internet, as pessoas adolescentes são envolvidas por um mundo extremamente complexo, que mistura o real e o virtual, a interação presencial e a interação à distância. David Le Breton afirma: “[...] o real e o virtual entrelaçam-se no curso de suas existências, expandindo o espaço psíquico para o universo digital por eles frequentado.”<sup>71</sup>

Conforme Luciano de Carvalho Lírio, as redes sociais se tornaram espaços imprescindíveis de socialização para as pessoas adolescentes. Segundo Lírio, se está diante de uma “ciberadolescência”: “O adolescente se tranca no quarto e passa horas diante da tela do computador não porque deseja fugir do mundo que o cerca, mas para fazer parte do mundo a partir da janela/tela do computador.”<sup>72</sup> Essa interação com o mundo virtual e as relações que se estabelecem nesse ambiente envolvem todas as esferas da vida da pessoa adolescente, sua formação, seu comportamento, seus hábitos, seus relacionamentos, sua sexualidade.

Espaços e palavras lançadas no espaço virtual afetam os sujeitos, tocam os seus corpos, despertando afetos. As experiências virtuais têm implicações subjetivas. Desta forma, torna-se fundamental acompanhar os usos que os adolescentes fazem do ambiente virtual.<sup>73</sup>

Outra adolescência, diferentemente, encontra-se na periferia desse mundo tecnológico e longe do ideal do mercado midiático. Lírio emprega o termo “adolescência ninja”, trata-se de pessoas presentes, mas invisibilizadas, privadas de afetos. “É uma adolescência abortada, fragmentada, deturpada. Esses também são afetados pelo consumismo na tentativa de se igualar aos demais adolescentes. As ausências são a tônica dessa adolescência.”<sup>74</sup>

Adolescentes de hoje não são, nem agem, na maioria dos casos, como as gerações passadas. As novas tecnologias, novas mídias, internet, redes sociais, aplicativos e *smartphones* inauguraram novas formas de se relacionar, novos jeitos de falar e de ouvir. Uma foto no *instagram* ou um *post* no *twitter* são formas usadas

---

<sup>71</sup> LE BRETON, 2017. *apud* DIAS, 2019, p.12.

<sup>72</sup> LIRIO, Luciano de Carvalho. **Adolescentes evangélicos do século XXI**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2019. (Teses e Dissertações, 41). p. 69.

<sup>73</sup> DIAS, 2019, p. 12.

<sup>74</sup> LIRIO, 2019, p. 73.

pelas pessoas para falar sobre si, seus medos, seus problemas, seus sonhos, seus valores. Adolescentes “falam” de muitas formas, às vezes “gritam”, na intenção de que alguém os escute e consiga ler algo nas entrelinhas de suas postagens e *stories*.

Conforme Adriana Wagner *et al.*, as últimas gerações cresceram com o acesso ilimitado e instantâneo à rede de informação e comunicação da internet. “É comum que eles estejam frequentemente conectados a alguma mídia, muitas vezes a mais de uma simultaneamente.”<sup>75</sup>

A tecnologia apresenta para as pessoas adolescentes a possibilidade de se comunicar e se relacionar virtualmente com qualquer pessoa em qualquer parte do planeta com acesso à internet. Isso significa uma expansão dos espaços cotidianos em que adolescentes transitam e interagem, sentindo também a influência desses contatos no dia a dia, nas escolhas e atitudes, na identidade e no estilo de vida. Se de alguma forma as redes sociais da internet abrem caminhos e portas para a interatividade e interação com outras pessoas, também significam, mesmo que em parte, um distanciamento e desinteresse pelas relações presenciais, principalmente daquelas que causam algum desconforto ou exigência. Inclusive a “desconexão” com as pessoas no “mundo real” pode ser uma alternativa estrategicamente pensada pela pessoa adolescente para lidar com os sentimentos de incompreensão e desajustes presentes nessa fase. “Frente a esse fenômeno, observa-se que as relações no campo virtual trazem, na adolescência, possibilidades de refúgio estratégico, que corresponde a necessidades desse período do desenvolvimento”.<sup>76</sup> Na adolescência ocorrem comumente dois sentimentos, a vontade de estar sozinho e a vontade de estar rodeado de amigos e amigas. “Assim, em tempos de virtualidade, os jovens têm encontrado uma possibilidade ideal de suprir tais necessidades.”<sup>77</sup>

Na pós-modernidade se apresenta um novo cenário, um cenário virtual. “A internet e a informatização quebraram o conceito de modernidade em que o conhecimento era assimilado gradativamente.”<sup>78</sup> Hoje as informações estão a um

---

<sup>75</sup> WAGNER, Adriana. **Adolescência & comunicação virtual**. São Leopoldo: Sinodal, 2009. (e agora.com – A era da informação e a vida cotidiana). p. 14.

<sup>76</sup> WAGNER, 2009, p. 15.

<sup>77</sup> WAGNER, 2009, p. 15

<sup>78</sup> LIRIO, 2019, p. 62.

*clic* de distância e são carregadas nos bolsos em aparelhos *smartphones*. Aquela ideia de uma adolescência ingênua, protegida e controlada de gerações passadas está ficando para trás.

Se no início do século XX crianças e jovens acompanhavam atônico um aparelho que emitia sons através das ondas do rádio e as gerações seguintes foram se condicionando no papel de expectadores da televisão e do cinema, atualmente os adolescentes sentem a necessidade de estar interagindo com o celular, o computador e os games, artigos que têm nesse segmento etário as suas funcionalidades básicas passadas à categoria de secundárias. Não basta assistir, é necessário demonstrar a sua performance.<sup>79</sup>

Atualmente, a pessoa adolescente tem acesso ao mundo a partir de uma conexão com a internet. Dessa forma, interagem com outras pessoas e se relacionam, se divertem, compram, vendem, estudam e compartilham conhecimentos e ideias. “O adolescente obtém através da fria tela do computador o calor do acolhimento e da aceitação nas redes sociais.”<sup>80</sup> Esse acesso possibilita que modelos, referências e comportamentos sejam transmitidos às pessoas adolescentes. *Youtubers* e *digitais influencers* se tornam cada vez mais populares e arrecadam mais seguidores e mais seguidoras no mundo virtual. Cada qual dita a moda e o comportamento que julga apropriado ou que lhe seja mais rentável no momento.

A ciberadolescência emerge também a partir dos cyber-modelos, presentes na mídia, revelando seus segredos pessoais, sua vida privada, hábitos e comportamentos, inclusive os produtos que utilizam. Esses cyber-modelos adolescentes não apenas demonstram o que é descolado, mas também como ser descolado. A mídia ensina normas de jogos, de vida. Adolescentes ícones produzem comportamentos, atitudes, moda que influenciam adolescentes na sua maneira de viver.<sup>81</sup>

Em se tratando de redes sociais na internet, é possível enumerar algumas que se destacam no momento como as mais utilizadas entre adolescentes: *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Snapchat*, *Tik Tok*, *Twitter*, *You Tube*, *Tinder*. Além destas, há outras tantas opções e a cada momento surgem novos aplicativos e novas ferramentas de interação interpessoal na rede. Ter um aparelho com acesso às redes sociais da internet e fazer parte de algumas redes sociais é mais do que acessar e compartilhar conteúdos com grupos e pessoas. Para muitas pessoas

---

<sup>79</sup> LIRIO, 2019, p. 64.

<sup>80</sup> LIRIO, 2019, p. 71.

<sup>81</sup> LIRIO, 2019, p. 70.

adolescentes, a relação que se estabelece nas redes virtuais e através delas é um modo de viver e incide em seu desenvolvimento enquanto pessoa. Kate Fabiani Rigo comenta que a internet passa um “falso controle”, no qual as pessoas adolescentes podem “criar” a sua própria identidade visual, ao mesmo tempo que abre um espaço para expressão de opiniões, preferências e sentimentos.<sup>82</sup>

As redes sociais têm constituído um desafio para a sociedade, pois se infiltram em todos os segmentos da vida, como o espaço familiar, educacional, social e político. A entrada na adolescência coincide, hoje, com o ingresso nas comunidades virtuais, como forma de inserção social. No entanto, como vimos, as redes não são utilizadas pelos jovens apenas para socialização, lazer, comunicação e acesso à informação. Elas também servem à prática de violência e à segregação social.<sup>83</sup>

Ana Clara Aparecida Alves de Souza e Iraci de Oliveira Moraes Schmidlin apontam para outro aspecto relacionado ao acesso às redes sociais. Segundo essas autoras, a tecnologia está ligada com a ideia de futuro, de rapidez e de modernização. Quando se pensa sobre como será o futuro, automaticamente se supõe que será ainda mais tecnológico e conectado. “As evoluções nas formas de comunicação e entretenimento provocam uma maior aceleração nas demandas por agilidade e rapidez.”<sup>84</sup> Os filmes, as séries e os *games* dão vazão a esse sentimento apresentando cenários futuristas repletos de equipamentos tecnológicos, robôs e inteligência artificial que facilitam trabalhos, viagens e intercomunicações. “Nesse sentido, é possível perceber o papel que os jovens exercem como produtores e difusores ativos desses novos processos.”<sup>85</sup> Assim, as novas gerações de adolescentes seguem cada vez mais conectadas ao mundo digital e mais ligadas aos equipamentos e sistemas de comunicação virtual.

---

<sup>82</sup> RIGO, Kate Fabiani. **Vamos começar pelo fim?:** a pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar. São Leopoldo, RS, 2015. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015. p. 32. Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/593/1/rigo\\_kf\\_td142.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/593/1/rigo_kf_td142.pdf) Acesso em 28 jan. 2021.

<sup>83</sup> DIAS, 2019, p. 5.

<sup>84</sup> DE SOUZA, Ana Clara Aparecida Alves; SCHMIDLIN, Iraci de Oliveira Moraes. **O jovem e a cultura digital:** um estudo de caso na disciplina de Cibercultura do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará, 2010. p. 1. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0908-3.pdf>. Acesso em 29 jan. 2021.

<sup>85</sup> DE SOUZA, 2010, p. 2.

### 2.2.3 Adolescência e dependência da internet

Em nosso contexto atual, é inquestionável que a internet traz benefícios e conveniências, inclusive facilidades para o dia a dia das pessoas. De forma especial, observa-se que as pessoas adolescentes fazem uso intenso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs).

O computador aparece como um representante poderoso e influente no que se refere ao binômio tecnologia + adolescência. Além de estar incorporado a diversas tarefas do dia a dia, passou a ser um dos meios mais utilizados para comunicação da nova geração, oferecendo possibilidades de conversas on-line, ou seja, instantâneas, bem como disponibilizando espaços virtuais de convivências com acesso a fotos, vídeos e recados.<sup>86</sup>

No entanto, apesar de vários pontos positivos, a internet também pode apresentar riscos às pessoas que a utilizam em excesso. Um desses riscos é a dependência de internet, em que as pessoas encontram dificuldades para controlar o tempo de uso da internet e passam muito tempo conectados aos sites, aplicativos, redes sociais e jogos online. Isso causa às pessoas sérios prejuízos nas interações pessoais, relacionamentos familiares, desenvolvimento escolar e profissional. A esse respeito, Wagner comenta: “Ao mesmo tempo que o computador favorece, através da internet, o acesso ao conhecimento e à comunicação, também traz a possibilidade de um mau uso ou de um uso além do aceitável, configurando algum tipo de adição”.<sup>87</sup>

Segundo as autoras Lauren Bulcão Terroso e Irani Iracema de Lima Argimon, “[...] o termo dependência de internet (DI) é o mais utilizado para indicar a dificuldade em controlar o uso da internet que acarreta prejuízos funcionais e desconforto emocional em alguns indivíduos”.<sup>88</sup> Alguns sintomas relacionados à dependência de internet são: ansiedade, agitação psicomotora, irritabilidade, descuido com a higiene pessoal, dificuldade em se desconectar da internet, dificuldade de afastar-se dos aparelhos (computador ou *smartphone*), afastamento de outras atividades presenciais (esporte, passeios, exercícios físicos) e isolamento social.

<sup>86</sup> WAGNER, 2009, p. 67.

<sup>87</sup> WAGNER, 2009, p. 67.

<sup>88</sup> TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 200-219, 2016, p. 202. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451846425012.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2023.

No que se refere à faixa etária, os adolescentes são os principais acometidos pela DI. [...] Esse dado pode explicar o fato de os adolescentes possuírem menos habilidades em controlar o entusiasmo por algo que lhes desperta interesse, estando mais vulneráveis ao uso patológico da internet [...]. Cabe salientar que os jovens habitualmente desconhecem as potenciais consequências adversas do uso demorado da internet.<sup>89</sup>

A dependência de internet em adolescentes surge muitas vezes como um “escape” de uma realidade desagradável ou situação de estresse. Torna-se, dessa forma, por parte da pessoa adolescente, uma estratégia equivocada para o enfrentamento dos problemas. “Ao entrarem em contato com atividades e emoções prazerosas proporcionadas pela internet, os jovens criam um ciclo desadaptativo de convivência familiar, permeado por fugas e esquivas às tentativas de controle dos pais”.<sup>90</sup> A vivência de um luto pela morte de uma pessoa próxima pode representar uma situação desconfortável da qual a pessoa adolescente queira fugir, isolando-se do mundo ao seu redor e buscando na internet o alívio para seus sentimentos incompreendidos. Fato este que consiste em um risco a sua saúde e bem-estar social.

As pessoas adolescentes na atualidade, em meio à era digital, precisam também poder encontrar na família e nas pessoas responsáveis por sua formação as respostas para questões importantes da vida e do convívio social, bem como os limites e a disciplina para o bom uso das tecnologias. Nesse sentido, Terroso chama a atenção para a importância do desenvolvimento de habilidades sociais (HS).

Os adolescentes dependentes de internet, além de enfrentarem brigas familiares em função do isolamento decorrente do transtorno, tendem a possuir menos amigos e menos relações amorosas [...] Dessa forma, entre os fatores associados à DI em adolescentes, destaca-se o baixo repertório de habilidades sociais.<sup>91</sup>

A internet ou qualquer outra ferramenta de comunicação atual que serve à interação social precisam ser entendidas como complementares às ações presenciais que visem o bem-estar, o equilíbrio emocional, o diálogo e o respeito às diferenças, a partilha de experiências e a construção conjunta do saber entre as pessoas adolescentes.

Assim, a internet é uma ferramenta que complementa a interação social, já que, na adolescência, as relações de pares são fundamentais para um

---

<sup>89</sup> TERROSO, 2016, p. 203.

<sup>90</sup> TERROSO, 2016, p. 203.

<sup>91</sup> TERROSO, 2016, p. 203.



desenvolvimento saudável. Em contrapartida, a interação on-line não deve substituir as relações face a face, visto que não supre certas necessidades essenciais, que só serão obtidas em relacionamentos reais.<sup>92</sup>

Ainda neste tópico, cabe ressaltar que, segundo Cristiano Nabuco de Abreu, vive-se atualmente um tempo de isolamento virtual. Esse isolamento se refere ao fato de que, mesmo as pessoas estando conectadas a milhares de outras pessoas nas redes sociais da internet, acabam por ter acesso unicamente aos assuntos e conteúdos que já são do interesse da própria pessoa.

[...] estamos de tal forma imersos em conteúdos que nos seduzem e que, apesar de profundamente conectados, estamos vivendo uma nova forma de isolamento, o isolamento virtual. Nesse sentido, é bem fácil perceber que as informações que fogem desse modelo individual naturalmente são filtradas ou bloqueadas por uma bolha (ou filtro) invisível.<sup>93</sup>

Essa classificação de conteúdos e informações advinda dos algoritmos de busca usados pelos aplicativos de internet faz uma redução de interações, produzindo um efeito de bolha ao redor da pessoa em suas conexões com a internet, fazendo com que os assuntos de interesse dessa pessoa apareçam na tela de seus dispositivos constantemente. “Isso, inevitavelmente, acaba criando uma fragmentação das experiências pessoais ao reduzir os horizontes experienciais dos internautas”.<sup>94</sup> Nesse sentido, um risco para as pessoas adolescentes em luto é o isolamento no que se referem a assuntos relacionados à perda da pessoa estimada, causando um distanciamento e interrompendo o processo normal do luto. Outro risco pode estar justamente no movimento contrário, o excesso de informações e interações com as temáticas da morte e do luto, causando uma fixação mórbida ou desmedida por esses assuntos, ocasionando também dificuldades para a vivência do luto.

Diante disso, cabe ressaltar a importância da atuação de agentes pastorais na orientação das pessoas adolescentes, suas famílias e pessoas profissionais que atuem com o público adolescente em escolas e comunidades, principalmente em questões de luto, no que se refere ao bom uso da internet e aos riscos da dependência da internet em adolescentes.

---

<sup>92</sup> TERROSO, 2016, p. 214.

<sup>93</sup> ABREU, Cristiano Nabuco de. **Psicologia do cotidiano**: como vivemos, pensamos e nos relacionamos hoje. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 165.

<sup>94</sup> ABREU, 2016, p. 165.

## 2.2.4 Adolescência e ritos de passagem

A adolescência pode ser caracterizada como uma fase do desenvolvimento humano em que a pessoa, por necessidade do seu amadurecimento físico e mental, experimenta em muitas esferas da vida a transição e a mudança. Em aspectos de espiritualidade e religiosidade não é diferente. A pessoa adolescente vive a passagem da infância para a idade adulta também no sentido espiritual e religioso.

Segundo Marcelo Saad *et al.*, espiritualidade é definida como “[...] um sistema de crenças que enfoca elementos intangíveis, que transmite vitalidade e significado a eventos da vida.”<sup>95</sup> A dimensão da espiritualidade transcende o corpo, a mente e o mundo cotidiano, pois está mais ligada aos questionamentos pessoais e ao propósito e significado da existência. Nesta direção, espiritualidade é “[...] um sentido de conexão com algo maior que si próprio, que pode ou não incluir uma participação religiosa formal.”<sup>96</sup>

Espiritualidade é um sentimento pessoal a respeito do sentido da própria vida, é uma compreensão capaz de fazer frente a sentimentos como incapacidade, culpa e ansiedade. A religiosidade, por outro lado, se refere mais ao coletivo e ao comunitário. Fundamenta-se numa doutrina, numa ordem litúrgica e em preceitos de comportamento moral válidos para a congregação ou o grupo.

Religiosidade envolve um sistema de culto e doutrina que é compartilhado por um grupo, e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais específicas. Espiritualidade está relacionada com o transcendente, com questões definitivas sobre o significado e propósito da vida, e com a concepção de que há mais na vida do que aquilo que pode ser visto ou plenamente entendido.<sup>97</sup>

No que se refere à adolescência, alguns aspectos da espiritualidade e da religiosidade são observados na forma de ritos de passagem. Em geral, esses eventos estão relacionados às denominações religiosas e ocorrem de maneira sistemática e organizada. Estes rituais estão presentes como marco de transição entre a infância e a idade adulta.

---

<sup>95</sup> SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, v. 8, n. 3, 2001. p. 198. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228888985\\_ORIGINAL\\_Espiritualidade\\_baseada\\_em\\_evidencias](https://www.researchgate.net/publication/228888985_ORIGINAL_Espiritualidade_baseada_em_evidencias). Acesso em: 1 mai. 2021.

<sup>96</sup> SAAD, 2001, p. 108.

<sup>97</sup> SAAD, 2001, p. 108.

É possível identificar e analisar a importância dos ritos que são vividos e celebrados em todas as grandes religiões. John Bowker define o conceito de rito ou ritual da seguinte forma:

Rituais são ações repetidas de modo regular e previsível, que dão coerência ao processo do tempo, que, de outra maneira, seria aleatório. Eles podem, portanto, ser inteiramente seculares (como, por exemplo, a abertura dos Jogos Olímpicos ou a véspera do ano-novo), mas estão presentes em todas as religiões.<sup>98</sup>

Os rituais religiosos expressam o movimento das pessoas e das comunidades de fé através dos momentos marcantes e significativos da vida. Alguns rituais de passagem podem ser de iniciação, como o rito do batizado. Outros indicam a transição para uma nova fase, como a confirmação e o casamento. E ainda outros representam a despedida, a exemplo dos sepultamentos. “O ritual é a linguagem através da qual os homens articulam e lidam com suas esperanças e temores, e a vida é constantemente renovada.”<sup>99</sup>

Sobre os ritos relacionados à infância e à adolescência, Mircea Eliade comenta sobre a importância desses rituais para o desenvolvimento e socialização das pessoas, integrando-as ao convívio familiar e comunitário, possibilitando a elas identidade e reconhecimento.

Quando acaba de nascer, a criança só dispõe de uma existência física; não é ainda reconhecida pela família nem recebida pela comunidade. São os ritos realizados imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de ‘vivo’ propriamente dito; é somente graças a esses ritos que ele se integra à comunidade dos vivos.<sup>100</sup>

Com a chegada da puberdade e da maturidade sexual, adolescentes de ambos os sexos ingressam em uma nova etapa de suas vidas. No entanto, em termos religiosos, segundo Jostein Gaarder *et al.*, “[...] ser sexualmente maduro, porém, nem sempre basta para garantir ao indivíduo o pleno status de membro da sociedade adulta.”<sup>101</sup> Os ritos de passagem nessa fase da vida conduzem a pessoa para a etapa seguinte, integrando-a aos afazeres e às coisas das pessoas adultas.

<sup>98</sup> BOWKER, John. **Para entender as religiões**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 9.

<sup>99</sup> BOWKER, 2000, p. 9.

<sup>100</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos). p. 89.

<sup>101</sup> GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. 11. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 29.

“A confirmação, ou crisma, que é de origem religiosa, muitas vezes é considerada, no mundo ocidental, uma iniciação na idade adulta.”<sup>102</sup>

Segundo Gaarder, os rituais de iniciação têm o intuito de transmitir à pessoa adolescente os ensinamentos e as doutrinas daquela religião, “[...] o ensino das tradições tribais, leis religiosas, direitos e deveres [...] Deve aprender as narrativas sagradas e os ritos tradicionais.”<sup>103</sup> Das garotas e dos garotos se esperam perícias específicas para os trabalhos, como cozinhar, cuidar das crianças, construir, lutar, caçar. Nas sociedades tradicionais, adolescentes e jovens, para se tornarem pessoas adultas, “[...] têm que passar por testes de resistência para demonstrar sua coragem e força física. [inclusive] Sofrem espancamentos e torturas físicas e psicológicas.”<sup>104</sup>

O autor também observa que em diferentes religiões no período da puberdade há uma ênfase na diferenciação dos sexos. A partir desse momento há espaços diferentes para homens e mulheres na sociedade. Também se diferem os conteúdos e habilidades a serem aprendidos e aperfeiçoados por ambos os sexos. Os métodos pedagógicos de ensino também variam entre meninos e meninas. “Enquanto nos meninos a circuncisão pode prevenir certas doenças, nas mulheres reduz a capacidade de desfrutar da atividade sexual.”<sup>105</sup> A mutilação dos órgãos sexuais, circuncisão ou excisão do clitóris, revela o forte grau de controle sobre a sexualidade e prática sexual.

Geralmente a iniciação é tida como um novo nascimento. De fato, o simbolismo dos ritos vai ainda mais longe: a iniciação se torna uma morte seguida de um renascimento. A infância terminou e a criança deve morrer, para que possa nascer novamente como adulto. Em alguns casos, os jovens são deitados em túmulos especiais ou são pintados de branco para ficar parecidos com os mortos.<sup>106</sup>

Os ritos de iniciação são permeados de simbolismos que são apreendidos pelas pessoas adolescentes e passam a fazer parte de sua vida e vivência social. Percebe-se a intencionalidade de apresentar a temática da morte e do renascimento. “A morte representa caos e confusão, enquanto um novo nascimento,

---

<sup>102</sup> GAARDER, 2002, p. 29.

<sup>103</sup> GAARDER, 2002, p. 30.

<sup>104</sup> GAARDER, 2002, p. 30.

<sup>105</sup> GAARDER, 2002, p. 30.

<sup>106</sup> GAARDER, 2002, p. 30.

ou nova criação, significa que a ordem, o equilíbrio e a harmonia foram restabelecidos.”<sup>107</sup>

Na idade contemporânea se percebe de maneira mais acentuada que o rito e o religioso excedem as estruturas e instituições religiosas. A espiritualidade e a religiosidade são vividas pelas pessoas também fora das igrejas, dos templos e dos espaços denominacionais. Percebe-se também uma confluência e integração de várias crenças e experiências religiosas. Como assinala Oneide Bobsin, “[...] não há, pois, dicotomias entre sagrado e profano, erudito e popular, mítico e racional, *insider* e *outsider* etc.”<sup>108</sup> As pessoas transitam entre as religiões oficiais e o “subterrâneo religioso”. Dessa forma, se abastecem das espiritualidades que suprem suas necessidades, ainda que momentaneamente.

No que se refere ao luto, as pessoas, de maneira geral, buscam expressar e comunicar seu sofrimento, sua desilusão e sua incompreensão. A religiosidade pode, nesses casos, se apresentar como um caminho para a vazão desses sentimentos. Oneide Bobsin lembra que:

[...] não só em períodos revolucionários históricos, mas em momentos cruciais da vida, como na doença, no luto e no desemprego, os homens e as mulheres ‘conjuram em seu auxílio’ não só os espíritos passados, mas também as práticas e crenças pouco ortodoxas que sabem incorporar ao discurso do clero, responsável pela reta doutrina, outras visões de mundo e de religião.<sup>109</sup>

Em outro sentido, podemos verificar que para as pessoas adolescentes, em muitos casos, os ritos religiosos tradicionais estão sendo substituídos por outras atividades de passagem para a vida adulta, como fazer o título eleitoral, ingressar numa faculdade ou conseguir a carteira de habilitação para dirigir automóveis. Ou seja, os ritos de passagem vividos pelas gerações de adolescentes na atualidade diferem ou se sobrepõem aos ritos de passagem de outras gerações. A forma tradicional dos ritos e celebrações também parecem não interessar ou envolver as pessoas adolescentes na contemporaneidade. No entanto, muitas vezes, elas experimentam momentos de espiritualidade em ambientes seculares, como *shows*,

<sup>107</sup> GAARDER, 2002, p. 30.

<sup>108</sup> BOBSIN, Oneide. O subterrâneo religioso da vida eclesial: intuições a partir das ciências da religião. **Estudos Teológicos**, v. 37, n. 3, 1997. p. 196. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/801/732](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/801/732). Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>109</sup> BOBSIN, 1997, p. 195-196.

festas, jogos esportivos, viagens. Essas experiências se tornam significativas para as pessoas adolescentes como uma forma de religiosidade, que supre em parte ou mesmo plenamente o sentimento religioso.

Concluindo este capítulo, constata-se que atualmente as pessoas adolescentes encontram-se em uma sociedade culturalmente diversificada, conectada pela internet com suas redes sociais, onde os ritos de passagem ganham novas formas e novos significados. Nesse contexto, em meio às transformações físicas e mentais geradas pela fase da puberdade, as pessoas adolescentes precisam reconstruir suas identidades descobrindo a si mesmas e obtendo reconhecimento das outras pessoas. Alguns conceitos, definições e questões atuais no que se refere à adolescência, expostos inicialmente, auxiliam na compreensão da adolescência e da pessoa adolescente na contemporaneidade. A seguir, dando aprofundamento, se tratará a respeito do luto e da vivência do luto por parte de adolescentes. Na adolescência a experiência da morte de um familiar ou pessoa próxima pode implicar uma série de consequências e acarretar mudanças significativas para as pessoas adolescentes.

### **3 A VIVÊNCIA DO LUTO POR PARTE DE ADOLESCENTES**

O luto pela morte de familiares e pessoas próximas é uma situação enfrentada por muitas pessoas em diferentes contextos e idades. Essa realidade também atinge adolescentes nas comunidades e nas escolas. Constantemente se encontra adolescentes sofrendo com a morte de uma pessoa próxima. Em geral, nesses casos, a perda de um parente, principalmente do pai ou da mãe, traz sérias consequências e implica grandes mudanças na rotina de vida.

Por outro lado, a adolescência é um período de intensos relacionamentos e dúvidas existenciais. Pode-se dizer que a pessoa adolescente vive situações de crise em vários sentidos. Passar nessa fase da vida pela experiência da morte de uma pessoa da família tem um profundo impacto. Essa experiência, quando não assimilada adequadamente pela pessoa, pode resultar em prejuízos no campo emocional, relacional, educacional e outros. No entanto, o devido apoio nesse período pode contribuir para uma melhor elaboração do processo do luto, ajudar na superação saudável desse evento e oportunizar a resiliência necessária para seguir com a vida.

Neste capítulo a pesquisa investigará como as pessoas adolescentes vivenciam o luto na contemporaneidade. Para isso, buscar-se-á primeiramente por definições gerais sobre o luto, fases e tarefas do luto, luto virtual e luto na pandemia de coronavírus. No segundo momento, visando o apoio às pessoas adolescentes, será feita uma relação entre a adolescência e a vivência do luto por parte de adolescentes abordando fatores da vida infantil e da internet com a intenção de identificar e entender como o luto acontece nesse período da vida.

#### **3.1 LUTO: ALGUMAS DEFINIÇÕES**

A busca por algumas definições de luto é uma tarefa imprescindível quando se trata da observação desse processo. Mesmo que cada pessoa adulta ou adolescente vivencie de maneira muito própria e particular esses eventos baseadas em suas experiências pessoais e histórias de vidas. Pode-se, no entanto, de alguma

forma encontrar similaridades nas respostas emocionais e comportamentais às situações de luto.

### 3.1.1 Luto, fases e tarefas

A maioria das pessoas, em algum momento da vida, enfrentou ou irá enfrentar um luto. Algumas irão sofrer a perda de familiares ou pessoas próximas ainda na infância ou na adolescência. Howard Clinebell, a respeito disso, constata que “[...] a perda pessoal é a crise universal, que atinge cada um mais cedo ou mais tarde.”<sup>110</sup> Mesmo sendo o luto um acontecimento relativamente comum e o morrer um processo natural da vida, o momento de se deparar com a finitude da existência será sempre um tempo difícil e doloroso, já que nem sempre a pessoa estará em condições de lidar com os sentimentos que o luto desperta e nem com o fato de ser amparada por outras pessoas e profissionais.

Na compreensão mais comum do termo luto, nos dicionários de língua portuguesa consta como significado o sentimento de tristeza que permanece no transcurso de algum tempo relacionado à morte de alguma pessoa estimada ou por outras causas de separação e rompimento. A definição sobre a palavra luto encontrada no Dicionário Escolar Latino-português é a seguinte:

Luto. S.m.1 Sentimento de tristeza profunda por motivo da morte de alguém. 2. Luto originário por outras causas (separação, partida, rompimento, etc.); amargura, desgosto. 3. Tempo durante o qual devem manifestar-se certos sinais de luto. 4. O fato de perder um parente ou pessoa querida, perda por morte.<sup>111</sup>

Segundo Maria Cristina Guarnieri, pode-se dizer que “[...] toda vez que um vínculo afetivo é rompido, uma série de emoções começam a ser sentidas e precisarão ser percebidas, compreendidas e transformadas. Isso é o que chamamos de luto.”<sup>112</sup> O luto é uma resposta natural à perda de alguém importante e estimada pela pessoa. De modo geral, esse processo evolui de forma saudável e dependendo da pessoa e da situação em particular pode levar mais ou menos tempo.

<sup>110</sup> CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral: Modelo centrado em libertação e crescimento**. 6. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 211.

<sup>111</sup> LUTO. In: FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. p. 691.

<sup>112</sup> GUARNIERI, Maria Cristina M. **Do fim ao começo: Falando sobre perdas, luto e morte**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 24.



Na atualidade as experiências relacionadas ao luto estão se tornando mais escassas. Famílias menores, o distanciamento da vida comunitária, a rotina da vida mais urbana e acelerada são fatores que têm limitado o contato das pessoas com o luto. Há algumas décadas uma pessoa adulta ao redor dos 40 anos possivelmente já havia se deparado com inúmeras situações de luto, como a morte dos avós, pai, mãe, irmãos, irmãs, amigos ou amigas próximas e até mesmo, quem sabe, o luto por um filho ou uma filha. De maneira diferente, as gerações mais recentes têm vivenciado cada vez menos a perda de pessoas próximas e, portanto, tido menos oportunidade para lidar com o luto e os sentimentos que ele evoca.

Blanches de Paula faz uma observação importante sobre o luto:

Quando falamos de luto, não nos referimos somente ao tema da morte, mas perdas que colecionamos no decorrer de nossa vida. Nesse sentido, não podemos negar que luto geralmente está mais associado à morte, num primeiro momento. Mas o luto não é sinônimo de morte, mas de vida. Vida vinculada à dimensão da fé, das ciências que procuram compreender o ser humano nas várias nuances de seu existir.<sup>113</sup>

O luto não está apenas relacionado à morte de uma pessoa, mas também se manifesta quanto à perda de algo que se julga importante no contexto das relações interpessoais e sociais. Por exemplo, um rompimento amoroso ou de amizade, a mudança para outra cidade ou escola, a perda de um animal de estimação, uma reprovação ou um fracasso profissional, demissões, as sequelas de um acidente ou de uma doença, a separação de pais e mães, o afastamento de filhos e filhas ou irmãos e irmãs. Nessas e noutras situações semelhantes, as pessoas passam por fases que estão ligadas a um processo de luto.

Em se tratando do luto, cada pessoa reage de uma forma própria. Mas, de modo geral, pode-se afirmar que o processo e o desenvolvimento do luto e os sentimentos a ele associados envolvem uma série de etapas pelas quais a pessoa passa até compreender, assimilar e aceitar o fato ocorrido. Essas etapas são descritas como fases do luto.

Elisabeth Kübler-Ross<sup>114</sup> e John Bowlby<sup>115</sup> sinalizam de forma pioneira que uma forma de acompanhar e ajudar pessoas diante da morte é pensar em etapas ou

<sup>113</sup> PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós: luto, aconselhamento pastoral e esperança**. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011. p. 57.

<sup>114</sup> KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

<sup>115</sup> BOWBLY, John. **Apego e perda: tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

fases sucessivas vivenciadas pelas pessoas que enfrentam a separação de pessoas queridas.

Lothar Hoch apresenta um mapeamento no qual aponta quatro fases do luto. Segundo o autor, as considerações apresentadas têm por base os estudos de Spiegel e Lindener.<sup>116</sup>

Assim como estudos especializados mostraram que um moribundo tende a atravessar certas fases no seu processo de morrer, assim também se conseguiu detectar certas fases pelas quais passa uma pessoa enlutada. Fala-se por isso de um processo de luto, ou seja, podem-se distinguir manifestações diferentes de luto em momentos diferentes duma caminhada, respeitadas as características individuais de cada pessoa.<sup>117</sup>

a) *Fase de choque*: É o momento que a pessoa se depara com a notícia e a realidade da morte de uma pessoa estimada. Esse é um momento de surpresa mesmo que, de alguma forma, a morte já seja esperada, como no caso de pessoas enfermas ou hospitalizadas. Há sensações físicas e psicológicas.

O choque resulta do confronto direto com a realidade nua e crua da morte. Essa primeira reação de choque pode manifestar-se em forma de um grito desesperado ou em forma de uma sensação gélida que passa por todo o corpo (alguns chegam efetivamente a sentir frio). Outras pessoas contam que sentiram a notícia da morte de alguém querido como se tivesse levado uma paulada na cabeça e como se estivessem sendo anestesiadas e fossem incapazes de manifestar algum tipo de sentimento. Finalmente outros têm a sensação de que o que estão vendo ou ouvindo não pode ser verdade. Numa reação espontânea, quando confrontados com o corpo do falecido, sentem um forte impulso de querer trazê-lo de volta à vida.<sup>118</sup>

b) *Fase controlada*: Passada a primeira fase do choque, a pessoa segue em uma fase mais controlada em que precisa demandar questões práticas relacionadas ao velório e ao enterro. Nesta fase a pessoa está mobilizada e distraída pelos afazeres que precisa realizar. Vive-se uma fase de agitação e uma mistura de diversos sentimentos, por vezes contrastantes. “Os sentimentos são confusos embora predomine o sentimento de tristeza e de perda. Mas os outros estão aí e o enlutado não chega a se dar conta exatamente do que a morte da pessoa significa

<sup>116</sup> HOCH, Lothar. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. In: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter F. K. (Coord.). **Proclamar Liberdade**: Ofícios – Suplemento 2. São Leopoldo: Sinodal 1988. p. 75.

<sup>117</sup> HOCH, Lothar C. “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento”: desafios pastorais no trabalho com enlutados. In: HOCH, L. C.; HEIMANN, Thomas (Orgs.). **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**: Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 66.

<sup>118</sup> HOCH, 2008, p. 66.

para ela.”<sup>119</sup> A fase controlada acaba quando se encerram as atividades relacionadas ao sepultamento e a pessoa volta para a sua casa e a sua rotina recomeça.

c) *Fase do vazio existencial*: Apontada como a fase mais extensa e dramática do processo do luto, a fase do vazio existencial acontece com a retomada das atividades corriqueiras do dia a dia. Nessa fase a pessoa percebe que os dias e noites não serão mais como eram antes.

O enlutado deixa de procurar pela pessoa perdida e reconhece a imutabilidade da perda. Sente desmotivação, apatia e depressão, uma vez que terá de abandonar a esperança de recuperar o morto e reconstruir a situação anterior à perda. É a fase mais importante, mais prolongada e dramática do processo do luto. Ela inicia quando cessa a agitação, os familiares e amigos se foram e quando se retorna ao dia a dia [que] não é mais o mesmo. O sentimento de perda se instala de forma tão forte que parece impossível pensar em outra coisa, a não ser na pessoa perdida.<sup>120</sup>

O sentimento de vazio existencial pode acarretar momentos de depressão e inclusive a perda do sentido da vida. Coisas e atividades que anteriormente davam prazer e contentamento podem perder o significado. Há uma forte vontade de se isolar do mundo e das relações sociais. O medo, dúvidas e incertezas quanto ao futuro, em muitos casos, passa a ser uma companhia insistente. Também a espiritualidade é abalada.

Entre pessoas de fé, não raramente se manifesta a sensação de terem sido esquecidas e abandonadas por Deus. Palavras bíblicas que outrora lhes traziam consolo agora parecem vazias e destituídas de sentido. Alguns cristãos sentem a necessidade de manifestar seu inconformismo e seu protesto contra Deus que permitiu essa desgraça.<sup>121</sup>

Quem se depara com o luto carece de apoio para seguir adiante com a vida. Pessoas enlutadas de todas as idades precisam de ajuda de amigos e amigas, colegas de escola e de trabalho, familiares e pessoas da comunidade de fé para entender e superar esse período.

Nesta fase é importante que a pessoa enlutada expresse e fale sobre sua dor, seus sentimentos e suas dúvidas. Ao ser visitada e ao dialogar com pessoas diferentes sobre o que aconteceu e como se sente, a pessoa enlutada tem a

<sup>119</sup> HOCH, 2008, p. 67.

<sup>120</sup> CONTI, Jetânia Maria D. de. **A dor da perda de um filho**: proposições práticas de conversações terapêuticas. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2012. p. 37.

<sup>121</sup> HOCH, 2008, p. 67.

oportunidade de ouvir-se enquanto fala e assim, aos poucos, ir assimilando o que aconteceu.

Ele precisa sentir que tem pessoas que estão ao seu lado. Nem tanto para lhe dar conselhos, mas para ter com quem compartilhar a sua tristeza ou mesmo o seu protesto. Ele precisa recapitular certas coisas da vida que teve em comum com a pessoa falecida e contar repetidamente certos episódios que para ele estão carregados de emoção. Outros enlutados preferem se recolher em si mesmos e curtir sozinhos a sua tristeza e desolação. Eles dão a impressão de que não querem visitas. Não se deve confundir, todavia, o desejo de não falar com o desejo de não receber visitas. Às vezes o enlutado prefere não falar, mas no fundo ele se alegra ao notar que outros o procuram, nem que seja para silenciar com ele.<sup>122</sup>

d) *Fase da readaptação*: É a fase em que, gradativamente, a pessoa enlutada consegue reordenar sua mente e reorganizar a sua vida. “A energia retorna aos poucos, promovendo independência e iniciativa.”<sup>123</sup> Consegue retomar o planejamento a nível pessoal e profissional. Nesta fase a pessoa enlutada consegue, com mais propriedade, tomar decisões que envolvem os bens e pertences da pessoa falecida e efetuar as mudanças que a nova situação exige ou possibilita.

Isso são sintomas de que o enlutado iniciou o processo de ordenamento do caos interior e que optou novamente pela vida. Só agora que o enlutado se libertou interiormente do falecido, ele consegue deixá-lo repousar em paz e ver com mais objetividade o relacionamento que houve entre eles, tanto as facetas positivas como as negativas. Aos poucos o enlutado vai adquirindo a liberdade para, eventualmente, entrar em novas ligações afetivas ou transferir sua afetividade para outros objetos. Trata-se, enfim, de uma readaptação à vida assim como ela é, sem a existência da pessoa falecida.<sup>124</sup>

Tomar como referência essas quatro fases do luto não quer dizer que essa regra se aplica a todas as pessoas em todas as idades. Ou mesmo que elas aconteçam na ordem descrita. Conti ressalta ainda que “[...] essas fases não acontecem de forma sequencial e que nem todos passam necessariamente por todas elas.”<sup>125</sup> Cada pessoa pode apresentar uma maneira muito própria de encarar o luto às vezes experimentando sentimentos diferentes e podendo, em certos casos, retroceder em alguns momentos aos comportamentos apontados nas fases iniciais.

---

<sup>122</sup> HOCH, 2008, p. 68.

<sup>123</sup> CONTI, 2012, p. 38.

<sup>124</sup> HOCH, 2008, p. 68.

<sup>125</sup> CONTI, 2012, p. 38.

Falar em fases do luto não deve ser entendido com a pretensão de querer estabelecer um curso “padrão” que o processo do luto precise percorrer. Cada situação de luto é especial e única. Há muitos fatores que determinam a forma do luto, desde aspectos culturais, até características de personalidade e, não por último, o tipo de relacionamento que houve entre a pessoa falecida e o enlutado.<sup>126</sup>

Entender as fases do luto e como elas se desenvolvem, bem como compreender a especificidade de cada pessoa enlutada é uma ferramenta importante para pessoas e profissionais que desejam ajudar quem passa por este processo. “Conhecendo-se as fases, poder-se-á evitar que se diga ou faça certas coisas no momento inoportuno.”<sup>127</sup>

Mesmo entendendo o luto como um processo e podendo compreendê-lo como tendo fases ou estágios, é importante não tomar esses conceitos como uma regra única para todos os casos de perda. Segundo James Worden, “[...] o conceito de fase implica certa passividade, algo que o enlutado deve ultrapassar.”<sup>128</sup> Worden propõe o modelo de tarefas do luto, em que entende a pessoa enlutada como ativa em seu processo e não meramente passiva e sujeita ao transcurso do tempo. Também nesse modelo as pessoas que acompanham e apoiam quem está em luto têm uma presença importante e motivadora para a realização das tarefas.

Em outras palavras, o enlutado pode perceber as fases como algo que deve simplesmente ultrapassar, enquanto o modelo de tarefas pode dar a ele algum senso de poder e esperança de que existe algo que pode fazer ativamente para se adaptar à morte de seu ente querido.<sup>129</sup>

Conforme o referido autor, as tarefas do luto seriam as seguintes:<sup>130</sup>

1. *Aceitar a realidade da perda*: é a tarefa de encarar que a pessoa falecida está morta, não vive mais e não haverá mais comunicação com ela. Dificultam a realização dessa tarefa a negação da morte ou a espera de um retorno iminente. Em sentido oposto está a minimização da perda, passando a ideia de que a pessoa enlutada não se importa com a pessoa falecida, nesses casos, desfazendo-se de seus pertences com rapidez e evitando falar sobre o assunto. A realização dessa

<sup>126</sup> HOCH, 2008, p. 68.

<sup>127</sup> HOCH, 2008, p. 69.

<sup>128</sup> WORDEN, James W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Rocca, 2013. p. 20.

<sup>129</sup> WORDEN, 2013, p. 20.

<sup>130</sup> WORDEN, 2013, p. 21-30.

tarefa leva algum tempo, mas, em geral, os rituais tais como celebrações fúnebres ajudam no processo de aceitação.

2. *Processar a dor do luto*: é preciso lidar com a dor e permitir sentir o luto, a saudade, a solidão. Cada pessoa vive o luto com uma intensidade diferente, algumas chegando a ter sintomas físicos. A sociedade muitas vezes dificulta o luto negando a necessidade das pessoas enlutadas de sentir e processar o seu sofrimento. Frases comuns são do tipo: “Você não deve se sentir assim”; “Você é jovem e vai superar”; “Fulano não gostaria que você continuasse chorando”. Esses comentários não ajudam a pessoa enlutada e apenas reforçam uma possível negação ao luto e à dor nele contida. Ao bloquear os pensamentos e sentimentos, as pessoas enlutadas interrompem o processo, o que pode levar a um luto complicado e à necessidade de terapia futura para organizar as emoções.

3. *Ajustar-se a um mundo sem a pessoa morta*: os ajustes se mostram de três formas. a) Ajustes externos que dizem respeito ao funcionamento da vida no dia a dia e a reorganização das divisões das tarefas, como no cuidado da casa, no suporte aos filhos e às filhas, nas questões financeiras e de tomar conta de si mesma. Esse ajustamento geralmente surge, na maior parte dos casos, no terceiro ou quarto mês após o falecimento da pessoa familiar; b) ajustes internos são as necessidades da pessoa enlutada de adequar seu *self* e seus sentimentos à nova realidade. Questões de autoestima e de não se sentir eficaz na realização das atividades antes desempenhadas pela pessoa falecida podem trazer dúvidas e sofrimento. Porém, com o passar do tempo, os questionamentos existenciais ajudam no ajustamento da pessoa à nova situação; c) ajustes espirituais se referem a crenças filosóficas e religiosas. Em muitos casos as pessoas enlutadas sentem que perderam o sentido da vida e que sua espiritualidade não dá resposta ou segurança. Como é o caso de mães ou pais que perdem filhos e filhas, surge o sentimento de “por que Deus quis assim?”. No processo de ajustamento, antigas crenças podem ser reafirmadas ou reformuladas e novas crenças podem surgir ou ser adaptadas no sentido de responder às questões espirituais.

O impedimento de realizar a tarefa III resulta em *fracasso na adaptação à perda*. As pessoas trabalham contra si mesmas, promovendo a própria impotência ao não desenvolver habilidades necessárias para o enfrentamento, ou se afastando do mundo e não enfrentando as exigências do ambiente. Porém, a maioria das pessoas não segue esse caminho negativo. Elas geralmente decidem que devem preencher os papéis, nos

quais estão desabitadas, desenvolver habilidades que nunca tiveram e seguir em frente com percepção renovada de si mesmas e do mundo.<sup>131</sup>

4. *Encontrar uma conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida*: sabe-se que as pessoas enlutadas, mesmo com o decorrer de muitos anos, não se separam das pessoas falecidas, mas desenvolvem a capacidade de continuar conectadas com elas e ao mesmo tempo seguir a vida adiante, com novos sonhos, realizações e relacionamentos afetivos. A ajuda que se pode oferecer a alguém em luto é de que ela encontre uma ligação apropriada na relação com a pessoa falecida lembrando suas memórias, valores e inspirações sem que aconteçam influências negativas em sua vida emocional e psíquica. Muitas pessoas enlutadas consideram essa a tarefa mais difícil a ser realizada no processo do luto. As pessoas que não conseguem executar esta quarta tarefa podem ter a sensação de estarem presas ao momento da perda e de que a sua vida também acabou. No entanto, para a maioria das pessoas, com o tempo, se chega à compreensão de que a vida continua e a lembrança da pessoa falecida passa a ser uma saudade suportável.

Worden observa que sua sistematização das tarefas do luto tem sido útil para profissionais e equipes que trabalham com pessoas enlutadas. No entanto, ele alerta que, em se tratando de luto, não existem processos rígidos e sim flexíveis ou fluídos, podendo a pessoa enlutada visitar e retrabalhar essas tarefas no decorrer da vida e nas próximas etapas de seu desenvolvimento.

Muitos conselheiros têm considerado essas quatro tarefas do luto úteis na compreensão do processo de luto. Minha preocupação é de que alguns conselheiros iniciantes tendam a vê-las como progressão rígida e caiam na armadilha de associar com estágios fixos. As tarefas podem ser revividas e trabalhadas novamente muitas e muitas vezes ao longo do tempo. As diversas tarefas também podem ocorrer simultaneamente. O luto é um processo fluido.<sup>132</sup>

As tarefas do luto propostas por Worden parecem plausíveis e correlacionais ao que outros autores e outras autoras, já citados e citadas nesta pesquisa, conceituaram como fases do luto. Fato é que o luto se mostra na forma de um processo e de um desenvolvimento que pode ser observado e que pode ser acompanhado por alguma pessoa ou profissional no sentido de ajudar a pessoa enlutada, independente da sua idade, a vivenciar o luto. Nesse sentido, as fases ou

<sup>131</sup> WORDEN, 2013, p. 28.

<sup>132</sup> WORDEN, 2013, p. 31.

tarefas do luto também se aplicam às pessoas adolescentes, que em maior ou menor grau irão vivenciá-las e a partir delas desenvolver sua forma de lidar com o luto e outras perdas que se farão presentes em suas vidas.

### 3.1.2 Luto virtual

Vivenciar a perda de um familiar ou uma pessoa amiga é uma experiência impactante que desperta emoções e sentimentos. Essa experiência para a maioria das pessoas tem mudado radicalmente nas últimas décadas. Até pouco tempo atrás, em meados do século passado, as pessoas tomavam conhecimento da morte de um ente querido através do contato pessoal das pessoas que iam de casa em casa para dar a notícia do falecimento e repassar as informações sobre o velório e sepultamento. Para familiares que moravam distantes, em outros estados ou países, as notícias sobre falecimentos quase sempre chegavam por cartas. Havia um significativo espaço de tempo entre o ocorrido e o conhecimento do fato. Já num tempo mais recente o telefone facilitou e agilizou essas informações. No entanto, nos últimos anos, com o advento da internet e das redes sociais, acontece a comunicação quase instantânea da morte de alguém conhecido, membro da família, ou do círculo de amizades, independente da distância entre as pessoas. Regina Bouso apresenta como depoimento de uma pessoa enlutada a seguinte citação: “Apenas vinte minutos após o anúncio do falecimento, por um familiar, no perfil do falecido, as manifestações de apoio já se iniciaram.”<sup>133</sup> Para a autora, esse comentário revela uma nova realidade vivida pelas pessoas enlutadas que se deparam com a perda de seus familiares de uma maneira mais rápida e impactante, de forma também expressa surgem as mensagens de condolências e pesar. Wildoberto Gurgel *et al.*, nesse mesmo sentido, comenta:

O processo de luto, portanto, não é vivenciado da mesma forma em todas as sociedades, épocas, culturas e indivíduos. Ele sofre modificações à medida que os anos passam, as sociedades mudam e novas formas de relacionamentos aparecem. [...] Em virtude disso, vários hábitos estão mudando e novas habilidades estão sendo construídas. Raras são as pessoas que ainda escrevem cartas ou mandam cartões em datas comemorativas. Boa parte passou a usar os serviços disponíveis na internet para deixar recados, enviar cartões virtuais, de voz, vídeos ou mensagens junto aos perfis nas redes sociais, ou para examinar sites, blogues, microblogues etc. Dentre essas mudanças de comportamento, está também

---

<sup>133</sup> BOUSSO, Regina Szyllit *et al.* A prática do luto interativo no Facebook. **Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade**, Salvador, v. 1, 2012. p. 10.



a forma que algumas pessoas têm encontrado para vivenciar os seus processos de luto.<sup>134</sup>

O espaço da internet e das redes sociais para a comunicação e a elaboração das fases ou tarefas do luto tem sido uma das formas que muitas pessoas, algumas preferencialmente, utilizam para resolver algumas questões do seu processo de luto e expressar seus sentimentos em relação à perda.

Em um sentido amplo, podemos dizer que, ao mesmo tempo que o luto virtual democratiza o acesso aos rituais, prolonga sua duração, cria novas estéticas fúnebres e aproxima virtualmente os enlutados, também permite que o contato físico se mantenha inexistente, comentários impertinentes apareçam, exclui as camadas sociais sem acesso à internet e, principalmente, não dirime as dúvidas sobre a sua eficiência para a elaboração do processo de luto.<sup>135</sup>

Gurgel ressalta que o luto virtual não é virtual como sinônimo de irreal. O luto virtual relaciona os sentimentos que emanam do mundo físico (*off-line*) para o mundo virtual (*online*) e vive versa. Nesses mundos que se interconectam e se inter-relacionam, existem pessoas reais de alma e corpo que sofrem com o luto.

Acreditamos, portanto, que uma boa razão para explicarmos a expansão do luto virtual é que, além de ser uma vertente típica da contemporaneidade, na qual o uso do ciberespaço para a manifestação do emocional é bastante comum, há significativa carência de outros espaços, graças aos interditos da morte.<sup>136</sup>

Bouso colheu resultados em sua pesquisa que demonstram como o luto pode ser encontrado nas manifestações, depoimentos e compartilhamento nas redes sociais da internet, nesse caso o *Facebook*.

Os sobreviventes, amigos do falecido, ao longo de um mês após a data do falecimento, postaram uma variedade de conteúdo relacionado à sua relação com o falecido, reações emocionais e cognitivas específicas à morte, bem como sua experiência de vida e de luto. Ao longo do primeiro mês foi possível observar que as postagens tornaram-se menos frequentes e com menos reações emocionais.<sup>137</sup>

Segundo Bouso e autores, nessas comunicações a respeito do luto são possíveis identificar as seguintes categorias temáticas: 1) Postagens de reações emocionais e cognitivas a respeito da morte; 2) Tentativas de manter alguma

<sup>134</sup> GURGEL, Wildoberto B. *et al.* Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. **Cadernos de pesquisa**, v. 18, n. 1, p. 7-16, 2011. p. 8.

<sup>135</sup> GURGEL, 2011, p. 15.

<sup>136</sup> GURGEL, 2011, p. 16.

<sup>137</sup> BOUSSO, 2012, p. 6.

conexão com a pessoa falecida; 3) Utilização da internet como espaço para divulgar as informações a respeito das cerimônias de despedida, homenagens e agradecimentos; 4) Meio para internautas expressarem as condolências para as pessoas da família enlutada.

Neste estudo, as interações que ocorreram com os comentários no perfil do falecido, direcionadas ao falecido, ao público, aos familiares e pelos familiares, nos fazem pensar que as redes sociais podem transformar o luto de um espaço privado para um espaço público.<sup>138</sup>

As constatações deste estudo de Bousso ajudam a compreender que as redes sociais da internet que se dispõe atualmente podem ajudar no enfrentamento do luto, pois oferecem espaço para vazão dos sentimentos através dos depoimentos pessoais. Podem também oportunizar inúmeras manifestações, comentários e interações que, de certa forma, podem ajudar as pessoas enlutadas a elaborar suas emoções.

[...] as redes sociais e comunidades online podem permitir que o enlutado se sinta acolhido no enfrentamento de sua dor, tendo seu sentimento de desamparo diminuído. [...] Acreditamos que as novas tecnologias e práticas interacionais aproximam a comunidade do enlutado e a rapidez na qual os comentários fluem resultam num acolhimento quase que imediato do enlutado.<sup>139</sup>

O que leva a concluir nesse ponto que o luto virtual, como exposto pelos autores e pelas autoras, é de fato uma presença perceptível na sociedade contemporânea, e para o qual não se pode fechar os olhos. Sua existência pode trazer complicações para o luto. No entanto, como se percebe, pode também trazer inúmeras possibilidades para o apoio e acompanhamento das pessoas enlutadas, principalmente no aconselhamento com adolescentes e jovens que transitam facilmente pelo mundo virtual e fazem deste um importante local de relacionamentos e partilhas.

A internet, com seus aplicativos de compartilhamentos de vídeos, imagens e mensagens, se tornou ainda mais presente e significativa no cotidiano das pessoas no período de enfrentamento da pandemia de coronavírus, onde muitas pessoas perderam entes queridos para a covid-19. Nesse sentido, a conexão com a internet possibilitou que muitas pessoas enlutadas pudessem acompanhar os

---

<sup>138</sup> BOUSSO, 2012, p. 9.

<sup>139</sup> BOUSSO, 2012, p. 10.

sepultamentos, participando dos ritos funerários, recebendo informações e palavras de consolo, manifestando seu pesar e sua solidariedade a outros membros da família. A vivência do luto no meio virtual possibilitou que as pessoas tivessem interação a distância de forma segura para sua saúde e evitando a proliferação da epidemia. Mais sobre o luto na pandemia de coronavírus trataremos a seguir.

### 3.1.3 Luto na pandemia de coronavírus

No final do ano de 2019 teve início, na cidade de Wuhan na China, a pandemia de coronavírus SARS-CoV-2, que se espalhou rapidamente para todos os países do mundo. No Brasil, os primeiros casos surgiram no mês de fevereiro de 2020. A covid-19, doença causada pelo coronavírus, tem causado um grande número de mortes. “Em 23 de outubro de 2022, mais de 624 milhões de casos confirmados e mais de 6,5 milhões de mortes foram relatados globalmente.”<sup>140</sup>

Para Maria Aparecida Crepaldi *et al.*, este contexto de pandemia traz implicações para a vivência do luto por parte de familiares e para o círculo de amizades de pessoas que faleceram por conta da covid-19. Nesse período, tornou-se mais complexa a realização dos ritos de despedida, visitas aos hospitais, velórios e sepultamentos, dificultando o processo do luto. Segundo Crepaldi, casos de morte de várias pessoas de um mesmo grupo familiar geram uma sequência de lutos que trazem desafios ainda maiores para as pessoas diante do enfrentamento de suas perdas.<sup>141</sup>

Medidas de distanciamento social, tomadas nos momentos mais críticos da pandemia, foram necessárias para conter o avanço do coronavírus e diminuir sua letalidade. Países, estados e municípios decretaram restrições quanto ao comportamento de socialização e interação das pessoas. Foram impostas determinações na forma de distanciamento físico, quarentena e *lockdown*. Celso Vender Pereira observou e destacou algumas dessas medidas:

<sup>140</sup> WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Atualização epidemiológica semanal sobre COVID-19 - 26 de outubro de 2022**. Edição 115. Genebra, 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update-on-covid-19---26-october-2022>>. Acesso em 07 nov 2022.

<sup>141</sup> CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020, p.3. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?format=html>>. Acesso em 18 nov 2022.

Dessas restrições destacamos a impossibilidade de receber os abraços de pesar, o velório com tempo reduzido, o impedimento de realizar os ritos de despedida e os rituais fúnebres, a quantidade limitada de pessoas no funeral e até o isolamento por conta do distanciamento social.<sup>142</sup>

Essas restrições na interação e contato das pessoas, mesmo que indispensáveis, causaram “[...] implicações psicológicas diversas.”<sup>143</sup> Na ausência do contato presencial, os processos de despedida para as pessoas à beira da morte não ocorrem como em outras épocas. Os procedimentos de intubação e sedação de pacientes também limitou as possibilidades de conversações nesses momentos de despedida. Crepaldi destaca que os rituais de despedida, na forma de diálogo com a pessoa na iminência da morte, são importantes na vivência do luto.

Os rituais de despedida acontecem por meio de incentivo à comunicação familiar, definição de questões não resolvidas, compartilhamento de bons momentos vividos juntos, agradecimentos e pedidos de perdão, revelando-se promotores de qualidade de morte para os doentes e de qualidade de vida para os familiares [...] Ademais, os rituais de despedida tendem a ser organizadores, vindo a favorecer a resolução do luto.<sup>144</sup>

Esse distanciamento físico, a falta de contato pessoal face a face, a ausência do toque, a impossibilidade da conversa e o isolamento de pessoas familiares, inclusive a falta de apoio espiritual e religioso, em muitos casos, prejudicam os rituais de despedida tanto para as pessoas que falecem quanto para as pessoas que terão de conviver com o luto da pessoa falecida.

O luto que não pode ser vivido adequadamente segundo as crenças ou costumes da pessoa enlutada tem, em muitos casos, consequências prejudiciais à sua saúde psíquica. Diante da perda de familiares nesta época pandêmica de distanciamento social, onde os rituais de despedida precisaram ser modificados, muitas pessoas experimentaram um sentimento de estar em falta com a pessoa falecida, em não ter podido cumprir adequadamente o funeral ou de não ter conseguido se despedir como deveria. Pâmela Schultz Danzmann comenta que esse sentimento de estar em falta junto à pessoa falecida pode trazer complicações para a vivência do luto. “Assim, a preocupação, culpa e angústia de não poder fazer

---

<sup>142</sup> PEREIRA, Celso Venter. **Os lutos real e simbólico em tempos de pandemia da Covid-19 sob o olhar da psicanálise**. 2021. TCC - Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro - UNISA, São Paulo, p. 34. Disponível em: < <http://dspace.unisa.br/handle/123456789/635> > Acesso em 18 nov 2022.

<sup>143</sup> CREPALDI, 2020, p. 4.

<sup>144</sup> CREPALDI, 2020, p. 4.

nada pelo falecido são características emocionais intensas que se estendidas podem indicar o transtorno de luto prolongado.”<sup>145</sup>

Segundo o Ministério da Saúde, nos casos de óbito pela covid-19, as funerárias devem: “Acomodar o corpo em urna a ser lacrada antes da entrega aos familiares/responsáveis [...] Após lacrada, a urna NÃO deverá ser aberta.”<sup>146</sup> Por ocasião do velório e sepultamento, os cemitérios deveriam determinar:

Limitação do acesso de pessoas considerando o espaço do local e a necessidade de manter o distanciamento de, ao menos, 1 metro entre os indivíduos [...] Manter a urna funerária fechada durante todo o velório e funeral, evitando qualquer contato com o corpo do falecido em qualquer momento post-mortem.<sup>147</sup>

Nesse período, o tempo e a audiência dos rituais fúnebres foram reduzidos, em geral a não mais do que quatro horas. O uso de máscaras de proteção, álcool gel para higienização das mãos e ausência de contatos físicos, como abraços e aperto de mãos entre as pessoas que participassem dos velórios e sepultamentos. “Tais mudanças tendem a tornar ainda mais desafiador o processo de luto, sobretudo quando os familiares consideram que o falecido não recebeu o ritual funerário que merecia.”<sup>148</sup> Nesses casos, constata-se que as pessoas enlutadas, em muitos casos, foram privadas de receber, por parte de pessoas amigas e familiares, o conforto e apoio que necessitam nesse momento de dor e sofrimento causado pela perda de um ente querido, ainda mais nessas condições mencionadas.

Na pandemia de COVID-19, entretanto, nota-se uma particularidade, já que em algumas localidades rituais funerários têm sido transmitidos ao vivo ou gravados para serem reproduzidos posteriormente [...] Embora esses recursos atualmente disponíveis não substituam os rituais funerários tradicionalmente adotados pelas comunidades, é possível que eles auxiliem as pessoas a se despedir dos que falecem e a se apoiar mutuamente, ainda que de forma virtual, repercutindo na dimensão social da morte e do morrer.<sup>149</sup>

<sup>145</sup> DANZMANN, Pâmela Schultz *et al.* Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 15, n. 55, 2021, p. 41. Disponível em: <<https://idoni.ine.emnuvens.com.br/id/article/view/3016/4841>> Acesso em 18 nov 2022.

<sup>146</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 Covid-19**. 2 ed, Brasília, 2020, p.14. Disponível em: . <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>>. Acesso em 18 nov 2022.

<sup>147</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020, p.18.

<sup>148</sup> CREPALDI, 2020, p. 5.

<sup>149</sup> CREPALDI, 2020, p. 5.

Nesse sentido, a utilização de novas mídias de comunicação, como a internet e suas redes sociais, possibilita a expressão do luto e o compartilhamento de palavras de consolo e apoio. Nos períodos mais críticos da pandemia, essa foi uma forma importante para que as despedidas pudessem ocorrer e para que um número maior de pessoas pudesse participar da vivência do luto. Porém, muitas pessoas não têm acesso à internet e a esses recursos, ou ainda não sabem como utilizar devidamente computadores, *tablets*, *smartphones* para essa finalidade.

Algo que também complexifica a superação do luto durante a pandemia de coronavírus é a perda de mais de uma pessoa da família. Nesses casos, lutos simultâneos ou sucessivos agravam as dificuldades para a assimilação das perdas.<sup>150</sup>

Thaianne Cristine Gadagnoto *et al.* comenta que, para crianças e adolescentes, esse tipo de situação envolvendo a morte de mais de um familiar, em geral pessoas que cumpriam a tarefa paterna ou materna, pode trazer implicações para o desenvolvimento do luto, acarretando problemas emocionais e psicossociais, dificultando o processo de adaptação às mudanças físicas e mentais presentes nestas fases da vida. “As crianças e adolescentes, por estarem inseridos em uma fase do ciclo vital de crítico desenvolvimento, tornam-se um grupo mais vulnerável aos efeitos psicossociais da pandemia da COVID-19.”<sup>151</sup>

Para as pessoas adolescentes, em meio às transformações físicas e mentais desta fase da vida, vivenciar a pandemia significou uma ruptura com as suas rotinas cotidianas. A falta do convívio escolar, o isolamento de colegas e a impossibilidade de participar de atividades comunitárias com outras pessoas no mesmo período da vida acarretaram, em muitos casos, sentimentos de ansiedade, tristeza, desmotivação e irritabilidade.

O evento da pandemia da COVID-19 provocou ruptura e intensivas transformações no “mundo da vida cotidiana” como era estruturado anteriormente. O fechamento das escolas, a falta de contato com os pares, além do maior tempo em casa com o grupo familiar durante a pandemia, provocou mudanças significativas e impactantes no “mundo da vida

---

<sup>150</sup> CREPALDI, 2020, p. 5.

<sup>151</sup> GADAGNOTO, Thaianne Cristine *et al.* Repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 em adolescentes: desafios à saúde pública. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, 2022, p. 2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/MHXNTrCLNTmSLpg5TdcrgQm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 18 nov 2022.

cotidiana” dos adolescentes, os quais encontravam-se em pleno envolvimento interativo com muitas pessoas, em complexas redes de relacionamentos sociais.<sup>152</sup>

Pode-se dizer que, para um grande grupo de adolescentes, a pandemia de coronavírus tornou mais complexa e intensa as tensões típicas dessa fase da vida. Enquanto que para outras pessoas adolescentes as consequências psicoemocionais podem ser ainda mais duras e traumáticas. Luiza Cesar Riani Costa *et al.* traz o seguinte dado: “Apenas duas semanas após a OMS declarar o estado de pandemia pela Covid-19, um estudo conduzido com 584 adolescentes e jovens chineses evidenciou que 14,4% já manifestavam sintomas de estresse pós-traumático.”<sup>153</sup>

Para as pessoas adolescentes “[...] que já esbarram nas mudanças corporais, lidar com a morte de alguém é um processo difícil.”<sup>154</sup> Nesse sentido, o luto vivido na pandemia se soma à ansiedade e à depressão derivadas de outras situações estressoras da vida de adolescentes, podendo resultar num luto difícil de enfrentar.

Sob outra perspectiva, existe o luto de dimensão simbólica permeando o cotidiano dessa sociedade em isolamento, fruto da perda de liberdade, dos projetos adiados e/ou cancelados, do emprego perdido e tantos outros prejuízos. Com isso, o sentimento de angústia aflorou veementemente, deflagrando certa negatividade frente à perspectiva de alguma melhora diante de um quadro que parece perpetuar o estado de reclusão.<sup>155</sup>

Segundo Pereira, em se tratando da pessoa adolescente, o luto real pela perda de algum familiar somado ao luto característico desta fase pela perda do corpo infantil é agravado pelo luto “simbólico” da frustração de seus sonhos adiados ou cancelados. Esse momento se mostra, na vida de muitas pessoas adolescentes, como um tempo sem perspectivas positivas que podem gerar, em muitos casos, comportamentos ainda mais intensos de introspecção, silêncio e reclusão.

[...] quando as perdas não são devidamente significadas, o luto tende a tomar o contorno de um vazio existencial gerador de muito sofrimento psíquico e traumas que poderão despertar transtornos depressivos, ansiedade, estresse pós-traumático e luto patológico. Neste contexto desfavorável, percebe-se a construção de sugestões de intervenção

<sup>152</sup> GADAGNOTO, 2022, p. 6

<sup>153</sup> COSTA, Luiza Cesar Riani *et al.* Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021, p.7-8. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/Wc9nGvBDGcPyrRkpQgkJvKq/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 18 nov 2022.

<sup>154</sup> DANZMANN, 2021, p. 44

<sup>155</sup> PEREIRA, 2021, p. 34.

mediadas pela utilização de tecnologias, com a finalidade de atenuar a angústia.<sup>156</sup>

Neste contexto pandêmico de isolamento social se constata como importante as atividades virtuais em grupos, tanto no contexto escolar quanto da comunidade de fé. A participação *online* em aulas, encontros de ensino confirmatório e grupos de jovens oportunizaram um espaço de acolhimento e escuta que permitiu a expressão de sentimentos e partilhas de experiências vivenciadas no cotidiano. Dessa forma as pessoas adolescentes puderam se sentir conectadas com seus pares que passavam por situações similares e puderam compartilhar seu desenvolvimento.

Com a diminuição dos casos de covid-19, principalmente após o início do ano de 2022 com a vacinação e imunização de grande parte da população, as medidas de distanciamento social foram paulatinamente flexibilizadas. Retomou-se, na medida do possível, uma rotina semelhante à época anterior à pandemia. Nesse sentido, voltou-se a ter uma vivência do luto mais próxima ao que se praticava anteriormente. Isso significa que, no caso de alguma morte na família ou da morte de uma pessoa próxima, a experiência do luto foi sendo mais conectada com os costumes tradicionais, possibilitando ações mais conhecidas e usuais de apoio e consolo, como exemplificam a presença física, os abraços e as palavras de condolências nos ritos fúnebres e nos dias que seguem o sepultamento. No entanto, é importante ter consciência de que os casos de luto ocorridos no tempo mais crítico da pandemia continuam presentes e necessitando de acolhimento e apoio. Há situações que continuam trazendo sofrimento para inúmeras pessoas, entre elas pessoas adolescentes, e que necessitam de aconselhamento pastoral por parte de agentes de pastorais. A esse desafio, comunidades, escolas e instituições de acolhimento precisam continuar respondendo e dando continuidade às suas ações curativas e restaurativas nos próximos anos.

Nos próximos subitens trataremos mais especificamente sobre o luto por parte de adolescentes, buscando alguns fatores implicados e visando entender como as pessoas na fase da adolescência experienciam e vivenciam o luto.

---

<sup>156</sup> PEREIRA, 2021, p. 35.



### 3.2 O LUTO POR PARTE DE ADOLESCENTES

Segundo observa Contardo Calligaris, a adolescência começa com a puberdade, com as mudanças fisiológicas e com o amadurecimento dos órgãos sexuais. “Trata-se, em outras palavras, de uma transformação substancial no corpo do jovem, que adquire as funções de um corpo adulto.”<sup>157</sup> No entanto, essas mudanças físicas e neurológicas por si só não transformam a criança em uma pessoa adulta. Para as autoras Tereza Helena Schoen Ferreira, Maria Aznar Farias e Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras, “são necessárias outras, mais variadas e menos visíveis, para alcançar a verdadeira maturidade.”<sup>158</sup> Alfredo Crestani, nesse sentido, assinala que:

[...] a passagem de um estágio a outro comporta perdas, reações e adaptações ao novo patamar e até inconformações e revoltas por parte de alguns adolescentes. A vida vai se processando numa dinâmica contínua e exige ajuda dos adultos e esforço do sujeito para adaptar-se às novas demandas emergentes.<sup>159</sup>

O crescimento, o desenvolvimento e o amadurecimento da pessoa envolvem desde o nascimento ganhos e perdas gradativas. “A vida de qualquer pessoa, seja em que ambiente for, passa por etapas, algumas bem visíveis e delimitadas e outras mais sutis e discretas, mas não menos reais e importantes.”<sup>160</sup> No caso da pessoa adolescente, essas mudanças são mais repentinas e intensas causando insegurança.

Parado na frente do espelho, coçando as espinhas, medindo as novas formas do corpo, desejando e ojerizando seus novos pelos e seios, o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. A insegurança se torna assim o traço próprio da adolescência.<sup>161</sup>

A nova realidade vivida pela pessoa nessa fase da vida ocasiona, em grande parte dos casos, dificuldades e problemas de aceitação e de relacionamento. Vai suscitar admiração de algumas pessoas e reprovação de outras.

<sup>157</sup> CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000. p. 19.

<sup>158</sup> SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; DE MATTOS SILVARES, Edwiges Ferreira. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n.2, p. 227-234, 2010. p. 227.

<sup>159</sup> CRESTANI, Alfredo. **Adolescência**: tentando compreender o que é difícil entender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p. 70.

<sup>160</sup> CRESTANI, 2016, p. 70.

<sup>161</sup> CALLIGARIS, 2000, p. 25.

Nem sempre os dinamismos efervescentes permitem vivências tranquilas e serenas. Frequentemente provocam reações inesperadas no meio que a pessoa vive. Essas reações, embora possam ocorrer também no mundo dos adultos, são mais próprias e frequentes entre adolescentes. Sua forma de viver ocasiona os mais diversos comentários, admiração de uns e contestações de outros. Tudo isso indica a necessidade de adaptação à nova realidade existencial, proveniente de alterações funcionais do organismo e pelo processo de amadurecimento gradativo que de uma forma ou outra, afeta todas as pessoas. A nova realidade que surge em cada ser humano requer um período de autoconhecimento, aceitação e conformação. É imperioso reconhecer que cada um faz isso a seu modo e em ritmo estritamente pessoal.<sup>162</sup>

A adolescência é um período de intensos relacionamentos e dúvidas existenciais. “A adolescência é uma época de grandes transformações, as quais repercutem não só no indivíduo, mas em sua família e comunidade.”<sup>163</sup> Passar nessa fase da vida pela experiência da morte de uma pessoa da família tem um grande e profundo impacto. Pode resultar em prejuízo para a pessoa no campo emocional, relacional e educacional. Por outro lado, o devido apoio por parte da família e de profissionais pode contribuir para uma melhor elaboração do processo do luto visando à superação e à resiliência.

### **3.2.1 Fatores da vida infantil que interferem no luto de adolescentes**

Segundo Crestani, nos anos iniciais de qualquer pessoa se observam três perdas clássicas da infância, a saber, o parto, o desmame e a chegada de um irmãozinho ou uma irmãzinha. A primeira perda que é o parto coloca o bebê recém-nascido na condição de interagir com as pessoas, obriga-o a socializar, expressar suas vontades e lidar com as primeiras frustrações.<sup>164</sup>

A segunda perda clássica é o desmame, a criança então sente o corte da ligação com a mãe e precisa se conformar com a substituição da atenção materna quanto às suas necessidades. Pode acontecer que a criança desenvolva uma resistência e perceba o vínculo interpessoal apenas quando acompanhado de uma gratificação prazerosa.<sup>165</sup>

A terceira e última perda clássica da infância acontece com a perda dos privilégios e da atenção exclusiva da mãe ou do pai. Este momento é bem

---

<sup>162</sup> CRESTANI, 2016, p. 70.

<sup>163</sup> SCHOEN-FERREIRA, 2010, p. 227.

<sup>164</sup> CRESTANI, 2016, p. 70.

<sup>165</sup> CRESTANI, 2016, p. 71.

exemplificado com o nascimento do irmão mais novo ou da irmã mais nova. As reações variam de criança para criança. Algumas inclusive expressam verbalmente a insatisfação com relação ao novo momento vivido pela família. A criança tem então o desafio de se adaptar e se equilibrar diante das renúncias que ela precisa fazer e dos benefícios que ela terá diante da nova fase da vida. Algumas crianças tendem a ver mais os pontos negativos, ou seja, as renúncias que elas precisarão fazer. Outras crianças podem, no entanto, ver mais os pontos positivos e os benefícios, que pode ser, por exemplo, a chegada de um companheiro ou uma companheira para as brincadeiras.<sup>166</sup> Este evento em si pode acontecer ou não. Mas, igualmente para filhos únicos e filhas únicas, a atenção da mãe e do pai irá diminuir com o passar dos anos e o desenvolvimento da criança.

O confronto da criança com essas perdas e a estruturação de uma forma positiva de reação representam os preâmbulos de sua futura capacidade de resiliência [...] É missão dos pais e educadores ajudar os filhos a fazerem esse processo a fim de evitar futuros fracassos diante de situações imprevistas da vida.<sup>167</sup>

É importante, segundo o mesmo autor, notar que na maioria dos casos as reações manifestadas nesta fase da vida diante das três perdas clássicas seguirão com as crianças no desenvolvimento nas próximas etapas, principalmente na adolescência.

Outros fatores trazidos da fase infantil também interferem na forma como a pessoa adolescente irá vivenciar suas experiências de luto. As autoras Diane Papalia e Ruth Feldman destacam dois temas, o temperamento<sup>168</sup> e a autonomia<sup>169</sup>.

O temperamento é como cada criança reage frente a determinadas situações que lhe são apresentadas. “O temperamento às vezes é definido como o modo característico, com base biológica, de uma pessoa abordar e reagir a outras pessoas e às situações.”<sup>170</sup> Quando se trata do temperamento, observa-se como as crianças agem e não só o que elas fazem, avalia-se o modo ou o padrão de suas respostas e atitudes. O temperamento tende a definir como a pessoa interage com o mundo, como organiza suas emoções e como regula seu comportamento.

<sup>166</sup> CRESTANI, 2016, p. 71-72.

<sup>167</sup> CRESTANI, 2016, p. 73.

<sup>168</sup> PAPALIA, Diane E.; FELDMAN Ruth D.: **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. p. 213-216.

<sup>169</sup> PAPALIA; FELDMAN, 2018, p. 228.

<sup>170</sup> PAPALIA; FELDMAN, 2018, p. 213.

O temperamento tem uma dimensão emocional; mas diferentemente de emoções como o medo, a excitação e o tédio, que aparecem e desaparecem, ele é relativamente estável e duradouro. As diferenças individuais no temperamento, que, acredita-se, derivam da constituição biológica básica da pessoa, formam o núcleo da personalidade em desenvolvimento.<sup>171</sup>

Papalia e Feldman apresentam pesquisas de estudos realizados com 900 crianças avaliadas em dois momentos, primeiro aos três anos de idade e depois aos dezoito anos. O estudo revela que as pessoas conservaram as mesmas características de temperamento apresentadas na infância.

As que tinham sido classificadas como inibidas tendiam a ser menos sociáveis; as impulsivas, irritadiças e agitadas tiveram um grande número de problemas sociais ao crescerem, e as subcontroladas, aos 18 anos, tendiam a ser agressivas ou alienadas.<sup>172</sup>

Os diferentes temperamentos vão em parte interferir na capacidade que cada criança tem de vivenciar o luto, aceitar as perdas e integrar esses eventos e situações em sua vida. “Enquanto umas, por índole, têm maior propensão a aceitá-las e posicionar de modo positivo perante as frustrações, outras manifestam resistências, relutância e sofrem mais.”<sup>173</sup>

O temperamento é inato a cada criança; irmãos ou irmãs podem ter temperamentos bem diferentes entre si, ou apresentar similaridades. No entanto, mesmo que evidências do temperamento já estejam presentes no ventre materno, ele se desenvolve ao longo da infância e se complementa com as experiências emocionais e as capacidades de autorregulação das fases seguintes do desenvolvimento pelas quais passa a criança.

O temperamento pode ser influenciado, atenuado ou potencializado em resposta ao modo de tratamento dado pelos familiares e por outras experiências impactantes na vida da criança. Também pode ser afetado por práticas de educação infantil e influenciado por aspectos religiosos e culturais.

Cuidadores que reconhecem que a criança age de certa maneira, não de propósito, por preguiça ou estupidez ou para irritá-los, mas por causa principalmente de um temperamento inato, estão menos propensos a sentir culpa, ansiedade ou hostilidade, a perder o controle, ou a se tornarem rígidos ou impacientes. Poderão prever as reações da criança e ajudá-la a se adaptar – por exemplo, avisando antecipadamente a necessidade de

---

<sup>171</sup> PAPALIA; FELDMAN, 2018, p. 213.

<sup>172</sup> CRESTANI, 2016, p. 74.

<sup>173</sup> CRESTANI, 2016, p. 75.

interromper uma atividade, ou apresentando novas situações gradualmente à criança.<sup>174</sup>

No que se refere à autonomia, estão presentes as reações impulsivas em relação às proposições da mãe e do pai. “É a famosa fase do NÃO que pode manter-se por mais tempo em algumas crianças do que em outras.”<sup>175</sup> As primeiras manifestações de autonomia são após o primeiro ano de vida, com aperfeiçoamento dos movimentos locomotores. “À medida que a criança amadurece – fisicamente, cognitivamente e emocionalmente – ela é levada a buscar sua independência em relação aos vários adultos aos quais está apegada.”<sup>176</sup> Trata-se da vontade da criança de tentar fazer sozinha coisas como andar, alimentar-se, tomar banho, vestir-se e explorar curiosamente os espaços e objetos à sua volta.

Filipa Isabel Lapa Seabra lembra que a criança, em seu desenvolvimento saudável da autonomia, precisa conseguir controlar manifestações impulsivas como gritos, choro excessivo, birra ou teimosia intensa. Essas reações acontecem “[...] em resposta a necessidades ou desejos não atendidos, assim como a incapacidade de controlar emoções decorrentes de frustração ou a dificuldade em expressar determinada necessidade ou desejo.”<sup>177</sup> Diante disso, a criança precisa aprender a tomar decisões que envolvam o acolhimento da opinião da mãe, do pai ou da pessoa responsável. A criança terá que encontrar o equilíbrio entre suas vontades, preferências e os limites impostos a ela. Quando os limites não estão claros devido a fatores como a superproteção da família ou o descaso e falta de cuidado, esse comportamento hostil e imaturo pode se estender e intensificar, sendo assim conduzido para a próxima fase e tornando a adolescência, neste sentido, mais problemática.

Esse comportamento negativo para a boa convivência poderá repetir-se na segunda crise da autonomia durante a adolescência. Com o agravante, porém, de o ímpeto dar contra a tudo quanto lhe é solicitado cristalizar-se e, então, configurar-se o conflito de autoridade que poderá perdurar a vida inteira.<sup>178</sup>

<sup>174</sup> PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 215.

<sup>175</sup> CRESTANI, 2016. p. 75.

<sup>176</sup> PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 228.

<sup>177</sup> SEABRA, Filipa Isabel Lapa. **Birras infantis**: desenvolvimento e estudo de um instrumento de avaliação. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Coimbra, 2016. p. 11.

<sup>178</sup> CRESTANI, 2016, p. 76.

No luto vivenciado pelas crianças, também pode haver sentimentos de medo, abandono ou de culpa. Pode ter havido certa dose de ciúme dos cuidados e atenção que a pessoa enferma recebera e que agora, em virtude da morte dessa pessoa, a criança se sente culpada pelo ocorrido e envergonhada por esses sentimentos.<sup>179</sup> No luto as crianças podem mudar e intercalar comportamentos de agitação e timidez. Em geral, crianças deixadas sozinhas não conseguem elaborar a perda adequadamente e irão sofrer com o sentimento de abandono e incompreensão. Cabe às pessoas adultas demonstrarem abertura, carinho, ouvir com empatia, ter mais gestos e palavras acolhedoras do que falatório e explicações racionais. Nesta direção, Rubens Olinó da Rosa comenta que “[...] existem dados de pesquisas que afirmam que uma das causas de algumas doenças mentais em adultos é o trauma de um luto mal resolvido na infância”.<sup>180</sup>

### 3.2.2 Adolescentes e a vivência do luto

Pode-se dizer que a adolescência é um luto para as pessoas que vivenciam essa fase da vida. No período da adolescência se vive o luto pela infância perdida. Adolescência, segundo a concepção de Alberto Antunes Medeiros e Roberto Calazans, é um período de crise na vida da pessoa quando necessariamente ela irá, de uma forma ou outra, retrabalhar toda a sua identidade pessoal e sua forma de ver e interagir com as outras pessoas e a sociedade.

A adolescência também pode ser definida como um período de mudanças afetivas em que o sujeito parte em busca de sua identidade ao mesmo tempo em que vivencia um processo de luto pelo corpo infantil que fora perdido em função das mudanças da puberdade [...]. A adolescência seria, por definição, um luto.<sup>181</sup>

A infância repleta de gratificações e condescendência dos adultos, onde havia pouca ou nenhuma frustração, ficou para trás. Agora surgem as exigências da nova fase de vida. Crestani apresenta duas fases:

A primeira, dos nove aos onze anos, quando os pais exigem uma mudança de postura e a criança é ‘forçada’ a deixar os dengos e caprichos que já tem condição de abandonar. A segunda quando irrompem as mudanças

<sup>179</sup> GUARNIERI, 2003, p. 49-62.

<sup>180</sup> ROSA, Rubens Olinó da. **Amadurecendo com o luto**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 17.

<sup>181</sup> MEDEIROS, Alberto Antunes; CALAZANS, Roberto. Aproximações entre luto e adolescência. **Revista da SPAGESP**. v.19, n. 1, p. 129-141, 2018, p. 132.

físicas, aflora a produção hormonal, e a pessoa mergulha nitidamente na adolescência.<sup>182</sup>

A pessoa adolescente vive uma espécie de luto porque perde a criança que ela era, “[...] o adolescente acaba se deparando com três lutos simbólicos: luto referente à perda do corpo infantil; ao papel e identidades infantis; e aos pais da infância.”<sup>183</sup> Não há nada que ela possa fazer para retornar a esse tempo. Mesmo que ela conserve sensações e emoções infantis, a partir de agora está, em muitos casos, impedida de ser, pensar e agir como criança. Ela, como adolescente, terá novas demandas nas relações consigo mesma e com as outras pessoas, deverá projetar-se para a fase adulta buscando reconhecimento e a aceitação das outras pessoas. Esta é, portanto, uma fase marcada por ambivalências, de estar em busca do adulto e desejar os apegos da infância. “Essa ambivalência manifesta-se em muitas circunstâncias ao longo da adolescência, porém não em todos com a mesma frequência e intensidade.”<sup>184</sup>

Em outro sentido, em se tratando de como a sociedade atual lida com a questão da morte, percebemos que há um grande receio das pessoas adultas em falar de questões relacionadas à morte e ao luto com crianças e adolescentes. Há um temor de impactá-las ou impressioná-las com esses assuntos. Então o que existe é um grande silêncio, um calar frente a esses sentimentos. Hoch entende que houve, por assim dizer, uma inversão.

Ainda me recordo dos tempos de infância. Ninguém falava abertamente comigo sobre a forma como as crianças são concebidas e como elas nascem. Um véu de mistério, alimentado pela história da cegonha, encobria essa realidade. Em compensação, quando alguém estava doente e viesse a falecer, as crianças acompanhavam de perto todas as etapas desse processo: enquanto doente visitavam-no livremente em seu quarto e, depois de falecido, participavam do velório que tinha lugar em casa; eram estimuladas a tocar no falecido; acompanhavam o cortejo fúnebre e os atos de encomendação e sepultamento.<sup>185</sup>

Em algumas gerações atrás, falar sobre a concepção e o nascimento era um tabu. Hoje em dia, falar sobre morte e luto é que se tornou um tabu. A experiência com a realidade que cerca a vida das pessoas ao redor da enfermidade, morte e vivência do luto está sendo retirada da vida cotidiana de crianças, adolescentes e

---

<sup>182</sup> CRESTANI, 2016, p. 76.

<sup>183</sup> MEDEIROS, 2018, p. 134.

<sup>184</sup> CRESTANI, 2016, p. 77.

<sup>185</sup> HOCH, 2008, p. 59.

inclusive de pessoas adultas. Mateus Tasso comenta que as pessoas jovens evitam conversar sobre o tema da morte.

A morte deixou de ser um passo no processo natural da vida. Ela se tornou algo estranho e distante para a vida de todos, principalmente para jovens e crianças [...] Por isso, o jovem tende a fugir da morte e de qualquer conversa que se relaciona sobre o assunto.<sup>186</sup>

Adolescentes não gostam de falar sobre morte ou a respeito de pessoas que faleceram, pensam na morte como um sofrimento que deve ser evitado a todo custo. “Na opinião dos jovens, quanto mais puderem adiar esse assunto, tanto melhor. Alguns chegam a citar que gostariam de ter uma morte súbita, pois assim não teriam que se confrontar com ela.”<sup>187</sup> Sem dúvida, este é um tema que causa pavor e dúvidas. No entanto, por mais que se queira evitar falar da morte e do luto, este é um assunto do qual não se pode fugir. Mais cedo ou mais tarde essas questões irão incidir na vida e nos relacionamentos das pessoas adolescentes gerando sentimentos confusos, sofrimentos e medos, mas também resiliência e amadurecimento.

A partir desses pressupostos entendemos que trabalhar com o adolescente implica necessariamente em lhe oferecer um espaço de escuta e somente a partir de sua fala, teremos condições para que o adolescente reelabore suas questões.<sup>188</sup>

Se, de um lado, a imaturidade, a falta de experiência e as crises de identidade dificultam a vivência do luto pelas pessoas adolescentes, por outro lado, o organismo mais saudável e jovem, unido à expectativa de vida e futuros acontecimentos felizes, são alguns fatores compensatórios. Rosa comenta que

[...] o adolescente, por ter vida pela frente, está em condições mais favoráveis de superar o processo de luto. Seu organismo reage de forma mais positiva à ansiedade, à culpa e à depressão. Por estar com todo o vigor físico, seu organismo recebe o impacto da perda com menos intensidade.<sup>189</sup>

Ao acompanhar pessoas adolescentes que vivenciam o luto, é importante entender que deparar-se com a morte de outra pessoa é também perceber a sua

---

<sup>186</sup> TASSO, Mateus. **Acompanhamento a enlutados:** acompanhando crianças, jovens e a cuidadores. 2004. 33p. Trabalho Semestral, Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2004. p. 14.

<sup>187</sup> TASSO, 2004, p. 13.

<sup>188</sup> MEDEIROS, 2018, p. 132.

<sup>189</sup> ROSA, 1995, p. 18.



própria finitude. A pessoa adolescente tende a se ver como alguém invulnerável e imbatível. Ou que, caso fracasse, sempre poderá começar novamente, a exemplo dos jogos de videogame. Então ver a morte real de perto é também encarar a incapacidade humana de vencer a morte e entender que consigo não será diferente.

A partir desta constatação, em geral, surge a pergunta em relação ao que acontece depois da morte. Para as pessoas adolescentes, as respostas simplistas não satisfazem e surgem dúvidas para as quais não se tem resposta. Hoch define que “[...] a grosso modo dá para identificar e distinguir dois tipos de medo: o medo relacionado ao ato de morrer como tal e o medo do que possa eventualmente vir depois da morte”.<sup>190</sup>

Na função de orientador de ensino confirmatório em comunidades da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), trabalhando com adolescentes, foi possível para mim notar que, quando era tratado o tema da ressurreição dos mortos, surgiam questões a respeito do medo que adolescentes sentiam da morte. Em especial, nesses casos, era ressaltado o medo de perder pessoas próximas, como o pai, a mãe, irmãos ou irmãs. Nesse sentido, Basílio Domingos e Maria Regina Maluf opinam que, “[...] dependendo do vínculo estabelecido com a pessoa falecida e da personalidade do enlutado, o mundo deste pode ruir, daí o pavor, a desorientação, o choque e o desespero”.<sup>191</sup> O que leva a entender que, para as pessoas adolescentes, a morte de um parente de primeiro grau significa uma profunda crise e um momento extremamente sensível e doloroso do processo do luto.

Para as pessoas adolescentes e para as crianças, o luto por animais de estimação também está presente de maneira intensa. Por vezes, o gato ou o cachorro, companheiros de uma vida inteira, falece. Mais do que simplesmente um animalzinho, este pode ter se tornado alguém da família, em muitos casos o único capaz de acolher os sentimentos confusos e as ações incoerentes de seus parceiros e suas parceiras adolescentes. Sobre essa particularidade do luto pelos *pets*, Guarnieri comenta um caso que exemplifica bem esse tipo de luto.

---

<sup>190</sup> HOCH, 1988, p. 61.

<sup>191</sup> DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. São Paulo, 2003. p. 586.

Eu me lembro de um garoto que, para me falar o quanto estava triste com a perda de seu cachorro, começou a me explicar que ele era muito apegado ao animal, que ele estava acostumado com o animal por perto, que sempre contava com sua presença e que agora parecia estranho não ter essa preocupação. Comentou que seus amigos estavam estranhando o seu comportamento, que ele estava exagerando o acontecido e seus pais achavam que ele estava reagindo muito mal, que não podia ser assim. Conversando sobre o cachorro, começamos a perceber que ele sentia o animal como um grande amigo, cuidava muito bem dele e tinha muito carinho por aquele bicho que acabava correspondendo sempre ao seu afeto. Chegamos à conclusão de que o cão também gostava muito do garoto e, portanto, sua morte seria sentida com a mesma intensidade. Era natural sua tristeza, afinal, tudo tinha ficado muito estranho após a morte de seu cachorro. Todos queriam que o garoto esquecesse seu amigo, mas não dava, ele sentia a falta do bichinho que tinha sido tão importante para ele.<sup>192</sup>

Adolescentes que sofrem perdas de pessoas próximas da família ou colegas de escola vivem marcadamente as fases do luto. Mas cada adolescente é diferente, e cada caso pode variar dependendo de cada história de vida. Em geral, as pessoas adolescentes tendem a não demonstrar suas fraquezas, choram sozinhas e abafam suas emoções. “O jovem tende a ser diferente da criança, quer demonstrar firmeza, mais dureza, mesmo ao se deparar com a perda de alguém. Tem a tendência de chorar suas mágoas sozinho, evitando deixar transparecer sua fraqueza e impotência.”<sup>193</sup> Podem também tentar negar a realidade da perda expressando indiferença, como quem diz “eu não sinto falta”. Para esquecer a dor, podem se tornar ativas como uma forma de evitar pensar na perda e evitar o sofrimento. A intenção de esquecer a perda pode levar adolescentes a vícios com a adição ao álcool ou às drogas.

Adolescentes com dificuldade no processo de superação do luto podem ter comportamentos autodestrutivos e compulsivos. Quando a elaboração do processo do luto não acontece devidamente, a pessoa adolescente pode demonstrar um comportamento agressivo, por vezes violento, que pode conduzi-la à delinquência. Adolescente com luto complicado e mal resolvido pode também desenvolver traumas que o afetarão durante toda a vida. Rosa comenta que:

[...] esses traumas, neuroses e perturbações emocionais podem aflorar na fase adulta sob as mais diversas formas de desajuste social. O resultado serão adultos insatisfeitos, melancólicos, cínicos, viciados, desequilibrados emocionalmente e com tantos outros problemas que serão carregados pelo resto da vida.<sup>194</sup>

---

<sup>192</sup> GUARNIERI, 2003, p. 25.

<sup>193</sup> TASSO, 2004, p. 15.

<sup>194</sup> ROSA, 1995, p. 18.

Na atualidade os recursos da internet têm possibilitado a partilha de informações e a interação virtual de pessoas a distância, inclusive de situações de luto. Adolescentes compartilham seu luto através das redes sociais. Lamentam a perda de familiares, colegas e celebridades que admiram. Bousso lembra que “[...] as redes sociais têm se mostrado como um espaço no qual o enlutado pode dar voz a seu sofrimento. A expressão do luto na internet em espaços como as redes sociais e os blogs vem sendo observada com grande intensidade e frequência.”<sup>195</sup> Esse tipo de manifestação do luto nem sempre é bem compreendido pelas pessoas adultas e familiares. Fato este que distancia ainda mais a pessoa adolescente do apoio e da ajuda que necessita para suportar a perda e se restabelecer de maneira saudável.

### 3.2.3 Adolescência, luto e internet

A sociedade contemporânea vive uma grande transformação advinda da tecnologia e das novas mídias de comunicação, como é o caso da rede mundial de computadores (internet) e das redes sociais (*whatsapp, faceboock, instagram, etc.*). Estes avanços tecnológicos exercem inegável influência em vários aspectos das vidas das pessoas, sendo de acentuada relevância para o âmbito das relações interpessoais. Atualmente, a maioria das pessoas adolescentes e jovens utilizam a internet e as redes sociais. Diferente de quando o acesso à internet foi mais restrito, agora, as novas gerações têm acesso livre a esses meios de informação e comunicação, adolescentes crescem e se desenvolvem em intrínseco contato com essas novas tecnologias.

Conforme Bousso, essas conexões com o mundo virtual também se mostram nas situações e processos do luto. “As redes sociais virtuais impulsionam a manifestação de sentimentos usualmente retraídos, permitindo a interação social de temas considerados tabus e que dificilmente são tratados abertamente, como a morte e o luto.”<sup>196</sup> Observa-se que as conexões virtuais que acontecem na rede interligada de dispositivos de dados (computadores, *smartphones, etc.*), cada vez mais comuns e acessíveis às populações, têm abrangido também os processos de

<sup>195</sup> BOUSSO, Regina Szylit *et al.* Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. **ComCiência**, n. 162, 2014, p. 1. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso). > Acesso em: 24 out. 2022.

<sup>196</sup> BOUSSO, 2012, p. 1.

vivência do luto e o enfrentamento das fases e etapas distintas do luto. Compartilhar o luto e os sentimentos a ele relacionados na internet e principalmente nas redes sociais tem se tornado corriqueiro e por vezes imprescindível. Alice Schwanke Peruzzo *et al.*, a respeito da expressão e da elaboração do luto por adolescentes e pessoas jovens adultas através da internet, comenta que:

[...] além de deixar recados para pessoas que já faleceram, conversar e partilhar com os outros internautas recordações de momentos vividos na companhia da pessoa que morreu, os jovens expressam claramente os sentimentos que a referida perda tem causado em suas vidas.<sup>197</sup>

A internet tem oferecido espaço para manifestar o luto, seja na forma de uma simples imagem de luto adicionada no perfil da pessoa na rede social, enviando uma breve mensagem de condolências nos comentários de um *post*, ou em um longo e elaborado depoimento compartilhado nos grupos de relacionamento virtual sobre os sentimentos relacionados àquela pessoa falecida. Fato é que novas formas de vivenciar o luto pela internet têm se tornado cada vez mais presentes, ainda que de forma virtual, na experiência das pessoas adolescentes.

No Facebook, uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo como espaço de encontro, partilha, interação e discussão de ideias e temas de interesse comum, a prática de compartilhamento das experiências relacionadas ao luto tem sido comum e rotineira, sendo possível observar registros de pêsames; apoio e suporte à família e amigos da pessoa que faleceu; manifestações de sentimentos de tristeza, saudade; comunicado de celebrações.<sup>198</sup>

Diante dessas interações, pode-se pressupor que o que leva as pessoas adolescentes a partilharem seus sentimentos de luto nas redes virtuais é a necessidade de lidar com as suas tristezas e dores. Dores estas que, em muitos casos, não podem ser expressas e vividas do lado de fora da internet. Gurgel vê na internet um espaço privilegiado para a vazão desses sentimentos.

Compreende-se que o mundo virtual tem se tornado um espaço de demanda espontânea e privilegiado para a manifestação do luto, o que entra em contraste com os hábitos cotidianos nos quais a manifestação do luto é cada vez mais relegada ao privado, rápido e superficial.<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> PERUZZO, Alice Schwanke *et al.* A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.7, n.3, dez. 2007. p. 455. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300008)> Acesso em: 24 out. 2022.

<sup>198</sup> BOUSSO, 2012, p. 2.

<sup>199</sup> GURGEL, 2011, p. 7.

As mensagens deixadas nesses sites são lidas e comentadas por outras pessoas internautas gerando uma rede de partilha virtual e oportunizando escuta e apoio à pessoa enlutada, ajudando, de certa forma, na elaboração do processo do luto. “Não se trata de uma nova forma de luto, mas de um novo espaço no qual o luto passa a ser publicizado, típico das sociedades contemporâneas.”<sup>200</sup>

O luto que se expressa na internet e nas redes sociais varia de pessoa para pessoa ou de um contexto para outro, mas se observa que na atualidade o mundo virtual tem se tornado um espaço que possibilita a manifestação de sentimentos que, em muitos casos, são tolhidos e silenciados em outros ambientes, por exemplo, na família, na escola e até mesmo na igreja. Para um considerável número de pessoas, entre elas muitas pessoas adolescentes, a internet está se tornando o novo *locus* para passar pelo desenvolvimento do luto.

[...] não acreditamos que as manifestações do processo de luto encontradas no mundo virtual sejam apenas e simplesmente uma transferência das atividades cotidianas que agora são mediadas ou vividas na cibercultura. Não acreditamos nisso pela razão elementar de que, diferente de outras vivências, como fazer o supermercado, arranjar uma namorada, realizar uma transação bancária ou comercial, as vivências do processo de luto não estão sendo transferidas. Em muitos casos, elas estão sendo redescobertas.<sup>201</sup>

Um fator relevante do chamado “luto virtual” é o anonimato, possibilitando que se escrevam comentários que nunca seriam ditos presencialmente. Outro fator é a possibilidade de contato com pessoas que residem a distâncias enormes, que de outra forma não haveria possibilidade de interação.

Exatamente em quê deixar um recado num perfil do Facebook/Orkut ou comentário no blog de uma pessoa que morreu é diferente de, por exemplo, deixar uma flor no seu túmulo? Não são ambas maneiras de as pessoas que conheceram a falecida de se lembrar dela, de prestar uma pequena homenagem, de trabalhar o luto, enfim? O que existe de intrinsecamente ruim, nocivo, etc, nesse hábito?<sup>202</sup>

Abrem-se novas possibilidades às pessoas adolescentes de vivenciar rituais fúnebres, criar e manter laços, encontrar consolo de uma forma tal que o “mundo real” já não oferece mais. No tocante a isso, Gurgel apresenta o relato de uma adolescente enlutada publicado no perfil do *orkut* de sua amiga falecida.

<sup>200</sup> GURGEL, 2011, p. 7.

<sup>201</sup> GURGEL, 2011, p. 7-8.

<sup>202</sup> CASTRO *apud* GURGEL, 2011, p. 13.

Eu tenho 15 anos, morre minha melhor amiga, eu vou no orkut dela (como eu tinha o hábito de fazer TODO dia), eu vejo as fotos dela, eu penso nos nossos tempos juntas, eu choro e choro, e não resisto e acabo escrevendo mais um scrap, o último de tantos e tantos que já escrevi para ela e digo "tchau, amiga, fica bem".<sup>203</sup>

Percebe-se que o “luto virtual” não significa um luto irreal, imaginário ou inferior. Ele é real, pois há uma pessoa de carne e osso que vive e sofre com os sentimentos do luto. Se, por um lado, utilizar as redes sociais da internet para manifestações de luto tem significado um novo jeito de velar entes queridos e mesmo vivenciar as fases e tarefas do luto, por outro, esse “luto virtual”, vivido de maneira mais individualista, prolonga a duração do luto e não oferece o contato físico tão importante nesse processo. Gurgel sustenta que:

[...] há paradoxos nessa forma de vivência de luto que podem atrapalhar o processo de elaboração. Por um lado, enquanto o mundo offline diz que a pessoa morreu e não vai mais voltar, o mundo online diz o contrário. Isso porque, mesmo com a morte física de uma pessoa, seu perfil (se não for excluído por quem tiver a senha) continua vivo para a rede, que continua a enviá-lo recados e propagandas, ou indicar seu aniversário no perfil de outros usuários, ainda com recomendação de presentes. Por isso é difícil esquecer o objeto de desejo daqueles que sobrevivem.<sup>204</sup>

Peruzzo analisou depoimentos a respeito das comunicações que ocorrem no meio virtual sobre os casos de luto vivenciados por pessoas adolescentes enlutadas. Observou-se nessa pesquisa a análise do conteúdo dos relatos sob dois enfoques diferentes, um quanto à forma da comunicação e outro no que se refere ao sentido do que foi comunicado no site de relacionamento.

Os resultados apontaram para algumas categorias importantes a respeito do conteúdo das postagens na rede social.

[...] foram elencadas quatro categorias básicas que abrangessem o tema: relato dirigido aos internautas; relato aos internautas explicitando uma comunicação direta com o falecido; comunicação direta com o falecido desejando felicidades ou manifestando carinho e comunicação direta com o falecido, com o objetivo de atualizá-lo.<sup>205</sup>

Segundo a análise da referida pesquisa acima, podemos exemplificar essas categorias da seguinte forma:

---

<sup>203</sup> GURGEL, 2011, p. 14.

<sup>204</sup> GURGEL, 2011, p. 14.

<sup>205</sup> PERUZZO, 2007, p. 453.

a) *Relatos dirigidos às pessoas na internet*: Nesses depoimentos pessoas adolescentes compartilharam seus sentimentos no período pós-perda com outras internautas que também conheciam a pessoa falecida. Lembranças e memórias são recontadas às vezes com tristeza. Os relatos seriam como este exemplo. “Mesmo que o tempo passe ela sempre estará no meu coração e sempre me lembrarei das coisas boas que fizemos”. Mas, também palavras de conforto são expressas no sentido de expressar consolo. “Agora vou tentar sorrir me lembrando de como era lindo o seu sorriso”.

b) *Relatos às outras pessoas na internet explicitando uma comunicação direta com a pessoa falecida*: São comentários em que adolescentes relatam a outras pessoas que participam da rede virtual que conseguem se comunicar com a pessoa falecida pela internet através do site de relacionamento que ela participava. “Em alguns relatos analisados, pôde-se observar que diversas pessoas contam aos internautas que falam com a pessoa morta, que acreditam que ela pode escutar e que por isso deixam recados para ela na comunidade.”<sup>206</sup>

c) *Comunicação direta com a pessoa falecida, desejando felicidades ou manifestando carinho*: Verifica-se que as pessoas adolescentes que acessam o perfil da pessoa falecida na rede social deixam recados para a própria pessoa falecida manifestando saudade, lembrando datas importantes, fatos ocorridos no passado com a pessoa, e especulações de onde a pessoa falecida está agora.

d) *Comunicação direta com a pessoa falecida, com o objetivo de atualizá-la*: Esse tipo de depoimento tem o intuito de contar para a pessoa falecida fatos e situações recentes que ocorreram após sua morte. “Nos relatos foi observada a importância que a mesma tem para a vida dos relatantes, já que eles ainda investem na busca de alívio e elaboração do sofrimento desencadeado pela perda.”<sup>207</sup> Algumas hipóteses para a adesão de adolescentes ao luto virtual seriam:

A primeira relaciona-se com a exibição que o usuário faz para os outros internautas do quanto aquela pessoa falecida era importante e amiga, mostrando, assim, que seu sofrimento é justificado pelo laço de proximidade que existia entre a pessoa sobrevivente e a falecida. Outra hipótese diz respeito ao próprio processo de luto, em que a comunicação com a pessoa falecida mantém o vínculo que existia antes de ela morrer. A negação da morte também pode estar presente como uma forma de defesa da mente ao

<sup>206</sup> PERUZZO, 2007, p. 454.

<sup>207</sup> PERUZZO, 2007, p. 454.

se aproveitar do recurso da imortalidade que a internet confere aos seus usuários.<sup>208</sup>

Na análise desses depoimentos, percebe-se que as pessoas adolescentes manifestaram relatos de memórias em geral positivas com a pessoa falecida, percebendo a necessidade de construir uma narrativa conjunta, quem sabe como uma estratégia para elaborar o luto. A palavra “saudades” de forma explícita ou implícita aparece na maioria dos comentários, tamanha sua capacidade de expressar para as pessoas jovens os sentimentos relacionados ao luto nessa fase da vida.

Ao finalizar este capítulo, constata-se que a experiência da morte de um familiar ou de uma pessoa próxima pode ter um profundo impacto na vida das pessoas adolescentes. Além das implicações conhecidas outros fatores recentes na vivência do luto, como a utilização das redes sociais na internet e as consequências da pandemia de coronavírus, trazem sérias demandas emocionais às pessoas enlutadas que precisam ser levadas em conta por agentes de pastorais. Todas essas experiências de luto, quando não assimiladas adequadamente, podem resultar em prejuízos no campo relacional, educacional, comunitário e outros. No entanto, o devido apoio no período do luto pode contribuir para uma melhor elaboração do processo do luto, ajudar na superação saudável deste evento e oportunizar a resiliência necessária para que as pessoas enlutadas deem continuidade a suas vidas. No capítulo que segue, se abordará o aconselhamento pastoral com adolescentes em luto visando identificar atividades pastorais que possam contribuir para o acompanhamento de pessoas adolescentes enlutadas.

---

<sup>208</sup> GURGEL, 2011, p. 14.



## **4 ACONSELHAMENTO PASTORAL COM ADOLESCENTES EM LUTO**

Este capítulo irá tratar sobre o aconselhamento pastoral com adolescentes em luto. Num primeiro momento, se buscará por alguns conceitos e definições a respeito da poimênica e do aconselhamento pastoral na contemporaneidade para, em linhas gerais, subsidiar a pesquisa com os elementos principais desta temática.

Na continuidade desta parte exploratória, se falará a respeito do exercício da escuta empática. Com base na técnica proposta por Carl Rogers, se reflete sobre a importância da escuta empática para o trabalho do aconselhamento pastoral.

Em seguida, serão apresentadas três formas em que o aconselhamento pastoral pode empregar uma escuta empática para as pessoas atendidas. Serão elas, o aconselhamento pastoral individual, o aconselhamento pastoral em grupos de apoio e o aconselhamento pastoral em novas tecnologias de comunicação.

Após essas conceitualizações e apresentação de recursos para o aconselhamento pastoral que, de forma geral, podem se aplicar a qualquer pessoa em qualquer idade, será o momento de tratar, de maneira mais específica, das pessoas adolescentes. Nesse sentido se abordará o aconselhamento pastoral com pessoas adolescentes enlutadas situando o estudo nessa relação entre os três pontos da pesquisa, a saber, adolescência, luto e aconselhamento pastoral.

Este último ponto está dividido em três partes. Irá identificar espaços de confiança e acolhimento presentes nas comunidades e instituições ligadas à igreja nas atividades de culto comunitário, ensino confirmatório e grupos de jovens. Falará a respeito da aplicabilidade da escuta dinâmica e empática no trabalho com este público específico, refletindo também sobre a possibilidade de utilizar novas ferramentas para a escuta dinâmica e empática através de novas mídias. Por fim, indicará a importância de redes de apoio para adolescentes em luto. Essas redes formadas pela visita e pela participação em grupos de convivência poderão oferecer às pessoas adolescentes um ambiente seguro para a vivência do luto.

#### 4.1 POIMÊNICA E ACONSELHAMENTO PASTORAL NA CONTEMPORANEIDADE: ALGUNS CONCEITOS E ALGUMAS DEFINIÇÕES

No que se refere às definições de poimênica e aconselhamento pastoral na contemporaneidade, se tem, ainda válidos, os conceitos apresentados por Clinebell em meados da década de 80 do século passado.

Poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuo dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida. Aconselhamento pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seu quebrantamento.<sup>209</sup>

Segundo o autor, tanto a poimênica como o aconselhamento pastoral devem ser utilizadas por ministros e ministras na realização das atividades pastorais.<sup>210</sup> Mas, também, lembra Clinebell, “[...] a poimênica é tarefa da congregação inteira, que funciona como uma comunidade que presta assistência, promove cura e possibilita crescimento.”<sup>211</sup> Poimênica se aplica tanto ao todo da comunidade quanto a pequenos grupos e individualmente. Em todos os casos, visa à cura e ao crescimento para as pessoas e seus relacionamentos. Já a utilização do aconselhamento pastoral, de maneira mais específica, tem a finalidade de ajudar as pessoas em curto prazo, nos pequenos grupos ou individualmente, a lidarem com crises e problemas graves que afetam ou bloqueiam o crescimento dessas pessoas.<sup>212</sup>

O aconselhamento pastoral consiste, portanto, em uma das dimensões da poimênica. Ele acontece majoritariamente por meio da conversação entre as pessoas aconselhadas e a pessoa que aconselha. Essa comunicação pode se dar de várias formas, mas a mais comum é mesmo o diálogo verbal.

Conforme Christoph Schneider-Harpprecht, a definição de poimênica vem do termo grego *poimen* e significa o agir do pastor (pastorear). No entanto, não se refere a uma tarefa exercida unicamente pelo ministro religioso ou pela ministra religiosa. O autor vê na poimênica o ministério de toda comunidade cristã. Esse

<sup>209</sup> CLINEBELL, 2016. p. 25-26.

<sup>210</sup> CLINEBELL, 2016, p. 25.

<sup>211</sup> CLINEBELL, 2016, p. 34.

<sup>212</sup> CLINEBELL, 2016, p. 25-26.

ofício se baseia na fé e na tradição cristã para oferecer ajuda às pessoas que integram a convivência no âmbito da igreja. Nele estão incluídas as pessoas da própria congregação, bem como as pessoas que procuram ajuda na comunidade para as questões ligadas à saúde física, espiritual, psicológica ou social.<sup>213</sup> Em relação ao objetivo do aconselhamento pastoral, Schneider-Harpprecht comenta que:

[...] o objetivo do aconselhamento pastoral é descobrir com as pessoas em diferentes situações de vida e, especialmente em conflitos e crises, o significado concreto da liberdade cristã dos pecados cujo direito de viver e cuja auto aceitação vêm da graça de Deus. O seu objetivo é também ajudá-las para que possam viver a relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo de uma maneira consciente e adulta. Isso inclui a capacidade das pessoas para assumirem a sua responsabilidade como cidadãos que se engajam em favor de uma melhora das condições de vida do seu povo numa sociedade livre, democrática e justa.<sup>214</sup>

Nesse sentido, Clinebell cita seis dimensões da vida que a poimênica e o aconselhamento pastoral procuram potencializar:

[...] avivar a mente, revitalizar seu corpo, renovar e enriquecer seus relacionamentos íntimos, aprofundar sua relação com a natureza e a biosfera, crescer em relação às instituições significativas em sua vida, aprofundar e vitalizar seu relacionamento com Deus.<sup>215</sup>

Para Schneider-Harpprecht, é importante entender que o aconselhamento pastoral como parte da *koinonia* (comunhão) se relaciona com outras dimensões da vida comunitária como a diaconia, a missão e a catequese. “Isso implica que todas essas dimensões de convivência têm também um significado poimênico.”<sup>216</sup> O aconselhamento pastoral em seu processo e visando seu objetivo irá potencialmente envolver várias práticas e atividades presentes em outras esferas do trabalho comunitário.

[...] o aconselhamento pastoral inclui elementos litúrgicos (oração, canto, confissão de pecados e absolvição), elementos catequéticos (orientação, informação, processos de aprendizagem), elementos de missão (anúncio do evangelho, chamada para a mudança de vida, envio para testemunhar a fé através da vida) e elementos diaconais (visitação, comunhão de mesa, assistência social aos pobres e enfermos, engajamento na sociedade).<sup>217</sup>

<sup>213</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3.ed. rev. ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. p. 256.

<sup>214</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 257.

<sup>215</sup> CLINEBELL *apud* CLINEBELL, 2016, p. 30-31.

<sup>216</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 257.

<sup>217</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 257.

De uma forma especial, o aconselhamento pastoral e a diaconia estão interligados e integrados na ação poimênica que acontece nas comunidades. O trabalho diaconal faz ações concretas de ajuda, uma vez que as necessidades físicas e sociais têm urgência e prioridade; enquanto o aconselhamento pastoral se reflete no comportamento das pessoas, contribuindo nas relações interpessoais, na formação de identidades e nos processos de mudança de postura frente à vida.<sup>218</sup>

É possível, segundo Schneider-Harpprecht, identificar a origem do aconselhamento pastoral na expressão “cura d’almas” presente nos escritos de Platão na Grécia antiga, onde cada cidadão deveria dedicar atenção não só ao enriquecimento financeiro ou à busca por poder e fama, mas também tentar melhorar a sua *psyche* (alma) por meio da compreensão da verdade.

Entre os judeus, diferente dos gregos, não havia uma dualidade entre corpo e alma, mas sim uma integralidade. A *nefesh* pode significar tanto alma como vida. É o próprio Deus que sopra a *nefesh* nas narinas do ser humano (conforme Gênesis 2.7) concedendo-lhe uma identidade e inserindo este ser humano numa relação consigo e com a natureza. “A morte é a falta desta relação com Deus, e quem se afastou dessa relação já participa da realidade da morte enquanto ainda vive fisicamente.”<sup>219</sup>

O Novo Testamento relata a continuidade desta concepção integrativa do ser humano e amplia a noção da prática do cuidado que ultrapassa as fronteiras étnicas e culturais. As primeiras comunidades cristãs entendem-se numa relação dialética junto a Deus.

Através de uma negação radical de si mesmos como seres que fazem parte deste mundo mau, os seguidores de Jesus conseguiram uma afirmação dialética da sua identidade: sendo pobres e pecadores, eles eram amados e valorizados perante Deus por causa do amor que ele lhes transmitia na pessoa de Jesus.<sup>220</sup>

Com o passar dos tempos, aconteceu uma aproximação das tradições bíblicas com compreensão grega. A poimênica e o aconselhamento pastoral se solidificaram na Idade Média como uma forma de controle. “O bispo julgava, punia e perdoava os pecados e era o guarda da doutrina ortodoxa, decidia sobre a admissão

---

<sup>218</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 257.

<sup>219</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 259.

<sup>220</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 260.

à Santa Ceia e conseguia assim controlar o pensamento e o comportamento dos fiéis, a sua consciência e o seu corpo.”<sup>221</sup> Dessa forma o processo terapêutico para se lidar com os problemas pessoais e relacionais era a confissão e a penitência. Através da submissão a uma autoridade religiosa e da aceitação do castigo por ela imposto, se visava o reingresso na vida da comunidade de fé. Caso não houvesse sujeição a essa determinação da igreja, acontecia a exclusão da pessoa do grupo social. Nesse caso, o *status* da pessoa em relação a sua própria salvação era colocado em suspeita.

A Reforma propõe novas ideias e em certa medida se opõe ao sistema de aconselhamento pastoral perpetrado anteriormente pela igreja medieval. “Lutero descobriu na graça pura como dádiva de Deus por causa da vida e morte de Jesus Cristo o fundamento para uma reconstrução e reestruturação da identidade do indivíduo.”<sup>222</sup> Lutero concebia que toda a vida do cristão é um processo de penitência devido à natureza pecaminosa do ser humano. Não apenas os atos são pecaminosos, mas toda a existência humana está mergulhada no pecado e por consequência sujeita à morte. Por isso “[...] é necessário voltar-se sempre à primeira identidade definida no Batismo.”<sup>223</sup>

Lutero definiu o aconselhamento pastoral conforme os Artigos de Esmalcalde como o diálogo mútuo e a consolação dos irmãos, em latim: *mutuum colloquium et consolatio fratrum*.

Na vida de cada dia da comunidade os irmãos conversam uns com os outros sobre as suas dificuldades e confessam quando erraram ou transgrediram os mandamentos. O irmão vai ouvi-los e consolá-los pela mensagem da absolvição, pela palavra de Deus e pela oração. A consolação como objetivo maior da poimênica estabelece de novo a identidade precária lembrando a pessoa da sua justificação por Deus.<sup>224</sup>

Com o surgimento da psicologia e da psicanálise no final do século XIX, inaugurou-se um conflito no campo do aconselhamento pastoral entre concepções teológicas distintas a respeito da busca e da aplicação de conhecimentos psicológicos. Para um grupo, as novas descobertas e avanços no campo da psicanálise se aproximavam do fazer pastoral no aconselhamento devido “[...] a auto

<sup>221</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 262.

<sup>222</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 263.

<sup>223</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 263.

<sup>224</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 264.

experiência do pastor e a proximidade com a empiria.”<sup>225</sup> Outro grupo defendia a concepção da “primazia da proclamação da Palavra”, diminuindo ou negando o valor das contribuições da psicologia e da psicoterapia.

Nos anos de 1920, a partir do trabalho em conjunto de médicos e pastores, surgiu nos EUA o movimento da “clínica pastoral”, que apontava para a necessidade de uma formação clínica para os teólogos e as teólogas visando um aconselhamento terapêutico que integrasse conhecimentos psicológicos e psicanalíticos. Nesse mesmo sentido, já nos anos de 1960, graças especialmente à obra do pastor e psicanalista Oskar Pfister, surgiu na Europa o movimento da “psicologia pastoral”. Essa forma de aconselhamento pastoral tem se desenvolvido muito e tem contribuído na formação teológica de igrejas em várias partes do mundo.<sup>226</sup>

Segundo Daniela Bessa, a contemporaneidade é marcada fortemente pela pós-modernidade, onde estão presentes novos modos de ver a vida. “Termos como velocidade, individualismo, relativismo, consumismo assumem proeminência e orientam os relacionamentos afetivos, a religiosidade, os pensamentos e até o aconselhamento.”<sup>227</sup>

Conforme a autora, o fim do século XX e início do XXI trouxeram diversas transformações, nos campos da economia, política, tecnologia, social e religioso, que interferem na vida das pessoas e afetam sua maneira de agir.

Percebe-se que a pós-modernidade apresenta desafios ao aconselhamento. Demanda-se do conselheiro um atendimento mais rápido, relevante e ao mesmo tempo profundo. Os movimentos de cura interior se levantam como uma possibilidade de exercício da arte da escuta; no entanto, mostram-se pouco efetivos, porque desprezam o cuidado, palavra cara ao aconselhamento pastoral.<sup>228</sup>

É preciso, nesse sentido, segundo a autora, que o aconselhamento pastoral interaja com os contextos e as culturas, sem necessariamente aderir aos seus

---

<sup>225</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 265.

<sup>226</sup> SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 265.

<sup>227</sup> BESSA, Daniela Borja. Aconselhamento Pastoral: desafios para a Igreja local. **Via Teológica**. v. 14, n. 28, p. 62-74, dez. 2013. p. 74.

<sup>228</sup> BESSA, 2013, p. 74.

padrões e valores, mas tendo atenção às necessidades apresentadas em cada época.<sup>229</sup>

O aconselhamento pastoral é uma ferramenta muito importante para o acompanhamento e o apoio às pessoas em diferentes situações e distintas fases da vida. Sua contribuição se dá também no período da adolescência e da juventude.

## 4.2 EXERCÍCIO DA ESCUTA EMPÁTICA

Os autores Heije Faber e Ebel Van Der Schoot trazem o tema da prática da conversação pastoral a partir da contribuição de Carl Rogers. Segundo os autores: “[...] conversação é muito mais do que mera troca de palavras, e que os sentimentos desempenham um papel decisivo no primeiro contato.”<sup>230</sup>

Faber e Schoot argumentam que, em relação a Rogers, não se pode falar de “sistema” ou “método”. O mais correto seria denominar sua contribuição de “técnica” que serve de auxílio para construir um bom relacionamento com a pessoa atendida. Rogers propõe que a relação entre quem atende e quem é atendido seja realizada de maneira não diretiva e através da técnica de conversação que vise refletir os sentimentos da outra pessoa, de sujeito para sujeito. “Com o passar dos anos, Rogers concentrou seu trabalho e pensamento nesse relacionamento, acentuando a solicitude, a abertura, a confiança e o amor da parte do psicoterapeuta, e a relação do paciente.”<sup>231</sup>

Para um bom e correto relacionamento, quem aconselha pastoralmente precisa estar ao lado da outra pessoa, expressando interesse e atenção autênticos, respeitando sua liberdade sem críticas ou julgamentos e sendo tolerante com aspectos que não lhe sejam simpáticos.<sup>232</sup> Esse espaço seguro de partilha irá oportunizar que a pessoa se sinta à vontade para falar de sentimentos mais profundos e conflituosos e assim poder ela própria compreender melhor sua situação. “Parece que as pessoas ‘aprendem’ muito mais daquilo que elas próprias

<sup>229</sup> BESSA, 2013, p. 66.

<sup>230</sup> FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A prática da Conversação Pastoral**. Trad. Sílvio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985. (Teologia Prática - Estudos Pastorais 4). p. 15.

<sup>231</sup> FABER, 1985, p. 24.

<sup>232</sup> FABER, 1985, p. 21.

descobrem numa conversação confidencial do que aquilo que lhes é dito ou que lhes perguntam.”<sup>233</sup>

Para Rogers, a escuta empática é a base para uma boa relação terapêutica. Através dessa interação, “[...] a outra pessoa descobrirá dentro de si a capacidade de utilizar esta relação para crescer, e mudança e desenvolvimento pessoal ocorrerão.”<sup>234</sup> Nesse sentido o termo empatia é de grande importância para Rogers:

[...] o termo “empatia”, que significa sentir em si mesmo os sentimentos do outro: não estaremos sendo absorvidos, mas mantendo uma saudável distância, passamos a sentir com ele os sentimentos, que nos servirão de orientação. Nesse processo não se deve estar à procura de um sentimento básico, mas acompanhar o outro em sua mudança e sequência de sentimentos. Tem que ter a sensação autêntica de que com ele estamos convivendo.<sup>235</sup>

A empatia pode ser definida como a capacidade de uma pessoa de se colocar ao lado de outra pessoa, acolhê-la, ouvi-la sem julgamentos, oferecendo-lhe um espaço de partilha de sentimentos. O dicionário online Dicio apresenta o seguinte conceito para empatia:

Capacidade de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como ela pensaria ou agiria; compreensão: demonstrou empatia ao ouvir os problemas de sua mãe. Aptidão para se identificar com o outro, sentindo o que ele sente, desejando o que ele deseja, aprendendo da maneira como ele aprende etc.; identificação. [...] Identificação de um sujeito com outro; quando alguém, através de suas próprias especulações ou sensações, se coloca no lugar de outra pessoa, tentando entendê-la.<sup>236</sup>

O termo empatia encontrado no Dicionário de Psicologia aprofunda a ideia da relação estabelecida entre o profissional da psicologia ou psicanálise e a pessoa que é atendida. A capacidade de reação empática de aceitação e compreensão pode ser observada e desenvolvida.

Reciprocidade afectiva ou intelectual, compreensão mútua fundamental para a criação de laços de amizade ou de amor. Para certos psicanalistas é uma condição importante para que se estabeleça a relação entre o paciente e o analista. A psicologia diferencial utiliza questionários, que através da análise factorial pretendem avaliar várias dimensões de empatia entre indivíduos diferentes. Neste sentido, a reacção empática é considerada

---

<sup>233</sup> FABER, 1985, p. 22.

<sup>234</sup> ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 2.ed. Lisboa: Martins Fontes, 1973. p. 39.

<sup>235</sup> FABER, 1985, p. 32-33.

<sup>236</sup> EMPATIA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/empatia/>>. Acesso em: 23 dez. 2022.



como o resultado de uma conduta suscitada por um indivíduo que induz o outro numa atitude de aceitação, de compreensão.<sup>237</sup>

Marshall Bertram Rosenberg argumenta que, nos relacionamentos com as outras pessoas, só ocorre empatia quando conseguimos deixar de lado os julgamentos e as ideias preconcebidas a respeito das pessoas com as quais estamos interagindo.<sup>238</sup>

Em vez de empatia, tendemos a ter forte tendência de dar conselhos ou encorajamento e de explicar nossa própria posição ou sentimento. A empatia, por outro lado, requer que se concentre plenamente a atenção na mensagem da outra pessoa. Damos aos outros o tempo e o espaço para se expressarem completamente e sentirem-se compreendidos.<sup>239</sup>

Rosenberg ressalta que na escuta empática o “ingrediente-chave” é a presença. Pois, desta forma, “[...] estamos totalmente presentes com a outra parte e com aquilo pelo que ela está passando.”<sup>240</sup>

No estar presente, na escuta não diretiva, na atenção sem julgamento e no desvencilhar-se da necessidade de dar conselhos, a pessoa aconselhadora pastoral conseguirá promover um ambiente de empatia e aceitação que facilitará através de um bom relacionamento a comunicação do sofrimento, conflito ou luto. Para Faber e Schöot, segundo Rogers, esse bom relacionamento se constrói sem moralismos ou dogmatização.

Vemos aí que a ênfase reside no bom relacionamento (relationship). Nele o cliente se abre e chega a uma vida mais ‘sadia’. [...] Rogers rejeita um relacionamento no qual o consultante é ‘paciente’ transformado em objeto. Da mesma forma se opõe a que psicoterapeutas ‘moralizem’ ou ‘dogmatizem’. O que está à procura de conselho deverá permanecer responsável pela própria vida; não deve existir qualquer forma de pressão ou força.<sup>241</sup>

Outra condição apresentada por Rogers é estabelecer uma relação de apreço e aceitação. “Por aceitação, quero dizer uma consideração afetuosa [...] enquanto uma pessoa de autovalia incondicional — de valor, independente de sua

<sup>237</sup> EMPATIA. In: MESQUITA, Raul; DUARTE, Fernanda. **Dicionário de Psicologia**. Lisboa: Plátano, 1996. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/nlpsi014/livros/outros>> Acesso em: 23 dez. 2022.

<sup>238</sup> ROSENBERG, Marshall Bertram. **Comunicação Não-Violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006. p. 134.

<sup>239</sup> ROSENBERG, 2006, p. 134.

<sup>240</sup> ROSENBERG, 2006, p. 135.

<sup>241</sup> FABER, 1985, p. 25-26.

condição, de seu comportamento ou de seus sentimentos.”<sup>242</sup> Isso significa respeitar a pessoa e ter consideração pelas suas emoções e pelas suas atitudes, independentemente de serem positivas ou negativas. Essa aceitação dirigida à pessoa que recebe o atendimento torna-se um elemento muito importante em uma relação de ajuda. Pois transmite segurança e apreço à pessoa que busca aconselhamento.<sup>243</sup>

Aceitação não significa muito até que esta envolva a compreensão. É somente à medida que compreendo os sentimentos e pensamentos que parecem tão terríveis para você, ou tão fracos, ou tão sentimentais, ou tão bizarros — é somente quando eu os vejo como você os vê, e os aceito como a você, que você se sente realmente livre para explorar todos os cantos recônditos e fendas assustadoras de sua experiência interior e freqüentemente enterrada.<sup>244</sup>

O aconselhamento pastoral, que pretende ser uma conversação empática, não deve ter um caráter dogmático ou moralista. Ao apresentar esse tipo de comportamento impessoal e julgador, se está afastando as pessoas ao invés de acolher e proporcionar um momento de aceitação em nome de Deus.

Cristo se dirigiu explicitamente a pecadores, publicanos e prostitutas. Não diferenciou moralmente duvidoso e moralmente puro. Pelo contrário, desconfiou do moralmente puro. Sempre aceitou os pecadores, não porque ficasse indiferente ao seu pecado, mas porque via também os pecados sob a luz do amor divino. Num sentido profundo, Cristo aceitou-os em nome de Deus.<sup>245</sup>

Rogers, no decorrer dos anos em que aperfeiçoou sua técnica, sublinhou cada vez mais a importância da escuta empática ser isenta de qualquer tipo de preconceito, aceitando a pessoa como ela é. Assim, Rogers enfatiza uma prática não diretiva de conversação, sem moralizar ou dogmatizar o diálogo, sem diagnosticar ou interpretar, deixando a liberdade e a responsabilidade à pessoa, tornando-a sujeito de sua existência e não mero objeto de observação.<sup>246</sup> Especificamente nesse sentido, no que se refere à escuta empática com adolescentes, é importante ressaltar a necessidade que as pessoas neste período da vida têm de serem acolhidas e ouvidas sem julgamentos. Pois, muitas vezes, os

---

<sup>242</sup> ROGERS, 1973, p. 40.

<sup>243</sup> ROGERS, 1973, p. 40.

<sup>244</sup> ROGERS, 1973, p. 40.

<sup>245</sup> FABER, 1985, p. 29.

<sup>246</sup> FABER, 1985, p. 30.

outros espaços em que a pessoa adolescente transita não lhe oferecem esse tipo de escuta.

Estar ao lado da outra pessoa com uma escuta empática tem por objetivo comunicar o acolhimento de tal forma que a pessoa se sinta aceita e compreendida. Para isso é necessário formular os sentimentos, expressos muitas vezes de forma vaga e imprecisa, de maneira que se possa refletir mais claramente e devolvê-los à pessoa para que ela possa formulá-los novamente. Faber e Schoot trazem como exemplo uma interessante situação:

Talvez alguns de nós ainda se lembrem de determinados diálogos da juventude, quando nos encontrávamos diante do professor ou dos pais com uma consciência não muito limpa e um sentimento de culpa e medo. Com um olhar cabisbaixo ouvíamos a voz de um deles que dizia mais ou menos isto: 'Você foi desonesto. Está arrependido; contudo, você tem medo de que eu fique zangado'. De repente sentíamos que ali se encontrava alguém que nos compreendia e nossa solidão, e por isso mesmo não nos deixava sós. Que faziam os nossos professores ou pais quando assim falavam conosco? Fundamentalmente nada mais do que 'refletir' o sentimento que se escondia dentro de nós, na simpatia autêntica e, simultaneamente, distanciada.<sup>247</sup>

A experiência de aceitação, oportunizada pela escuta empática juntamente com a reflexão ocorrida, permitem à pessoa que busca aconselhamento pastoral ver suas "[...] atitudes, confusões, contradições, sentimentos e concepções formuladas de uma maneira precisa, porém destituídas de toda sorte de complicações emocionais."<sup>248</sup> A escuta empática possibilita uma maneira objetiva, e prepara o caminho para uma aceitação destas emoções e sentimentos, agora percebidos com maior clareza, junto com a outra pessoa. Dessa forma, busca-se facilitar para a outra pessoa a reorganização do seu "eu" e o melhor entendimento do seu funcionamento.<sup>249</sup>

Reflexão "[...] não significa repetir, usando outras palavras, aquilo que o outro disse, mas sentir em si mesmo os sentimentos que o outro 'botou para fora' em suas palavras, e 'refletir-lhe' esses sentimentos com nossas palavras."<sup>250</sup> Para o aconselhamento, é importante ter esse entendimento e não fazer interpretações ou dirigir de alguma forma, mas permanecer sempre ao lado da outra pessoa. Nesse relacionamento empático e não diretivo, a pessoa poderá apresentar cada vez mais

---

<sup>247</sup> FABER, 1985, p. 31.

<sup>248</sup> FABER, 1985, p. 32.

<sup>249</sup> FABER, 1985, p. 32.

<sup>250</sup> FABER, 1985, p. 32.

material importante a respeito de si e chegar a um reconhecimento mais profundo do seu próprio eu.<sup>251</sup>

Para o exercício da escuta empática, é importante uma postura correta, ou, segundo Rogers, o “hábito” correto na condução de uma conversação. É preciso ter sensibilidade para estar ao lado da outra pessoa. “O hábito se concretiza ao se ouvir empaticamente o que o outro quer dizer, e é apoiado e aprofundado ao se ‘refletir’ os sentimentos do outro”. Faber e Schoot chamam a atenção de que essa escuta empática e a reflexão oportunizada por ela “[...] consegue abrir o caminho para a autêntica palavra pastoral.”<sup>252</sup> Permitindo, assim, à pessoa que acompanha e aconselha pastoralmente, uma escuta e uma interação eficaz com a pessoa atendida.

#### **4.3 ACONSELHAMENTO PASTORAL COM PESSOAS ENLUTADAS**

Atividades relativas ao luto é uma realidade muito presente no cotidiano de pessoas que se ocupam com o aconselhamento pastoral em comunidades e instituições ligadas às igrejas, como hospitais, lares de acolhimento, escolas e centros universitários. Para Clinebell, o luto pela morte de uma pessoa estimada, consiste em uma “[...] crise humana universal”.<sup>253</sup> Isso significa dizer que, em algum momento da vida, cedo ou tarde, atinge todas as pessoas indiscriminadamente. Nesse sentido, pessoas ordenadas ao ministério e também outras lideranças comunitárias que desenvolvem trabalhos de cuidado e apoio às pessoas enlutadas são peças fundamentais para o aconselhamento pastoral.

Além das demandas emergenciais do sepultamento que ocorrem com a morte de uma pessoa da comunidade, nas quais ministros, ministras e outras lideranças irão, em muitos casos, envolver-se e apoiar as pessoas enlutadas, agentes das pastorais precisam também responder às demandas que ocorrem após os ritos fúnebres. Na maioria das vezes, nesses casos, são ofertados trabalhos de aconselhamento individual e grupos de apoio, para os quais há formação adequada, teórica e prática.

---

<sup>251</sup> FABER, 1985, p. 32-35.

<sup>252</sup> FABER, 1985, p. 66.

<sup>253</sup> CLINEBELL, 2016, p. 211.

Aos ministros ordenados e às ministras ordenadas que desenvolvam o trabalho do aconselhamento pastoral cabe também a função de formar e preparar pessoas das comunidades para se envolverem e auxiliarem nas atividades com pessoas que enfrentam o luto, sejam elas, por exemplo, através de grupos de apoio, visitas ou conversas individuais.

Para Willian Worden, “[...] o objetivo geral do aconselhamento do luto é ajudar o indivíduo a adaptar-se à perda de um ser amado e ser capaz de ajustar-se à nova realidade com essa ausência.”<sup>254</sup> Nesse caso, para o autor, o papel de agentes da pastoral ao acompanhar alguém que vivencia as fases ou etapas do luto consiste em quatro tarefas:

(1) reforçar a realidade da perda; (2) ajudar o indivíduo a lidar tanto com o sofrimento emocional quanto relativo aos comportamentos; (3) auxiliar na superação dos vários impedimentos aos reajustes pós-perda; (4) ajudar o indivíduo a encontrar um meio de manter vínculo com o morto, ao mesmo tempo sentindo-se confortável em reinvestir na vida.<sup>255</sup>

No contexto atual, apresenta-se a possibilidade de utilização de novas tecnologias de comunicação para o serviço pastoral às pessoas enlutadas. O uso de telefonemas, mensagens de texto SMS e *e-mails* já estão disponíveis há mais tempo. No contexto mais recente, se apresentaram também as redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *WhatsApp*. Estes novos instrumentos de conversação e interação disponibilizam novos espaços para o aconselhamento pastoral com pessoas enlutadas. Certamente a presença pastoral nesses meios junto às pessoas enlutadas é um apoio importante para o enfrentamento do luto.

#### 4.3.1 Aconselhamento pastoral individual

Na ocasião da morte de alguém, há, na maioria dos casos, uma família envolvida, esposo, esposa, pais, mães, irmãos, irmãs, filhos, filhas e outras pessoas. Essas pessoas, que formam o grupo familiar, recebem a notícia da perda e mutuamente buscam, na maioria das vezes, se apoiar e enfrentar a separação do ente querido. Nesses casos, atendem a demandas práticas com relação ao velório e sepultamento ou cremação, colocam-se ao lado dos familiares mais atingidos pela

<sup>254</sup> WORDEN, James Willian. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais de saúde mental. 4.ed. São Paulo: Roca, 2013. p. 56.

<sup>255</sup> WORDEN, 2013, p. 56.

perda. Algumas pessoas terão mais condição emocional e conhecimento para lidar com as demandas desse momento. Nesse contexto familiar, a figura de agente pastoral será acolhida como um apoio em questões práticas, mas também como um auxílio para ajudar as pessoas que estão mais abaladas com a perda. Este momento já apresentará um quadro panorâmico de como aquela família ou aquelas pessoas estão se organizando com relação ao enfrentamento do luto, quais pessoas requerem uma atenção pastoral mais urgente e também quais as possibilidades reais para o acompanhamento pastoral e quais encaminhamentos precisam ser dados a partir deste momento.

Passado esse primeiro momento do luto, o aconselhamento pastoral individual se dará em duas vias: pessoa enlutada que procura pelo aconselhamento e, por outro lado, a busca ativa de agentes da pastoral oferecendo apoio e aconselhamento. No primeiro caso, as pessoas vão até a comunidade ou instituição recorrendo a profissionais e equipes que podem auxiliá-las a enfrentar o luto. Trata-se, na maioria das vezes, de pessoas já acostumadas e ambientadas aos trabalhos comunitários e práticas pastorais. Haverá, a partir do contato, possibilidades de conversas pastorais individuais e/ou grupos de apoio. No segundo caso, a iniciativa parte de agentes ou equipes de pastorais que, tendo conhecimento dos casos de luto, irão à procura das pessoas ofertando-lhes apoio no enfrentamento do luto. Nesse caso, em geral, trata-se de pessoas mais distantes ou afastadas da comunidade, as quais não estão muito familiarizadas com os trabalhos oportunizados pela igreja. Por isso a visita às famílias e às pessoas enlutadas cumpre um papel importante no estabelecimento de um contato visando o auxílio no enfrentamento do luto. Estabelecido esse vínculo, o aconselhamento pastoral pode também ocorrer de maneira individual e em grupos de apoio.

Independentemente da modalidade em que acontece o aconselhamento pastoral, individual ou grupal, a tarefa de agentes da pastoral será sempre facilitar, através de uma escuta empática, a assimilação e enfrentamento do luto. Por isso, mesmo acontecendo em grupo, a atividade com pessoas enlutadas terá uma finalidade individual, pois cada pessoa vivencia o luto de forma própria de acordo com seu desenvolvimento psicoemocional e espiritual.

O aconselhamento pastoral individual pode se dar através de sessões de conversas com a pessoa agente da pastoral, previamente agendadas e sucessivas

por um período de tempo. A pessoa agente da pastoral terá a oportunidade de ouvir com calma, segundo o desejo da pessoa atendida, todos os elementos presentes nesse luto, os dilemas e conflitos, as dores e os sentimentos contidos ou manifestados. Nesse sentido, possivelmente virão à tona relatos importantes sobre questões profundas e complexas. “Para ajudar as pessoas a realizarem a catarse terapêutica de seu trabalho do pesar, é preciso resistir à tendência cultural de evitar sentimentos dolorosos.”<sup>256</sup> Colaborar para que a pessoa enlutada possa trazer à luz essas emoções e sentimentos, num ambiente seguro, por meio de uma escuta empática e acolhedora, dará a oportunidade para que a pessoa possa refletir sobre suas questões internas e entender-se a si própria, estabelecendo, a partir disso, um curso para seu processo de luto.

O aconselhamento pastoral como forma de um cuidado pastoral individual, ou seja, focado apenas em uma pessoa de cada vez, caracterizado por um atendimento individualizado, particular, sigiloso, empático e não diretivo, irá oportunizar que a pessoa reflita sobre suas questões e compreensões internas, nesse caso ligadas ao luto, visando o enfrentamento do luto e a melhora emocional.

O aconselhamento pastoral individual também pode acontecer de uma forma conjugada com o aconselhamento pastoral em grupos de apoio. Um atendimento não descarta o outro, pelo contrário, muitas vezes se complementam. Por isso, apresentar a possibilidade de participação em um grupo de pessoas que passou ou está passando pelo luto pode ser uma forma de novas reflexões e *insights* às pessoas atendidas individualmente.

#### **4.3.2 Aconselhamento pastoral em grupos de apoio**

A experiência do luto é, por assim dizer, uma experiência familiar ou, no caso de pessoas ligadas às igrejas, uma experiência também comunitária. Para muitas pessoas, desde a chegada da notícia do falecimento do ente querido até o retorno para casa após o sepultamento, vive-se o luto na companhia de outras pessoas também enlutadas. A partir daí, cada qual irá trilhar seu próprio caminho do luto, muitas vezes solitária e silenciosamente. As pessoas menos afetadas pela perda ou que, por condições pessoais, lidem de maneira mais resiliente com o luto

---

<sup>256</sup> CLINEBELL, 2016, p. 215.

vão retornar às suas ocupações e afazeres, quase como se nada tivesse acontecido, adequando as suas tarefas ao que a nova realidade impõe. Para as pessoas mais envolvidas com a perda, ficará uma sensação de vazio mais duradouro, uma inconformidade com a situação, bem como uma dificuldade de expressar suas emoções e sentimentos aos demais familiares e amigos. Dessa forma, o luto vai sendo "guardado" para si e as palavras silenciadas pelo temor de estar sendo inconveniente ou imaturo. Na opinião de Clinebell:

[...] o declínio do apoio comunitário e dos ritos em grupo por ocasião de falecimento e luto em nossa sociedade tornou mais difícil a recuperação da situação de pesar. O desenraizamento da solidária multidão na megalópole privou milhões de pessoas de uma comunidade de apoio. Crises e tragédias pessoais ficam exacerbadas pela solidão e pelas crises sociais em nosso mundo.<sup>257</sup>

O aconselhamento pastoral em grupos de apoio pode servir de auxílio às pessoas enlutadas. “É crucial que o apoio assistencial à família continue durante as semanas e meses após o funeral.”<sup>258</sup> Grupos de pessoas enlutadas podem ser um espaço de acolhimento, de partilha e reflexão sobre temas ligados ao luto, onde os sentimentos podem ser expressados sem culpa ou julgamento, o desabafo e a compreensão ocorrem de maneira sigilosa e consoladora. Dessa forma, existe a possibilidade de a pessoa enlutada continuar falando sobre sua perda, dando vazão às emoções e aos sentimentos que brotam em seu interior, podendo refletir e compreender melhor o seu luto e seu processo de restabelecimento e reorganização.

Para Clinebell o grupo de apoio é fundamental. “Uma equipe leiga de apoio ou de recuperação do pesar, dentro da comunidade, deveria cercar o indivíduo e a família enlutada com a atenção e o apoio que precisam.”<sup>259</sup> Um grupo de apoio para pessoas enlutadas formado por membros da comunidade ou da instituição que tenham vivido essa experiência do luto e também adquirido conhecimento sobre o tema seria uma oportunidade para que as pessoas enlutadas encontrem o apoio necessário para enfrentar a perda pessoal com vistas ao crescimento pessoal e espiritual. Para Worden, esta pode ser uma maneira eficaz de ofertar o acolhimento

---

<sup>257</sup> CLINEBELL, 2016, p. 213.

<sup>258</sup> CLINEBELL, 2016, p. 216.

<sup>259</sup> CLINEBELL, 2016, p. 215.



e o apoio que as pessoas enlutadas estão buscando.<sup>260</sup> Colaborando nessa ideia, Clinebell comenta que:

[...] membros de igreja de um modo geral e a equipe poimênica leiga em particular deveriam estar orientados para atuar como extensão sucedânea da família para aqueles que carecem de um sistema de apoio, oferecendo-lhes quaisquer ajuda prática e apoio emocional que necessitem.<sup>261</sup>

Para esse trabalho, além de levar em conta a esfera dialogal do falar e do ouvir, é importante contemplar outros sentidos, oportunizando também uma experiência de acolhimento através do toque, da visão, do olfato e do paladar. A comensalidade presente na partilha de alimentos é uma forma não-verbal de expressar nossa estima pelas pessoas e no desejo pela continuidade da vida. “Comer juntos passa a ser uma espécie de ceia de comunhão, uma maneira de dizer ‘nós podemos e temos que continuar juntos’.”<sup>262</sup>

Blanches de Paula, autora já citada, também chama a atenção para a importância do cuidado pastoral às pessoas enlutadas na dimensão comunitária. Segundo ela, esse “olhar comunitário” dentro do contexto brasileiro e latino-americano é indispensável.

O termo ‘cuidado’ evoca uma dimensão afetiva em todas as relações sobre o aconselhamento pastoral, uma das facetas indispensáveis do cuidado, pode-se afirmar que as heranças recebidas, principalmente estadunidenses, focaram uma dimensão clínica e individual. Mas para uma realidade latinoamericana [sic] necessitamos repensar outras intervenções em aconselhamento que envolve um olhar comunitário.<sup>263</sup>

O aconselhamento pastoral em grupos de apoio, expressando e concretizando o cuidado pastoral, pode se tornar em espaço de vivências comunitárias de enfrentamento do luto. “É indispensável destacar nossa percepção da influência saudável que a comunidade religiosa pode ter no processo de luto.”<sup>264</sup>

Além de ministros ordenados e ministras ordenadas, é importante que também outras pessoas da comunidade se envolvam. Lideranças comunitárias, devidamente preparadas, podem acompanhar, dirigir e coordenar as atividades dos

<sup>260</sup> WORDEN, 2013, p. 74-75.

<sup>261</sup> CLINEBELL, 2016, p. 217.

<sup>262</sup> CLINEBELL, 2016, p. 215.

<sup>263</sup> PAULA, 2011, p. 184.

<sup>264</sup> PAULA, 2011, p. 189.

grupos de apoio às pessoas enlutadas. Essa colaboração promove a cidadania e engajamento comunitário em torno de questões ligadas ao luto na sociedade.

É indispensável afirmar também que a concepção de um aconselhamento pastoral comunitário pode contribuir de forma significativa com a relação entre cuidado pastoral e cidadania, numa sociedade marcada pela falta de atendimento e serviço em situações de luto.<sup>265</sup>

Segundo Clinebell, a implantação de um grupo de apoio às pessoas enlutadas é algo possível de ser realizado num ambiente comunitário ou institucional.

É relativamente fácil criar e liderar grupos de pesar. Numa congregação um grupo pode ser reunido pelo convite do pastor, dirigido a todos aqueles que sofreram perdas nos últimos dois ou três anos. Convites pessoais por telefone e um convite aberto no informativo ou boletim da igreja para atingir ainda outras pessoas geralmente é o suficiente para reunir um grupo.<sup>266</sup>

Nesses grupos de apoio às pessoas enlutadas, além das pessoas em luto pela morte de familiares, também pessoas com outros tipos de luto podem participar. Pode-se entender como luto outras separações e perdas que acontecem na vida das pessoas e que trazem consigo o sentimento de impotência e vazio existencial característicos desse processo. Divórcio, término do namoro, aposentadoria, demissão do emprego, saída dos filhos e das filhas de casa, doença, aborto, mudança de cidade ou país, troca de escola ou faculdade, etc. Nesses e em outros casos as perdas são simbólicas, e representam a perda de um papel social ou de vínculos afetivos. Clinebell faz a seguinte recomendação:

Pessoas com toda uma variedade de tipos de perdas podem ser incluídas num mesmo grupo, embora seja indicado ter ao menos duas pessoas com perdas semelhantes (por exemplo divórcio, morte, aposentadoria) dentro de um grupo, para que dê à outra aquela empatia especial oriunda de quem conhece por dentro a perda sofrida pela outra.<sup>267</sup>

A participação em um grupo de apoio às pessoas enlutadas também pode abrir espaço para um atendimento individualizado. Nesse caso um ministro ordenado ou ministra ordenada pode ser acionado para um aconselhamento pastoral individual. Em alguns casos, em se tratando de um luto difícil, também

---

<sup>265</sup> PAULA, 2011, p. 190.

<sup>266</sup> CLINEBELL, 2016, p. 221.

<sup>267</sup> CLINEBELL, 2016, p. 221.

profissionais da psicologia podem ser recomendados para o tratamento psicoterapêutico.

### 4.3.3 Aconselhamento pastoral em novas tecnologias de comunicação

Nas últimas décadas, nossa sociedade tem experimentado a chegada e o desenvolvimento de aparelhos tecnológicos capazes de mediar a aquisição e o repasse de informações. Após os aparelhos de rádio, televisão, telefones e computadores, apareceram com o evento da internet os dispositivos *notebooks*, *smartphones* e *tablets*, que através de aplicativos e sites, em tempo real, conectam pessoas entre si e a uma série de informações e conteúdos ao redor do mundo, em diversas línguas, sobre uma gigantesca diversidade de assuntos. Essas novas tecnologias são atualmente chamadas em seu conjunto de nova mídia, mídia digital ou NTICs - novas tecnologias da informação e comunicação.<sup>268</sup> Renato Hübner Barcelos, a respeito das relações sociais pela internet, comenta que

[...] as relações sociais já não ocorrem necessariamente face a face, elas passaram a ser feitas através do computador, independentemente de espaço e tempo. Esta nova forma de comunicação é designada por Lévy (1999) como ciberespaço, que possibilita uma comunicação imediata por tecnologias digitais, que provoca a interação entre indivíduos de diferentes partes do mundo.<sup>269</sup>

As novas tecnologias de comunicação se tornaram agentes de socialização, formação e aprendizado. Para Francisco Manuel Martins do Rio, “[...] graças ao surgimento da internet foi possível atravessar fronteiras, reduzir distâncias e aceder a todo o tipo de informações.”<sup>270</sup> A internet na palma da mão, 24 horas por dia, não só dá acesso a uma variedade de informação, mas também possibilita “[...] atos de comunicação onde o mundo privado da experiência pessoal daqueles que os praticam é projetado no interior do mundo interpessoal e grupal das interações.”<sup>271</sup>

<sup>268</sup> BARCELOS, Renato Hübner. **Nova Mídia, Socialização e Adolescência**: Um estudo exploratório sobre o consumo de novas tecnologias de comunicação pelos jovens. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24512>> Acesso em: 24 out. 2022. p. 3.

<sup>269</sup> RIO, Francisco Manuel Martins do. **O Impacto das Novas Tecnologias nas Relações Interpessoais dos Jovens**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Educação Social, Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10198/23859>> Acesso em: 24 out. 2022. p. 1.

<sup>270</sup> RIO, 2021, p. 5.

<sup>271</sup> RIO, 2021, p. 5.

No aconselhamento pastoral, essa nova era das comunicações pela internet é simultaneamente um desafio e uma oportunidade. A maioria das pessoas agentes de pastorais, em atividade atualmente, não teve em sua formação a possibilidade de estudar sobre a empregabilidade dessas ferramentas em sua prática pastoral. É, portanto, um desafio olhar para esses equipamentos e pensar em novas possibilidades para a ampliação das atividades que já são oferecidas a nível presencial de aconselhamento pastoral. Para muitas pessoas há, inclusive, certa resistência em empregar esforços em direção às novas tecnologias de comunicação.

Segundo Rio, é fato, no entanto, que muitos dos recursos hoje disponíveis nas novas tecnologias de comunicação não fornecem elementos básicos para o trabalho do aconselhamento pastoral, gerando com isso dificuldades para a atividade.

Podemos reparar que, por exemplo, no decorrer de uma conversa frente a frente estão presentes expressões faciais em que conseguimos ter outras percepções do que está a ser transmitido, tornando mais clara a compreensão de certos assuntos, enquanto através de um ecrã, numa conversa escrita, esse tipo de expressões não são transmitidas ou visualizadas, podendo até distorcer as palavras do orador e muitas vezes até gerar confusão.<sup>272</sup>

Por outro lado, argumenta o autor, há uma gama imensa de novas formas de interação à disposição do aconselhamento pastoral. Aplicativos de *smartphones* possibilitam videochamadas, áudios e mensagens escritas, também a gravação de vídeos, transmissões ao vivo e videoconferência. Possibilidades para atendimentos individuais e atividades em grupos. As redes sociais, como *facebook*, *instagram*, *twitter*, entre outras, também oferecem espaços para a interação, postagem de conteúdo relacionado às práticas e atividades pastorais. A visualização das postagens das pessoas que estão sendo atendidas e o comentário de seus conteúdos fornecem igualmente um importante elo de comunicação entre quem atende e quem recebe atendimento no aconselhamento pastoral. “Em suma, hoje em dia, as redes sociais desempenham um papel bastante importante nas dinâmicas relacionais devido à facilidade de acesso à informação, recursos e todos os conteúdos.”<sup>273</sup>

---

<sup>272</sup> RIO, 2021, p. 5, 6.

<sup>273</sup> RIO, 2021, p. 10.

Por ocasião da morte de familiares, muitas pessoas compartilham em suas redes sociais postagens a respeito de seus sentimentos e reflexões sobre o luto que estão enfrentando. Também o silêncio nesses meios virtuais é sinal de um processamento do luto por parte dessas pessoas. Um olhar atencioso de agentes de pastoral ao verificar as redes sociais de seus contatos pode contribuir para entender como cada caso de luto está se desenvolvendo, possibilitando uma melhor interação. Pode acontecer a oferta de ajuda, o acolhimento e mesmo o diálogo sobre as questões relacionadas ao luto.

É importante ressaltar que, em se tratando de novas tecnologias de comunicação e outros métodos tradicionais de comunicação, um não descarta o outro. É possível, com o devido preparo, relacionar ambas as formas de aconselhamento pastoral para um melhor atendimento das pessoas e dos grupos em questões de luto e de outras questões presentes no trabalho do aconselhamento pastoral atualmente.

#### **4.4 ACONSELHAMENTO PASTORAL COM PESSOAS ADOLESCENTES ENLUTADAS**

Neste último ponto se tratará especificamente sobre a pessoa adolescente enlutada. Com essa finalidade, serão identificados três espaços de confiança e acolhimento. As atividades elencadas serão o culto comunitário, o ensino confirmatório e os encontros de grupos de jovens.

Em seguida, se abordará questões relativas à possibilidade de aplicação de escuta dinâmica e empática nas atividades com adolescentes que estão vivenciando o luto. Nesse sentido, se refletirá sobre as novas mídias presentes na internet e acessíveis às pessoas adolescentes em seus dispositivos como novas possibilidades que o momento atual oferece para o trabalho de agentes da pastoral.

Ao final deste último capítulo, serão apontadas, de maneira propositiva, duas atividades que indicam a importância da formação e manutenção de redes de apoio para adolescentes em luto. Essas duas redes têm como característica dois movimentos, de ir e vir, facilitando à pessoa adolescente o acesso ao espaço e ao trabalho comunitário que entre adolescentes e agentes da pastoral possam oportunizar um local e momento acolhedor e de confiança para a partilha de

experiência sobre o luto, sentimentos, dores, reflexões e aprendizados relacionados ao luto. Uma atividade é a visitação por parte de um grupo de pessoas adolescentes e agentes da pastoral. Outra atividade são os encontros de grupos de convivência que, com a participação de pessoas adolescentes e agentes da pastoral, darão o suporte para as pessoas adolescentes enlutadas, possibilitando o desenvolvimento do luto em um ambiente comunitário, de confiança e reflexivo.

#### **4.4.1 Espaços de confiança e de acolhimento**

Comunidades, instituições de ensino ou de acolhimento oferecem vários espaços de confiança e acolhimento. Cada grupo ou atividade pode ser uma forma de ajuda para pessoas enlutadas expressarem sua dor e seus sentimentos e encontrar apoio e escuta. Em se tratando de pessoas adolescentes enlutadas, muitos desses espaços também possibilitam a participação. Nas comunidades religiosas, de maneira especial, três espaços podem representar um diferencial na atuação de agentes da pastoral visando o aconselhamento de adolescentes em luto. São eles os cultos, os encontros de ensino confirmatório e as atividades de grupo de jovens.

##### **4.4.1.1 Cultos comunitários**

Os cultos realizados periodicamente, por vezes semanalmente, em ambientes comunitários e institucionais, oferecem espaço de acolhimento para pessoas em busca de consolo e esperança. Hilário Henrique Dick e Susana María Rocca, a esse respeito, comentam que, “[...] assim como os adultos, os jovens buscam o espaço religioso motivados pela necessidade de viver uma experiência sagrada, que os alimente e lhes dê sentido de vida.”<sup>274</sup>

Sob o ponto de vista de pessoas enlutadas, são especialmente significativas as orações de intercessão pelas famílias e pessoas enlutadas, onde se menciona o nome da pessoa falecida, o tempo transcorrido desde a morte e se expressa o pedido para que Deus fortaleça as pessoas entristecidas e enlutadas. Esse ato

---

<sup>274</sup> DICK, Hilário H.; ROCCA, Susana M. A volta ao sagrado e a espiritualidade juvenil. *In*: HOCH, Lothar Carlos; HEIMAN, Thomas (org). **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 148-149.

litúrgico possibilita uma conexão importante entre a comunidade, ministros, ministras e as pessoas enlutadas.

Para as pessoas adolescentes enlutadas, esse momento do culto é igualmente importante, pois é uma oportunidade para expressar suas emoções e sentimentos em um ambiente seguro, estando em companhia de familiares. Ver as pessoas adultas expressarem seus sentimentos e se emocionarem autoriza a pessoa adolescente a também fazer o mesmo. Perceber que as pessoas adultas encontram consolo e confiam no ministro religioso ou ministra religiosa para lhes ajudar com esses sentimentos passa confiança também para a pessoa adolescente.

Como uma possibilidade para tornar esses momentos ainda mais significativos e acolhedores para as pessoas adolescentes enlutadas, se pode realizar orações memoriais que lembrem o transcorrer do tempo do luto, como, por exemplo, um mês, três meses, seis meses e um ano do falecimento. Oferecer nessas celebrações algum símbolo para essas datas, como vela, pedra, fio de lã, vaso de barro, sementes de girassol, etc. Esses momentos e reflexões oportunizadas podem ser uma forma de expressar de maneira mais visível e significativa o acolhimento e consolo para as pessoas enlutadas.

#### **4.4.1.2 Ensino Confirmatório**

O ensino confirmatório é uma atividade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB que convida e reúne adolescentes de 12 anos a 14 anos, em média, para um período de formação a respeito de temas doutrinários e confessionais. É um período também de estabelecimento e fortificação de laços comunitários e de amizade oportunizados pelas atividades e momentos compartilhados. Na maioria das comunidades, os encontros do ensino confirmatório acontecem no transcorrer de 2 anos através de encontros semanais ou quinzenais de 1 hora ou 2 horas de duração. São coordenados por ministras ordenadas, ministros ordenados ou por lideranças comunitárias com capacitação para esta tarefa, chamadas de orientadores e orientadoras do ensino confirmatório. O número de participantes é sazonal, dependendo do número de adolescentes cujas famílias fazem parte da membresia da comunidade de fé.

Os encontros do ensino confirmatório oferecem um espaço de confiança e acolhimento para adolescentes, podendo ser um importante apoio diante das mudanças, incertezas e conflitos dessa fase da vida. No grupo também pode se estabelecer um importante elo de confiança entre participantes e com as pessoas que dirigem as atividades e desenvolvem o conteúdo programático. Bem por isso esse espaço é propício para o apoio de pessoas adolescentes enlutadas. O grupo oferece um ambiente seguro para tratar e refletir sobre questões ligadas ao luto, podendo ser de grande ajuda para adolescentes que vivenciaram perdas na família ou em seu círculo de amizades.

No livro *Compartilha*, subsídio didático para ensino confirmatório,<sup>275</sup> material atualmente em uso para a condução desses encontros, estão previstos os temas “Jesus e a Cruz”<sup>276</sup> e “Esperança na Ressurreição”<sup>277</sup>, que abordam a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. No *Compartilha* encontram-se os seguintes argumentos:

Na Páscoa, Deus manifesta a vitória sobre a morte e ressuscita Jesus. Na Páscoa, reencontramos a esperança e a vida. A festa da ressurreição é a celebração do ‘sim’ de Deus para a vida e o anúncio do ‘não’ de Deus para a morte. É anunciado um novo tempo, de esperança, de salvação. Um mundo novo mais humano é possível (João 6.39). É a boa notícia da Páscoa!<sup>278</sup>

O material ensina, neste ponto, que Deus é criador e doador da vida para as pessoas e quer que a vida prevaleça. Mesmo que a morte cause sofrimento para a pessoa e seus familiares, ela não terá a resposta definitiva nem será a realidade última. Pois, conforme Lucas 20.28, Deus é Deus de vivos e não de mortos. Dessa forma, é possível para a pessoa adolescente aprender a respeito da ressurreição, podendo compreender que as pessoas familiares e amigas que faleceram crendo na promessa de Jesus Cristo estão aguardando a ressurreição e o reino vindouro de Deus após o juízo final.

Quando falamos em morte, pensamos em todo tipo de sofrimento que existe em nosso meio. Deste modo, a ressurreição não é vitória apenas sobre a cruz de Cristo, mas sobre todo tipo de sofrimento que nos afeta. Por isso, pessoas cristãs acreditam que a ressurreição não é promessa exclusiva

---

<sup>275</sup> SIEGLE, Carmen Michel. **Compartilha**: Subsídio didático para Ensino Confirmatório: Livro de Orientação - 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2014.

<sup>276</sup> SIEGLE, 2014, p. 89-93.

<sup>277</sup> SIEGLE, 2014, p. 94-99.

<sup>278</sup> SIEGLE, 2014, p. 93.



para o futuro, para o pós-morte. A ressurreição também é esperança presente.<sup>279</sup>

O material não traz explicitamente o tema do luto, mas o aborda tangencialmente, estando presente, muitas vezes, na fala das pessoas participantes. Dar espaço para manifestações de sentimentos e reflexões a respeito do luto nesses encontros do ensino confirmatório são oportunidades para a partilha, em confiança, de sentimentos relacionados à perda de familiares e pessoas amigas.

Como possibilidade poderia se propor, na medida do possível, outros encontros ainda mais específicos sobre o tema do luto, suas fases e maneiras de vivenciá-lo na sociedade. Seriam momentos importantes para acolher sentimentos relacionados ao luto e possibilitar a fala e a partilha do mútuo cuidado entre as pessoas adolescentes participantes do grupo.

#### **4.4.1.3 Grupos de Jovens**

Atividades de grupos de jovens estão presentes, em boa medida, na realidade das comunidades de fé e das instituições que recebem adolescentes. Comumente, entre as atividades propostas para esses grupos estão a realização de encontros, meditações bíblicas, retiros, práticas esportivas, celebrações, passeios, comensalidade, entre outros. Esses encontros podem oferecer momentos de acolhimento, onde se pratica a partilha, a reflexão, o cuidado mútuo e a amizade. É na busca do sagrado através do grupo de iguais que adolescentes encontram parâmetros e modelos para se desenvolverem e se organizarem diante do mundo e das situações que vivenciam no seu dia a dia, incluindo situações de sofrimento e luto. Lothar Hoch, autor já citado, comenta que:

[...] assim como os adultos, os jovens buscam o espaço religioso motivados pela necessidade de viver uma experiência sagrada, que os alimente e lhes dê sentido de vida. É essa motivação, entre outras, que os leva a se organizar em grupos, porque se sentem inspirados por várias propostas e lideranças. Em especial, por pessoas e grupos com características carismáticas para o envolvimento e a mobilização. Eles têm nas lideranças religiosas, modelos a serem seguidos.<sup>280</sup>

A amizade é um elemento forte nos grupos de adolescentes. Afinidades, interesses e experiências comuns têm um grande poder agregador nessa fase da

---

<sup>279</sup> SIEGLE, 2014, p. 99.

<sup>280</sup> HOCH, 2008, p. 148-149.

vida. A mesma dinâmica se aplica no contexto das igrejas e instituições. Descobrir na pessoa agente da pastoral um amigo ou uma amiga é de fundamental relevância para uma boa relação e para a possibilidade de ações de apoio e cuidado. Ver em Jesus Cristo a figura de um amigo que caminha ao lado é inspirador para o trabalho do aconselhamento pastoral com adolescentes nos grupos de jovens.

A juventude torna-se, através da vivência da amizade, um sacramento do novo que é vida; é o sacramento da nova relação para a qual o ser humano foi criado. Deus manifesta-se, no jovem, na amizade. Poderíamos dizer que a amizade é um aspecto do sagrado, pois é uma atitude que leva a sair de si, dando-se ao outro. Deus, relacionando-se com o universo, relaciona-se como amigo.<sup>281</sup>

Nesse sentido, percebe-se como fundamental que nos grupos de jovens ou em atividades que envolvam adolescentes se trabalhe também questões ligadas ao luto. Certamente, em algum momento, adolescentes passarão pela experiência da perda de algum familiar ou pessoa próxima. Nesses casos, o grupo de jovens pode ser um suporte e um lugar de confiança e acolhimento para a partilha dos sentimentos e de apoio.

O grupo de jovens pode oportunizar momentos para refletir sobre o tema do luto, conversar a respeito de formas de vivenciar o luto, indicar onde procurar ajuda e auxiliar a pessoa adolescente a se reorganizar diante da perda e da separação. Momentos celebrativos, cultos especiais, meditações criativas, onde o simbólico e a totalidade dos sentidos sejam liturgicamente contemplados, poderão oferecer às pessoas adolescentes uma gama de recursos para o enfrentamento do próprio luto e desenvolvimento de um conhecimento para que as pessoas integrantes dos grupos possam apoiar adolescentes em luto.

Nesse sentido, como sugestão, seis medidas poderiam ser tomadas: a) confeccionar estudos temáticos sobre o luto nos materiais didáticos que subsidiam a elaboração de encontros para adolescentes e grupos de jovens; b) criação de grupos jovens de visita para adolescentes que estão vivendo as fases do luto; c) criação de grupos de apoio sobre luto (grupo de pessoas enlutadas) que trabalhem especificamente com pessoas adolescentes; d) organizar grupos de jovens para a recepção e o acolhimento em cultos e eventos da comunidade de adolescentes que estejam enfrentando o luto; e) oferecer formação para agentes da pastoral e

---

<sup>281</sup> HOCH, 2008, p. 155.

lideranças do trabalho com jovens para que desenvolvam o conhecimento e a sensibilidade necessária para tratar essas questões ligadas ao luto; f) disponibilizar uma equipe composta por agentes da pastoral e outras pessoas profissionais da saúde para apoio a adolescentes em luto. Nesse sentido, além do atendimento presencial, o suporte pode ser dado por telefone ou através das redes sociais e aplicativos da internet.

#### **4.4.2 Aplicabilidade da escuta dinâmica e empática**

A escuta por parte de agentes da pastoral é item indispensável para o trabalho com adolescentes em luto em comunidades e instituições ligadas à igreja. Nos diferentes trabalhos e atividades, a escuta se fará necessária para o desenvolvimento do processo do luto, suas fases ou tarefas. Para que esse ouvir seja de fato um benefício para a pessoa adolescente enlutada, a escuta deve ser empática, ou seja, acolhedora, sem julgamento e não diretiva. Uma boa prática, nesse sentido, facilitará a partilha dos sentimentos e a reflexão por parte da pessoa adolescente enlutada. Com base em Clinebell, pode-se entender que, para a pessoa aconselhadora estabelecer um relacionamento de solicitude e confiança com a pessoa atendida, é preciso que se proceda uma escuta dinâmica e empática.<sup>282</sup>

Escute de forma não-julgadora e com solicitude o que a pessoa está sentindo e experimentando (amor a escuta). Confira o que você entende que a pessoa está dizendo para ver se você está no comprimento de onda dela. Faça com que a pessoa experimente seu calor e interesse ficando atento, escutando e respondendo com empatia. Peça que a pessoa lhe fale sobre a crise - quando começou, como se desenvolveu, como ela se sente em relação a crise agora. Comunique que você gostaria de trabalhar junto com ela no sentido de descobrir algo que ela possa fazer para melhorar a situação. Afirme a pessoa que é possível - saliente que você está consciente da força que é necessária para carregar o fardo da crise e para pedir ajuda. Encare a pessoa como alguém que tem condições de enfrentar a crise, bem como de aprender e crescer lidando com ela construtivamente, e comunique à pessoa que você a encara dessa maneira.<sup>283</sup>

A técnica da escuta empática, como proposta inicialmente por Carl Rogers, se aplica tanto às pessoas adultas como às adolescentes. Não há nesse sentido nenhuma barreira para sua aplicação com grupos de jovens ou do ensino confirmatório em comunidades ou instituições ligadas à igreja. Ao contrário, seu uso e empregabilidade são recomendados nos espaços comunitários para o acolhimento

<sup>282</sup> CLINEBELL, 2016, p. 200-202.

<sup>283</sup> CLINEBELL, 2016, p. 200.

e cuidado de pessoas adolescentes, ainda mais em casos de luto e sentimentos relacionados à perda de familiares, colegas e pessoas amigas.

Juntamente ao bom acolhimento e à oferta de espaços de confiança, a escuta empática é uma forma de trabalhar diretamente com as pessoas adolescentes, sem necessariamente depender da interlocução de pais e mães ou outras pessoas responsáveis para dialogar sobre as questões do luto e sentimentos relacionados a perdas, medos e dúvidas de fé. A família pode ser uma aliada nesse trabalho colaborando para sua execução e aportando recursos e logística para a realização dos encontros e atividades, por exemplo, conduzindo a pessoa adolescente até o evento, fazendo parte de equipes para alimentação e segurança. E mesmo refletindo com a pessoa adolescente sobre o trabalho realizado, suas impressões e aprendizado. No entanto, é importante conceder à pessoa adolescente o espaço que ela necessita para compor sua própria forma de entender o seu luto, permitir-lhe as dúvidas e questionamentos num espaço de confiança e que dá apoio também entre pares e pessoas que estão no mesmo período da vida.

Nesse trabalho de aconselhamento pastoral, seja ele individual ou em grupo de apoio, também se lida com o silêncio das pessoas adolescentes. Diante do luto vivido, quem sabe da primeira experiência com a morte de um familiar, muitas vezes as palavras perdem o significado, ainda não há a condição para expressar a dor ou os sentimentos incompreendidos. Nesse caso, o silêncio fala e é preciso respeitá-lo, acolhê-lo, para que a empatia e o profundo cuidado que unem as pessoas no exercício da escuta empática possa vir em auxílio da pessoa atendida.

O trabalho de agentes da pastoral precisa ser dinâmico. Não deve ser apenas passivo no sentido de receber as demandas de pessoas que procuram o serviço do aconselhamento pastoral para falar do luto ou de sentimentos ligados a esta questão. É preciso ir ao encontro das pessoas e encontrá-las, propor-lhes as atividades e oportunizar a elas o apoio nesses momentos com conhecimentos, atividades organizadas e uma boa prática de escuta. Mesmo que a pessoa adolescente em luto não busque o atendimento ou a atividade de grupos na comunidade ou instituição, ela está passando pelo processo do luto, e por vezes não tem o apoio que necessita para seu saudável desenvolvimento.

Uma possibilidade que se mostra útil atualmente é observar postagens no *facebook*, *instagram*, *twitter* ou outra rede social virtual usada por adolescentes da

comunidade ou instituição. Verificar como esta ou aquela pessoa adolescente está reagindo em suas postagens e comentários, pode ajudar a identificar como ela está lidando com o luto, ajudando a pessoa que aconselha pastoralmente a agir de maneira mais apropriada em cada caso.

Com o uso da internet e das redes sociais virtuais, abrem-se novos caminhos para a interação entre agentes da pastoral e as pessoas que necessitam de apoio diante de seus sofrimentos, entre elas pessoas adolescentes enlutadas. Para isso, é importante ter consciência de que as gerações mais novas nasceram e se desenvolvem em um ambiente cada vez mais virtual e conectado. Nesse sentido, Renato Barcelos, autor já citado, comenta a respeito da normatização das novas mídias para as novas gerações que já nasceram inseridas nessa nova realidade.

Os jovens de hoje nasceram e cresceram cercados por diversas tecnologias - internet, blogs, sites de relacionamento, telefones celulares e etc.- que se convencionou chamar de 'nova mídia' e são caracterizadas principalmente pelas amplas possibilidades de troca de informações entre indivíduos e grupos [...] Pode-se dizer que a geração adolescente atual não 'adotou' a nova mídia, mas sim que ela sempre foi parte de suas vidas.<sup>284</sup>

As pessoas adolescentes atualmente estão, cada vez mais, deixando de realizar atividades externas às suas casas, como sair com amigos e amigas, participar em suas comunidades de fé com grupos de jovens ou em celebrações religiosas, para ficar em seus quartos com seus dispositivos conectados à internet, interagindo com outras pessoas virtualmente, em jogos *on-line* ou comunidades virtuais pelas telas dos computadores ou *smartphones*. Thayse de Oliveira Silva e Lebiã Tamar Gomes Silva, nesse sentido, concluem:

Portanto, atualmente, mais uma vez, a tecnologia está modificando o convívio familiar e social e sendo incluída como um fator indispensável, participando de qualquer situação ou contexto em que as pessoas estejam. O mundo virtual vai progredindo e confundindo seus limites com o mundo real. As tecnologias digitais vão transformando os comportamentos e hábitos sociais de todos os que as usam, sobretudo, os adolescentes.<sup>285</sup>

Também no que se refere ao luto vivenciado por pessoas adolescentes, as redes sociais são espaço para desabafo. Visitar perfis em redes sociais da internet e

<sup>284</sup> BARCELOS, 2010, p.11.

<sup>285</sup> SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n.103, p.87-97, 2017. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 24 out. 2022. p. 91

páginas virtuais em sites de pessoas falecidas, deixando recados e comentários, interagindo com publicações de outras pessoas, são atitudes observadas nesse meio que claramente demonstram um novo ambiente para atender as demandas do luto em nossa sociedade contemporânea. Alice Peruzzo *et al.*, fonte já citada, comenta a respeito dos sentimentos compartilhados por adolescentes na internet.

Primeiramente, observou-se a relevância que as redes virtuais vêm adquirindo nos processos de luto, especialmente no que se refere à consecução de espaços de expressão das circunstâncias em que este se efetiva. Além de deixar recados para pessoas que já faleceram, conversar e partilhar com outros internautas recordações de momentos vividos na companhia da pessoa que morreu, os jovens expressam claramente os sentimentos que a referida perda tem causado em suas vidas.<sup>286</sup>

A partir disso, por um lado, constata-se que o ambiente virtual possibilita a comunicação, a fala, a escuta e o diálogo sobre questões do luto. No entanto, a internet, por outro lado, ao mesmo tempo em que aproxima as pessoas, também, de forma ambígua, distancia as pessoas do diálogo e da interação presencial, afastando as pessoas adolescentes da troca de falas sobre o luto com familiares e agentes da pastoral que poderiam ter uma melhor maneira de abordar o tema do luto. Nos ambientes virtuais, na maioria das vezes, “[...] o luto também acaba sendo tratado na perspectiva da cultura da urgência.”<sup>287</sup> Na internet, onde repercute a “fluidez” da sociedade contemporânea, faz com que “[...] o processo necessário para a elaboração das perdas não aconteça de modo a favorecer a construção de novos projetos que engendram qualidade de vida.”<sup>288</sup> Dessa forma, deixa as pessoas adolescentes sem saber onde encontrar o suporte necessário para seus dilemas e dúvidas a respeito do luto. Diante desse quadro contemporâneo que se apresenta com os avanços das novas mídias, é indispensável que trabalhos de aconselhamento pastoral também aconteçam através desses meios e dispositivos tecnológicos. “Em suma, a expressão virtual da perda é mais uma das possibilidades que os avanços da tecnologia da comunicação oferecem.”<sup>289</sup>

Pode-se pensar, em termos práticos, que agentes da pastoral possam disponibilizar às pessoas da comunidade ou da instituição, com especial atenção às

<sup>286</sup> PERUZZO, Alice Schwanke *et al.* A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.7, n.3, dez. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300008)> Acesso em: 24 out. 2022. p. 96.

<sup>287</sup> PERUZZO, 2007, p. 98.

<sup>288</sup> PERUZZO, 2007, p. 98.

<sup>289</sup> PERUZZO, 2007, p. 99.

pessoas adolescentes enlutadas, atendimentos telefônicos ou por videochamada. Essa escuta pode ser individual, mas, se for o caso, também como atendimento familiar. Dessa forma, barreiras como a distância física ou escassez de tempo podem ser vencidas e possibilitar o apoio às pessoas que estão vivendo o luto. Também pode ser uma forma de aproximar as pessoas adolescentes enlutadas das atividades presenciais que a comunidade ou a instituição proporciona nesse sentido.

Outra forma de tratar questões ligadas ao luto é que agentes da pastoral, quem sabe até de maneira colaborativa com outras comunidades e instituições, elaborem conteúdos para as redes sociais, como vídeos, videoclipes musicais, animações, *lives*, artigos. Esse material pode ser disponibilizado para as pessoas por diferentes canais da internet e compartilhado pelas próprias pessoas interessadas. Indicações no material de caminhos para o atendimento *on-line* ou presencial podem ser importantes orientações para quem está vivendo a dor do luto e precisa de ajuda para superá-lo.

#### **4.4.3 Importância de redes de apoio para adolescentes em luto**

No tocante ao trabalho de agentes da pastoral com adolescentes em luto com a finalidade de promover acolhimento e acompanhamento pastoral que visem uma melhor condição para o processamento do luto e a superação de possíveis dificuldades a ele relacionadas, se observa como de vital importância a criação e a manutenção de redes de apoio para pessoas adolescentes que enfrentam o luto pela perda de um familiar, colega, amigo, amiga, ou alguma pessoa de referência.

Essas redes de apoio, formadas por pessoas que fazem parte do convívio, profissionais, ministros e ministras, líderes comunitários, consistem num suporte de segurança para que a pessoa adolescente possa experimentar o luto e os sentimentos a ele relacionados sabendo que está segura e que há um grupo de pessoas que lhe ajudará a sobreviver e a passar por esse momento difícil. Como uma imagem alegórica para as redes de apoio se pode imaginar as redes de segurança colocadas logo abaixo de artistas trapezistas em suas apresentações circenses. Essas redes de segurança, em caso de uma queda, evitarão que a pessoa se machuque ao cair no chão. De forma semelhante, essas redes de apoio

no luto serão importante ajuda para que as pessoas adolescentes se sintam amparadas e protegidas.

Para cumprirem o seu papel, as redes de apoio a pessoas adolescentes em luto poderão agir em dois sentidos: a) indo ao encontro das pessoas adolescentes através da visitação; b) vindo a oferecer o acolhimento para as pessoas adolescentes através de grupos de convivência.

#### **4.4.3.1 Visitação para adolescentes em luto**

É preciso dizer que, independentemente da idade ou da situação de sofrimento, a visitação pastoral ou comunitária é importante e ao mesmo tempo desafiadora. Carina Schmidt comenta que “[...] visitar significa ter interesse em ver alguém, e quando isso acontece em âmbito de comunidade, visitar então nada mais é do que revelar a graça de Deus.”<sup>290</sup> A autora procura responder a respeito da visitação da seguinte forma:

Por que visitamos? Esta é uma pergunta inquietante em contexto de comunidade e, sem sombra de dúvidas, questionamentos pontuais e necessários para o desenvolvimento de um ministério da visitação em contexto luterano. A visitação é o grande marco na edificação de comunidades ativas e participativas. Não se faz uma comunidade ativa e participativa sem a dimensão do cuidado e da prática da visitação. Visitar é um reflexo de fortalecimento, apoio e a possibilidade de estar em constante comunhão na vida em comunidade. Quando refletimos a importância de sair de casa e ir ao encontro de pessoas, não somente estamos vivendo a nossa fé de uma forma concreta, mas trata-se de um despertar das nossas comunidades para ação missionária de toda pessoa batizada.<sup>291</sup>

No entanto, na contemporaneidade, vive-se um tempo de grandes desafios no que se refere à visitação, principalmente em se tratando de pessoas adolescentes que enfrentam o luto pela perda de um familiar ou um ente querido. Basílio Domingos comenta que, “[...] dependendo do vínculo estabelecido com a pessoa falecida e da personalidade do enlutado, o mundo deste pode ruir, daí o pavor, a desorientação, o choque e o desespero.”<sup>292</sup> O que permite entender que, para as pessoas adolescentes, o falecimento de um parente de primeiro grau ou de pessoas próximas significa um profundo abalo e um momento de crise dolorosa. Em

<sup>290</sup> SCHMIDT, Carina Inês. **Ministério da visitação comunitária**: desafios e estímulos. Trabalho Final de Mestrado Profissional, Faculdades EST. São Leopoldo, 2019. p.11.

<sup>291</sup> SCHMIDT, 2019, p. 12.

<sup>292</sup> DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. São Paulo, 2003. p. 586.



virtude disso, torna-se ainda mais urgente e necessária a visita e consolo às pessoas adolescentes.

Adolescentes que sofrem perdas de pessoas próximas da família ou de colegas sentem e vivenciam intensamente o luto. Para Mateus Tasso, autor já citado, a pessoa adolescente tende a esconder seus sentimentos. “O jovem tende a ser diferente da criança, quer demonstrar firmeza, mais dureza, mesmo ao se deparar com a perda de alguém. Tem a tendência de chorar suas mágoas sozinho, evitando deixar transparecer sua fraqueza e impotência.”<sup>293</sup> Podem também, na tentativa de esconder seus sentimentos, expressar indiferença pelo ocorrido ou tentar desviar a atenção para outras atividades. Mas cada adolescente, dependendo de suas características e histórico de vida, pode reagir diferente.

Nessa situação, a visita e o aconselhamento pastoral são fundamentais. O encontro irá possibilitar a fala, desarmar os sentimentos negativos e encorajar a partilha das aflições. A pessoa adolescente sentirá que não está sozinha e que pode contar com a ajuda de pessoas amigas para tentar suportar e superar essa dor.

Neste sentido, a grande tarefa da comunidade cristã que visita é estar ao lado dos enlutados e enlutadas, é de auxiliar na aceitação da dura realidade da perda. Para que isso possa acontecer de uma forma sadia, a dor precisa ter espaço para se manifestar. O luto que é acompanhado através de visitas, encontra um ambiente de clareza e entendimento no que diz respeito ao manifestar-se livremente e este ato pode trazer paz interior e possibilidade de um recomeço. Por outro lado, muitos estudos e autores afirmam que a dor do luto retraído pode ser a causa de doenças, transtornos e depressão.<sup>294</sup>

A internet tem tomado cada vez mais espaço na vida das pessoas na contemporaneidade. Além de informação e conhecimentos, a rede mundial de computadores tem oportunizado compartilhar histórias de vida e as opiniões das pessoas a respeito de qualquer assunto, inclusive sobre situações e sentimentos de luto. Bousso lembra que “[...] as redes sociais têm se mostrado como um espaço no qual o enlutado pode dar voz a seu sofrimento.”<sup>295</sup> Adolescentes também fazem uso desta ferramenta e muitas vezes manifestam a sua dor e o seu luto nos meios virtuais, através de redes sociais como *facebook*, *instagram*, *twitter*, entre outros. Esse desabafo nem sempre é compreendido ou visualizado pela família, muito

---

<sup>293</sup> TASSO, 2004, p. 15.

<sup>294</sup> SCHMIDT, 2019, p. 38.

<sup>295</sup> BOUSSO, 2014, p. 1.

menos pelo ministro ou ministra da comunidade. Nesse sentido, quem se propõe a visitar adolescentes enlutados pode estar atento aos *posts* que a pessoa faz nas redes sociais e inclusive interagir com ela nesse ambiente. Conciliar a presença física e a presença virtual talvez signifique um diferencial no acompanhamento.

Quando o processo do luto se torna complicado, a pessoa adolescente pode manifestar vários comportamentos agressivos, inclusive violentos, com as pessoas à sua volta. Isso também pode acontecer como automutilação, comportamento de risco, abuso de álcool ou drogas e, por vezes, conduzir à delinquência. Rubens Rosa, autor já citado, argumenta que pessoas adolescentes que não superam adequadamente o luto podem ter comportamentos autodestrutivos e compulsivos.

Esses traumas, neuroses e perturbações emocionais podem aflorar na fase adulta sob as mais diversas formas de desajuste social. O resultado serão adultos insatisfeitos, melancólicos, cínicos, viciados, desequilibrados emocionalmente e com tantos outros problemas que serão carregados pelo resto da vida.<sup>296</sup>

Visitar adolescentes em situação de luto requer, além de boa vontade e disponibilidade, também conhecimento e preparo emocional para lidar com os sentimentos presentes nesses momentos. Schmidt cita alguns exemplos de sentimentos presentes normalmente no luto: “a tristeza, raiva, culpa, ansiedade, fadiga, solidão, preocupação, distúrbios de sono, falta de apetite, isolamento fazem parte de um luto que se pode considerar um luto sadio.”<sup>297</sup> No entanto, a pessoa visitadora ou a equipe de visitação podem se deparar com um luto complicado. Nesse caso, “[...] as pessoas que visitam, devem ficar muito atentas e perceber quando a pessoa enlutada est a passando por um luto cr nico ou doentio.”<sup>298</sup> Nesses casos, ou quando houver d vida, o melhor a fazer   pedir a ajuda de alguém mais capacitado, inclusive apoio de profissionais da área psicológica e psiquiátrica.

Mesmo que, nos tempos atuais, existam dificuldades para a visita o de pessoas adolescentes em luto, esse trabalho pode potencialmente gerar frutos importantes e desencadear novos envolvimento para a pessoa adolescente visitada em sua comunidade de fé, sendo um convite para outras atividades onde terá novas oportunidades de cuidado e apoio.

---

<sup>296</sup> ROSA, 1995, p. 18.

<sup>297</sup> SCHMIDT, 2019, p. 38.

<sup>298</sup> SCHMIDT, 2019, p. 38.

#### **4.4.3.2 Grupos de convivência para adolescentes em luto**

Pessoas adolescentes buscam, de maneira intuitiva, viver suas experiências de maneira coletiva e grupal. O grupo desempenha uma parte importante em seu desenvolvimento social. Sua interação social com pessoas que vivem as mesmas experiências e situações, ou que estão no mesmo período da vida, lhes transmite segurança e apoio para superar dificuldades e limitações. A companhia de outras pessoas adolescentes nos vários momentos da vida juvenil lhes traz motivação para enfrentar desafios e participar de novas atividades. Isso também acontece no âmbito da comunidade ou da instituição que as pessoas adolescentes frequentam. Hoch, a respeito do envolvimento da pessoa adolescente na comunidade e no grupo, comenta:

Sob o ponto de vista psicológico, o grupo dá ao jovem segurança; sob a visão teológica, poderíamos dizer que o grupo dá ao jovem o sentido. É o outro que irrompe nele como uma dimensão de sua felicidade. A volta ao sagrado anseia pela comunidade e pelo grupo. Por isso é raro encontrarmos um jovem isolado.<sup>299</sup>

Nesse sentido, grupos de jovens, na forma de grupos de convivência, são espaços de acolhimento e partilha de experiências e reflexões. A vivência do luto e a troca de ideias sobre temas relacionados à vida, morte, luto, ressurreição, vida eterna, entre outros, podem ser trabalhados de maneira coletiva, onde a mútua ajuda e apoio do grupo cumpre um importante papel.

Os recursos religiosos, que podem estar presentes também no trabalho com grupos de convivência, têm uma função maior e mais profunda que o acolhimento e o conforto diante do luto. Segundo Clinebell, os recursos religiosos ajudam as pessoas nas reflexões existenciais importantes para o seu desenvolvimento.

A morte de outra pessoa nos confronta com a nossa própria mortalidade. A ansiedade existencial (de não ser) somente pode ser tratada construtivamente dentro do contexto de uma fé vital. Os símbolos e as afirmações de nossa tradição religiosa podem tocar estratos muito profundos da psique, renovando gradualmente os sentimentos de confiança básica os quais exclusivamente podem capacitar pessoas a lidar criativamente com a ansiedade existencial.<sup>300</sup>

---

<sup>299</sup> HOCH, 2008, p.157.

<sup>300</sup> CLINEBELL, 2016, p. 217.

Por isso a importância de um espaço de acolhimento com essas características. Nesse sentido, momentos de convivência podem ser espaços que agregam adolescentes da comunidade ou da instituição em pequenos grupos, de seis a doze pessoas, que se encontram para uma programação pré-definida, sob a coordenação de uma pessoa agente da pastoral, para compartilhar um espaço de espiritualidade, partilha de experiências e ideias sobre temas relacionados ao luto. Os trabalhos podem ter uma sequência de continuidade ou direcionarem para outros grupos e eventos da comunidade, como ensino confirmatório, grupos de jovens, grupos de enlutados, grupos de visitação, cultos, etc. Hoch argumenta que muitas pessoas universitárias são receptivas e até esperam por atendimento religioso.

Segundo dados de uma pesquisa brasileira, os universitários relacionam vivência da fé com a participação ativa na vida de alguma comunidade e afirmam a esperança e a expectativa de que exista um atendimento religioso no ambiente universitário.<sup>301</sup>

Pode-se pensar, a partir do que o autor expôs, que provavelmente também adolescentes nos anos mais avançados do ensino fundamental e também do ensino médio tenham igualmente interesse em fazer parte de grupos e atividades semelhantes a grupos de convivência que possibilitem o atendimento religioso e partilha de experiência entre as pessoas participantes.

Nesse sentido, grupos de convivência para adolescentes em luto podem ser pensados principalmente para as atividades de pastorais escolares em escolas e faculdades confessionais em que exista o trabalho pastoral. Seria este um espaço que proporciona acolhimento e apoio para pessoas adolescentes que estão passando pelas fases do luto. Pois o luto também se vive na escola, muitas vezes o ambiente escolar se depara com a morte de algum familiar de estudantes, ou mesmo de professores e professoras, em outros casos até de colegas da escola. Mesmo que a escola dê um suporte no momento inicial e mais crítico do luto, e disponibilize o atendimento de profissionais da psicologia para apoio das pessoas enlutadas, os grupos de convivência para adolescentes em luto poderiam oportunizar um trabalho a longo prazo que acompanhasse paulatinamente as pessoas adolescentes no processamento e desenvolvimento do luto.

---

<sup>301</sup> HOCH, 2008, p.157.

## 5 CONCLUSÃO

Na conclusão desta dissertação se constata a importância do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade. Em resposta à pergunta central do projeto de pesquisa que deu origem a esse apanhado, percebe-se que agentes de pastorais ou outras pessoas que atuam com este público podem realizar de maneira mais eficaz o seu trabalho quando têm conhecimento sobre as mudanças físicas e mentais pelas quais passam, em sua maioria, as pessoas adolescentes. Entender e respeitar as particularidades desta etapa da vida, situando a pessoa adolescente também no contexto e época em que está vivendo, possibilitará um exercício do aconselhamento pastoral com melhor acolhimento e comunicação com a pessoa adolescente enlutada. Isso vale para questões relacionadas ao luto, mas certamente também se aplicará a outras esferas da vida das pessoas adolescentes.

A pesquisa verificou que vivenciar o luto pela morte de um familiar ou pessoa próxima é algo muito impactante, por vezes inédito, na vida de uma pessoa adolescente. A repercussão desse evento na vida da pessoa adolescente será marcante e certamente fará com que ela desenvolva sua forma de lidar com outros lutos e perdas posteriores. Por isso se constata que o aconselhamento pastoral é recomendado nos casos de luto, pois será uma ajuda na vivência do luto por parte de adolescentes, possibilitando o falar a respeito da perda e a expressão dos sentimentos e emoções relacionados ao luto. Às pessoas agentes da pastoral caberá o acolhimento sem julgamentos desses sentimentos em uma escuta empática e em um espaço de confiança, bem como, se possível, a participação e o auxílio da comunidade de fé, de pessoas parceiras, de colegas adolescentes que se tornarão redes de apoio para as pessoas adolescentes enlutadas.

Na pesquisa as hipóteses elencadas inicialmente no projeto se revelaram corretas, contribuindo para a elucidação do tema. Mas também puderam ser ampliadas e aprofundadas permitindo novas visões sobre os tópicos em questão. Pode-se, portanto, afirmar que pessoas adolescentes na contemporaneidade, em meio à sociedade pós-moderna, recebem influência no campo dos relacionamentos

presenciais e *online*, nas áreas da identidade e da espiritualidade nos ritos de passagem. Por isso, adolescentes que enfrentam o luto pela perda de uma pessoa próxima necessitam também do apoio de agentes de pastoral na comunidade de fé, que pode ser na igreja local, na escola ou em outra instituição de permanência. É correto também dizer que o aconselhamento pastoral é uma atividade importante para acompanhar pessoas adolescentes em luto na contemporaneidade. Nesse sentido, algumas técnicas de acolhimento e comunicação, como a escuta empática, visitação e grupos de convivência podem ser utilizadas e adaptadas para que possam interagir melhor com as pessoas adolescentes enlutadas, melhorando assim a eficácia do trabalho de agentes da pastoral com os públicos adolescentes. Comprova-se também que é valiosa a contribuição do trabalho de ministros ordenados, ministras ordenadas e outras lideranças comunitárias que têm a função de agentes de pastoral no aconselhamento pastoral, quer seja em uma comunidade religiosa ou instituição de ensino. Essa tarefa do aconselhamento pastoral individual ou em grupo é uma contribuição importante para a formação humana e cristã, ajudando especialmente na superação das dificuldades e sofrimentos enfrentados pelas pessoas adolescentes enlutadas nos campos relacionais, emocionais e espirituais.

A pesquisa realizada no primeiro capítulo permite concluir que a adolescência é identificada como uma fase de crescimento, desenvolvimento e transformação em muitos sentidos na vida das pessoas. É uma fase carregada de expectativas, ansiedade e idealizações. Mas também pode acontecer o preconceito e o descaso por parte das pessoas adultas que consideram a adolescência uma “aborrescência”, sem dar a devida atenção e apoio para as pessoas nesta fase da vida. As redes sociais têm se tornado cada vez mais um espaço ocupado por adolescentes para interagir e exercer relacionamentos. Nesse meio virtual, a pessoa adolescente encontra elementos que compõem sua identidade no “mundo virtual” e também na sociedade em que está presente fisicamente. A adolescência atual, em maior ou menor grau, tem contato com a internet e, através dela, observa o mundo e o seleciona segundo seus interesses. O uso em excesso pode levar à dependência da internet. Nem sempre as pessoas adultas da família ou cuidadoras acompanham as pessoas adolescentes nesses espaços, deixando-as sozinhas para lidar com os problemas encontrados nesses ambientes virtuais ou com as consequências desses

relacionamentos pela internet. Na atualidade, surgem novas formas de fazer a passagem do infantil, novos ritos de passagem seculares, como o acesso e a utilização da tecnologia, são vividos e celebrados como uma nova etapa da vida rumo à adulez e participação no mundo das pessoas adultas. Caberia nesse ponto a realização de novas pesquisas nas áreas da espiritualidade e religiosidade, investigando-se em que medida esses novos rituais tecnológicos de passagem a que estão sujeitas as pessoas adolescentes na sociedade contemporânea substituem ou complementam os ritos de passagens tradicionais e suas consequências para a vida em comunidade e espiritualidade das pessoas.

No segundo capítulo, a pesquisa oportuniza um olhar mais específico a respeito da vivência do luto na adolescência, levando-se em consideração também a recente pandemia de coronavírus. Em geral, pelo que se observa na bibliografia pesquisada, as pessoas adolescentes experimentam intensamente o luto. Isso com um agravante preocupante pelo fato de, em muitos casos, não exteriorizar através da fala os seus sentimentos. Autores e autoras pesquisados concordam que as pessoas adolescentes não se sentem à vontade para falar abertamente do luto que vivenciam. Conclui-se que, de fato, para muitas pessoas adolescentes, o luto é uma experiência solitária e desoladora. Surge aqui um desafio e uma oportunidade para o aconselhamento pastoral ser um espaço de acolhimento e confiança para o diálogo e a manifestação do luto buscando sua assimilação e superação. Outro fato relevante observado na pesquisa foi a grande presença de adolescentes nas redes sociais e comunidades virtuais da internet. Nesses espaços, às vezes de maneira exclusiva, adolescentes compartilham e vivenciam o luto, seja através de uma imagem colocada no perfil ou em depoimentos e comentários a respeito do luto e da pessoa falecida. Constata-se que no mundo virtual há tanto a possibilidade de apoio emocional quanto o risco de deboche, críticas e julgamentos, uma vez que a pessoa adolescente enlutada está sujeita a qualquer tipo de manifestação. Diante disso se coloca a necessidade de novas pesquisas que tratem com mais profundidade das questões do luto virtual, especialmente o que é vivido por adolescentes e o papel de agentes de pastoral junto às novas tecnologias da informação e comunicação - NTICs. Outra possibilidade de pesquisa que se apresenta neste tópico após esta investigação inicial é a construção de atividades em aconselhamento pastoral com

adolescentes que contemplem tanto o modo de participação presencial quanto o modo de participação *online* visando a complementaridade dos dois formatos.

No terceiro e último capítulo, a pesquisa sobre o aconselhamento pastoral com adolescentes em luto possibilita apontar que as definições apresentadas por Clinebell e Schneider-Harpprecht continuam atuais e relevantes. Nesse sentido, pode-se entender o trabalho do aconselhamento pastoral como parte da atividade poimênica de toda comunidade. As pessoas agentes de pastoral têm, segundo a pesquisa, as tarefas de acompanhar as pessoas individualmente, nos grupos de apoio e nas redes sociais em todos os tipos de sofrimento e dificuldades, também por questões emocionais como no luto. Por isso estar ao lado de adolescentes que vivenciam o luto é um ofício importante e necessário da atuação pastoral seja na comunidade ou instituições ligadas à igreja. A escuta empática, a visitação e o acolhimento nos grupos de apoio são formas para a realização do trabalho de aconselhamento pastoral. Sem dúvida essa temática do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto oportuniza um campo vasto para novas pesquisas e aprofundamento. Em especial as novas tecnologias que estão à disposição do aconselhamento pastoral na atualidade carecem de mais observação e investigação. Pois nas redes sociais da internet, através de seus dispositivos móveis e aplicativos, as pessoas enlutadas expressam cada vez mais o seu luto, ao que parece, em busca de consolo e conforto. Um olhar atento e uma escuta empática, nesse sentido, podem ajudar agentes da pastoral a realizarem e manterem o contato com as pessoas enlutadas e suas famílias.

Toda a pesquisa e todas as informações colhidas foram muito importantes para embasamento da parte final da dissertação, que tratou sobre o aconselhamento pastoral com pessoas adolescentes enlutadas. Este levantamento de definições e conceitos sobre adolescência, luto e aconselhamento pastoral nos dias atuais permitem uma visão mais ampla sobre os aspectos relevantes no tocante ao luto vivido por parte das pessoas adolescentes. A partir destas constatações, se torna possível, em novas oportunidades, propor atividades mais adequadas para a aplicação do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto. A pesquisa possibilita perceber, por exemplo, que nas comunidades e instituições de ensino ou acolhimento ligados às igrejas, principalmente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB, existem espaços de acolhimento para adolescentes que



são também espaços de confiança, onde a pessoa adolescente pode falar e ouvir livremente sobre assuntos que lhes são relevantes e importantes nesse momento da vida. Em outro sentido, a pesquisa revelou uma carência de materiais didáticos que subsidiem as atividades pastorais como os cultos comunitários, o ensino confirmatório e os grupos de jovens para que se tornem também oportunidades para se tratar as questões do luto e dar espaço para manifestação e partilha de sentimentos. Não foram encontradas bibliografias suficientes e satisfatórias para o aprofundamento da pesquisa nesse ponto. Pode-se propor, nesse sentido, que sejam pensados e preparados cultos especiais para recordar os entes falecidos. Cultos em memória já acontecem na rotina celebrativa das comunidades de fé, mas podem ser melhor organizados para que sejam mais frequentes e relevantes para as pessoas enlutadas, principalmente as pessoas adolescentes enlutadas. Nesse mesmo viés, produzir estudos que possam ser usados nos encontros do ensino confirmatório e nas atividades dos grupos de jovens para dialogar sobre o tema do luto, desmistificando esse assunto e trazendo à tona os questionamentos das pessoas adolescentes, pode criar um ambiente de acolhimento e confiança para que a pessoa adolescente se sinta confortável para expor seus sentimentos e opiniões a respeito da morte e do luto.

A pesquisa também demonstra que no aconselhamento pastoral com adolescentes em luto tem especial relevância a aplicação de uma escuta empática, sem julgamentos e que empodere a pessoa adolescente a expor seus sentimentos em um ambiente de apoio e confiança. Um espaço onde a pessoa adolescente se sinta ouvida inclusive no seu silêncio, onde ela possa também ouvir do exemplo e do sentimento de outras pessoas adolescentes que vivenciaram experiências de perda semelhantes. No entanto, espaços para grupos de apoio especificamente para dialogar sobre luto são raros tanto no contexto comunitário quanto nas escolas. O que possibilita enxergar a demanda de novas pesquisas e trabalhos que visem a formação de agentes de pastoral para atender essas demandas de aconselhamento pastoral. Nesse caso, o uso da internet pode ser um grande aliado para o contato e a conexão de agentes da pastoral com a atual geração de adolescentes que faz uso das redes sociais em suas atividades diárias.

Constata-se na pesquisa a importância e a necessidade de implementar grupos de apoio para realização do trabalho do aconselhamento pastoral com

adolescentes em luto. O aconselhamento pastoral pode ser proposto em dois sentidos, indo ao encontro com a visitação e vindo com a participação em um grupo de convivência. Visitar pessoas adolescentes enlutadas pode significar uma ajuda importante na vivência do luto. Nesse sentido, agentes de pastoral, especialmente outras pessoas adolescentes, podem se organizar e se capacitar para esse trabalho. Esse trabalho pode ser uma “porta de entrada” para outras atividades da comunidade de fé, por exemplo, as celebrações e as atividades de grupos de jovens. Ao mesmo tempo que se vai ao encontro e se busca pelas pessoas adolescentes enlutadas, também é imperativo promover um espaço de acolhida na própria comunidade. Verificou-se que para as questões do luto vivido por parte de adolescentes é importante que o grupo seja pequeno e formado majoritariamente por outras pessoas com idades próximas, adolescentes que tenham passado por experiências semelhantes de luto. Isso dará a oportunidade de identificação, apoio e consolo necessários para a expressão do luto por parte das pessoas adolescentes.

Ao finalizar o processo da pesquisa a respeito do tema desta dissertação de mestrado, considera-se alcançado o objetivo de investigar a respeito do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade. Com o desenvolvimento dos três capítulos desta dissertação foi respondida a pergunta central do projeto de pesquisa que foi proposta no início da caminhada e as três hipóteses levantadas se revelaram verdadeiras, servindo de base para novas pesquisas e produção de novos materiais para o aconselhamento pastoral. Concluiu-se esse trabalho de pesquisa tendo consciência que os assuntos a respeito do aconselhamento pastoral com adolescentes em luto na contemporaneidade são bastante amplos e guardam também inúmeras particularidades que ainda carecem de aprofundamento e estudo. Particularmente, foi extremamente enriquecedor para mim no trabalho pastoral me apropriar dos conhecimentos referentes a estes temas. Espero, humildemente, que o resultado desta pesquisa possa contribuir, de alguma forma, para uma melhor compreensão do processo do luto vivido por adolescentes, bem como servir para agentes da pastoral, profissionais do âmbito das escolas e lideranças comunitárias que queiram ou necessitem interagir com essas questões em seus trabalhos.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. **Adolescência**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 246 p.
- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal um enfoque psicanalítico**. Trad. Suzana Maria Garagoray Balive. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ABREU, Cristiano Nabuco de. **Psicologia do cotidiano**: como vivemos, pensamos e nos relacionamos hoje. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- ADOLESCÊNCIA. *In: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis Online*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/adolesc%C3%Aancia/>. Acesso em: 1 mai. 2021.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- BALABAN, Alessandra. **Da trama familiar à escuta do sujeito na clínica psicanalítica da adolescência**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/15866>. Acesso em 1 mai. 2021.
- BARCELOS, Renato Hübner. **Nova Mídia, Socialização e Adolescência**: Um estudo exploratório sobre o consumo de novas tecnologias de comunicação pelos jovens. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24512>> Acesso em: 24 out. 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BESSA, Daniela Borja. Aconselhamento Pastoral: desafios para a Igreja local. **Via Teológica**. v. 14, n. 28, p. 62-74, dez. 2013.
- BIBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BISPO, Luciana Santos. **Adolescência contemporânea e a busca pelo sentido da vida: contribuições a partir de um contexto escolar**. 2020. 326 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020. Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1033/1/Bispo\\_ls\\_td214.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1033/1/Bispo_ls_td214.pdf). Acesso em: 1 mai. 2021.
- BOBSIN, Oneide. O subterrâneo religioso da vida eclesial: intuições a partir das ciências da religião. **Estudos Teológicos**, vol. 37, n. 3, p.261-280, 1997. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/801/732](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/801/732) . Acesso em 01 mai. 2021.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 11, n. 1, p. 63-67, 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572007000100007&script=sci\\_abstract&lng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572007000100007&script=sci_abstract&lng=es). Acesso em: 1 mai. 2021.

BOUSSO, Regina Szylit. *et al.* Uma nova forma de luto: os efeitos da revolução tecnológica. **ComCiência**, n. 163, 2014. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542014000900008&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 out. 2022.

BOUSSO, Regina Szylit. *et al.* A prática do luto interativo no Facebook. **Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade**, Salvador, v. 1, p. 1-16, 2012.

BOWBLY, John. **Apego e perda: tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BOWKER, John. **Para entender as religiões**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL, Governo Federal. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: Lei no 8.069 de 13 de junho de 1990. Brasília: 2019. 227 p. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2021.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Normas de atenção à Saúde Integral do adolescente**. Brasília, 1993. 47 p. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_11.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_11.pdf). Acesso em: 8 fev. 2021.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

CLINEBELL, Howard J. **Aconselhamento Pastoral**, Modelo centrado em libertação e crescimento. 6. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

CONTI, Jetânia Maria D. de. **A dor da perda de um filho**: proposições práticas de conversações terapêuticas. Dissertação (Mestrado). Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2012.

COSTA, Luiza Cesar Riani *et al.* Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Wc9nGvBDGcPyrRkpQgkJvKq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 18 nov 2022.

CREPALDI, Maria Aparecida *et al.* Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?format=html>. Acesso em 18 nov 2022.

CRESTANI, Alfredo. **Adolescência**: tentando compreender o que é difícil entender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

DANZMANN, Pâmela Schultz *et al.* Implicações da morte e luto na saúde mental do sujeito frente à pandemia. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 15, n. 55, p. 33-51, 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3016/4841> Acesso em 18 nov. 2022.

DAUNIS, Roberto. **Jovens: Desenvolvimento e identidade** - Troca de perspectivas na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

DE SOUZA, Ana Clara Aparecida Alves; SCHMIDLIN, Iraci de Oliveira Moraes. **O jovem e a cultura digital**: um estudo de caso na disciplina de Cibercultura do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. *In*: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste 12. Campina Grande, PB: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 10 a 12 jun. 2010. p. 1-11. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0908-3.pdf>. Acesso em 1 mai. 2021.

DIAS, Vanina Costa. *et al.* Adolescentes na Rede: Riscos ou Ritos de Passagem? **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. 1-15, 2019. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100109&script=sci\\_arttext&tIng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932019000100109&script=sci_arttext&tIng=pt). Acesso em: 1 mai. 2021.

DOLTO, Françoise. **A Causa dos adolescentes**. Trad. Orlando dos Reis. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

DOMINGOS, Basílio; MALUF, Maria Regina. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. São Paulo, 2003. p. 577-589.

DICK, Hilário H.; ROCCA, Susana M. A volta ao sagrado e a espiritualidade juvenil. *In*: HOCH, Lothar Carlos; HEIMAN, Thomas (org.). **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

EMPATIA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Empatia&oldid=63624029>. Acesso em: 24 out. 2022.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1976.

FABER, Heije; SCHOOT, Ebel Van Der. **A prática da Conversação Pastoral**. Trad. Sílvio Schneider. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985. (Teologia Prática - Estudos Pastorais 4).

FARIA, Ernesto (org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

FREITAS, Paula Lemos; MARBACK, Roberta Ferrari. Identidade na adolescência: Compreendendo a sua formação e repercussões. **Seminário Estudantil de Produção Acadêmica**, v. 16, p. 235-245, 2018. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/sepa/article/view/4862/3303>. Acesso em: 1 mai. 2021.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. 11. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GADAGNOTO, Thaianne Cristine et al. Repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 em adolescentes: desafios à saúde pública. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 56, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/MHXNTrCLNTmSLpg5TdcrGqM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 18 nov 2022.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. (Enfoques Sociologia).

GUARNIERI, Maria Cristina M. **Do fim ao começo**: Falando sobre perdas, luto e morte. São Paulo: Paulinas, 2003.

GURGEL, Wildoberto B. *et al.* Luto virtual: o processo de elaboração do luto no ciberespaço. **Cadernos de pesquisa**, v. 18, n. 1, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOCH, Lothar. Acompanhamento pastoral a moribundos e enlutados. *In*: MOLZ, Cláudio; WEHRMANN, Guenter F. K. (Coord.). **Proclamar Libertação**: Ofícios – Suplemento 2. São Leopoldo: Sinodal 1988. p. 75-77.

HOCH, Lothar C. “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento”: desafios pastorais no trabalho com enlutados. *In*: HOCH, L. C.; HEIMANN, Thomas (org.). **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**: Anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 59-74.

HOCH, Lothar Carlos; HEIMAN, Thomas (Orgs). **Aconselhamento Pastoral e Espiritualidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. *In*: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

KNOBEL, Maurício. **A Síndrome da adolescência normal**. *In*: ABERASTURY, A; KNOBEL, M. Adolescência normal um enfoque psicanalítico. Trad. Suzana Maria Garagoray Balive. Porto Alegre: Artemed, 1981.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LÉON, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 6-18.

LIRIO, Luciano de Carvalho. **Adolescentes evangélicos do século XXI**. 3.ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2019. (Teses e Dissertações, 41).

MEDEIROS, Alberto Antunes; CALAZANS, Roberto. Aproximações entre luto e adolescência. **Revista da SPAGESP**. v.19, n. 1, p. 129-141, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 Covid-19**. 2ed, Brasília, 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19>>. Acesso em 18 nov 2022.

MORAES, Luciene Aparecida Souza Silva. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **TransFormações em Psicologia (Online)**, v. 2, n. 1, 2009. p. 86-98. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-106X2009000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000100006). Acesso em: 1 mai. 2021.

OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**: estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAULA, Blanches de. **Pedaços de nós**: luto, aconselhamento pastoral e esperança. São Paulo: ASTE, Editeo, 2011.

PEREIRA, Celso Venter. **Os lutos real e simbólicos em tempos de pandemia da Covid-19 sob o olhar da psicanálise**. 2021. TCC - Curso de Psicologia da Universidade de Santo Amaro - UNISA, São Paulo. Disponível em: <<http://dspace.unisa.br/handle/123456789/635>> Acesso em 18 nov 2022.

PERUZZO, Alice Schwanke *et al.* A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da internet. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 3, dez. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812007000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000300008)> Acesso em: 24 out. 2022.

RIGO, Kate Fabiani. **Vamos começar pelo fim?**: a pedagogia cemiterial como projeto educativo no espaço escolar. São Leopoldo, RS, 2015. 208 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015. Disponível em: [http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/593/1/rigo\\_kf\\_td142.pdf](http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/593/1/rigo_kf_td142.pdf). Acesso em 28 jan. 2021.

RIO, Francisco Manuel Martins do. **O impacto das novas tecnologias nas relações interpessoais dos jovens**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Educação Social, Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança. Disponível em:<<http://hdl.handle.net/10198/23859>> Acesso em: 24 out. 2022.

RIOS, Luís Felipe. *et al.* Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cadernos Cedes**, vol. 22, n. 57, p. 45-61, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200004&script=sci\\_arttext&tIng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000200004&script=sci_arttext&tIng=pt). Acesso em: 1 mai. 2021.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 2.ed. Lisboa: Martins Fontes, 1973.

ROSA, Rubens Olino da. **Amadurecendo com o luto**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

ROSENBERG, Marshall Bertram. **Comunicação Não-Violenta**: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SAAD, Marcelo; MASIERO, Danilo; BATTISTELLA, Linamara Rizzo. Espiritualidade baseada em evidências. **Acta Fisiátrica**, v. 8, n. 3, p. 107-112, 2001. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228888985\\_ORIGINAL\\_Espiritualidade\\_ba\\_seada\\_em\\_evidencias](https://www.researchgate.net/publication/228888985_ORIGINAL_Espiritualidade_ba_seada_em_evidencias). Acesso em: 1 mai. 2021.

SCHMIDT, Carina Inês. **Ministério da visitação comunitária**: desafios e estímulos. Trabalho Final de Mestrado Profissional, Faculdades EST. São Leopoldo, 2019.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; ZWETSCH, Roberto E. (org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. 3.ed. rev. ampl. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; DE MATTOS SILVARES, Edwiges Ferreira. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n.2, p. 227-234, 2010.

SEABRA, Filipa Isabel Lapa. **Birras infantis**: desenvolvimento e estudo de um instrumento de avaliação. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Coimbra, 2016.

SIEGLE, Carmen Michel. **Compartilha**: Subsídio didático para Ensino Confirmatório: Livro de Orientação - 1. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: IECLB, 2014.

SILVA, Thayse de Oliveira; SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 24 out. 2022.

SINISCALCHI, Marcella Bueno Brandão; CARNEIRO, Cristiana. Adolescência, Luto e História. **Cadernos de Psicanálise - CORJ**, v. 41, n. 41, p. 141-153, 2019. Disponível em: [http://www.cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/109](http://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/109). Acesso em: 1 mai. 2021.

SPRINTHALL, Norman A.; COLLINS, W Andrews. **Psicologia do Adolescente**. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

TASSO, Mateus. **Acompanhamento a enlutados**: Acompanhando crianças, jovens e à cuidadores. 2004. 33p. Trabalho Semestral, Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2004.

TERROSO, Lauren Bulcão; ARGIMON, Irani Iracema de Lima. Dependência de internet e habilidades sociais em adolescentes. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 200-219, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451846425012.pdf> Acesso em: 4 jun. 2023

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. Situação Mundial da Infância 2011: Adolescência, uma fase de oportunidades. *In*: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Relatório UNICEF**, 2011. 138 p. Disponível em:



<http://www.mpf.mp.br/pfdc/midiateca/publicacoes-diversas/situacao-mundial-infancia-2011-unicef/view>. Acesso em: 1 mai. 2021.

WAGNER, Adriana. **Adolescência & comunicação virtual**. São Leopoldo: Sinodal, 2009. (e agora.com – A era da informação e a vida cotidiana).

WORDEN, James W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto**: um manual para profissionais da saúde mental. São Paulo: Rocca, 2013.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Atualização epidemiológica semanal sobre COVID-19 - 26 de outubro de 2022**. Edição 115. Genebra, 2022. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/m/item/weekly-epidemiological-update-on-covid-19---26-october-2022>>. Acesso em 07 nov. 2022.